



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

ALINE MENDONÇA SANTANA

**INOVAÇÃO INCLUSIVA E SINGULARIDADES: UM ESTUDO COM
LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFS**

São Cristóvão

2017

ALINE MENDONÇA SANTANA

**INOVAÇÃO INCLUSIVA E SINGULARIDADES: UM ESTUDO COM
LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dr. Alice Alexandre Pagan
Co- orientadora: Prof^a Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza.

São Cristóvão

2017

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S232i Santana, Aline Mendonça
Inovação inclusiva e singularidades : um estudo com licenciados de ciências biológicas da UFS / Aline Mendonça Santana ; orientador Alice Alexandre Pagan. – São Cristóvão, 2017.
162 f.

Dissertação (mestrado em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Matemática. 2. Formação de professores em ciências biológicas. 3. Ensino superior. I. Universidade Federal de Sergipe. II. Pagan, Alice Alexandre, orient. III. Título.

CDU: 57:378.4(813.7)

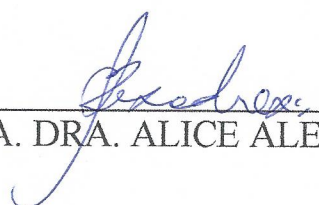


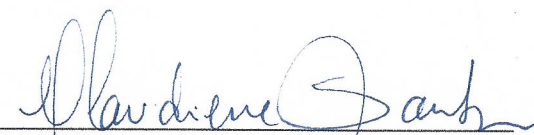
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGEICIMA




**INOVAÇÃO INCLUSIVA E SINGULARIDADE: UM ESTUDO COM
LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFS**

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
20 DE FEVEREIRO DE 2017


PROFA. DRA. ALICE ALEXNDRE PAGAN


PROFA. DRA. CLAUDIENE SANTOS


PROFA. DRA. EDINÉIA TAVARES LOPES

Dedico esse trabalho:

A Deus,

A minha mãe e meu pai Maria José e Ademir,

A meu namorado Jônathas,

A meus irmãos Caroline e Allan.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças para sempre buscar meus objetivos e por estar comigo em todos os momentos.

A meu namorado, Jônathas por ser meu principal incentivador e modelo para seguir na carreira acadêmica e buscar ser cada vez melhor em tudo que faço. Obrigada amor, te amo.

A minha família, minha mãe, Maria José e meu pai, Ademir por me darem condições de estudar e por me incentivarem nos estudos sempre. A meus irmãos, Caroline e Allan por estarem também sempre confiando em mim e me apoiando.

A minha orientadora, Alice Pagan pelos ensinamentos, orientações e puxões de orelha. Tive o privilégio de trabalhar com ela desde o começo da graduação e tudo que sou como pesquisadora devo a ela. Obrigada Alice!

A minha companheira de mestrado, Márcia Paranhos, foram dois anos de companheirismo, tanto nas aulas quanto na pesquisa. Muito obrigada amiga pelo apoio. Agradeço também a minha amiga Joanna, sempre doce e com uma palavra de conforto. A Monise que mesmo longe sempre dá um jeito de estar presente, apoiando e incentivando, beijo Mona.

Aos amigos do grupo de pesquisa Lhumen, Tayse, Fabrícia, Guilherme e Clécia.

Ao PPGEICIMA e aos professores que compõem o programa.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para este trabalho, meu muito obrigada!

“A menos que modifiquemos à nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo” (Albert Einstein).

RESUMO

Inovação inclusiva educacional é entendida aqui como um produto, por exemplo um material didático, ou processo, como um evento ou uma metodologia, resultante de ações desenvolvidas por um discente, a partir da consciência de suas singularidades, visando ampliação de suas possibilidades de desenvolvimento em um contexto educacional. Compreendemos que através da discussão sobre singularidades, tendo como objetivo o empoderamento para a inovação é possível que o licenciando seja protagonista da própria inclusão. Assim, nosso objetivo foi identificar possíveis singularidades discentes compreendendo suas relações com propostas de inovação inclusiva para alunos do curso de Ciências Biológicas, licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe. A metodologia se deu através da coleta de 6 entrevistas individuais, com sujeitos de ambos os sexos, alunos do referido curso, que aceitaram participar. O corpus do material gravado e transcrito, foi interpretado por análise temática de conteúdo de Bardin, a partir de categorias construídas a posteriori. A singularidade mais citada e apresentada por todos os entrevistados foi a socioeconômica. Outras singularidades apresentadas foram as de gênero e sexualidade e étnico-racial. A concepção de inovação dos alunos remete a uma oposição entre inovador e conservador. Todos relatam ser inovadores no tocante ao ensino, porém essa inovação geralmente está ligada a materiais e metodologias didáticas. No gradiente de inovação, a maioria dos discentes está em idealização, eles têm ideias, mas não compartilham nem as propõem. Percebemos que os discentes menos inovadores colocam mais barreiras, entre elas a insegurança foi a mais citada. Como conclusões temos que a história de vida do indivíduo nos possibilita conhecer melhor suas singularidades e estas estão ligadas às inovações que eles propõem e vão influenciar no profissional que este irá se tornar. Concluimos ainda que os alunos são inovadores, mas deixam de propor inovações por medo de opiniões de outros. Não obtivemos nenhum exemplo de inovação inclusiva proposta por eles. Acreditamos que o que falta é motivar e dar incentivo para que os discentes se sintam confiantes. Uma vez que eles se sintam mais seguros eles proporão suas ideias e conseqüentemente as inovações inclusivas.

Palavras chave: inclusão, formação de professores, inovação, políticas afirmativas

ABSTRACT

Inclusive educational innovation is understood here as a product, for example a didactic material, or process, as an event or a methodology, resulting from actions developed by a student, from the awareness of their singularities, aiming at amplifying their possibilities of development in An educational context. We understand that through the discussion of singularities, aiming at empowering innovation, it is possible for the licenciando to be protagonist of the inclusion itself. Thus, our objective was to identify possible student singularities understanding their relation with proposals of inclusive innovation for students of the Biological Sciences course, licenciatura, of the Federal University of Sergipe. Our methodology was given through the collection of 6 individual interviews, with subjects of both sexes, students the referred course, who accepted to participate. The corpus of material recorded and transcribed was interpreted by thematic analysis of Bardin content, from categories constructed a posteriori. The most cited singularity and presented by all the interviewees was socioeconomic. Other singularities presented were those of gender and sexuality and ethnic-racial. The students' conception of innovation points to an opposition between innovative and conservative. All are reported to be innovative in teaching, but this innovation is usually linked to didactic materials and methodologies. In the innovation gradient most of the students are ideally, they have ideas but do not share or propose them. We noticed that the less innovative students put more barriers, among them the insecurity was the most cited. As conclusions we have that the life history of the individual allows us to know better their singularities and these are linked to the innovations that they propose and will influence the professional that this will become. We conclude that the students are innovative, but fail to propose for fear of the opinions of others. We did not get any examples of inclusive innovation proposed by them. We believe that what is missing is to motivate and encourage students to feel confident. Once they feel more secure they will propose their ideas and consequently the inclusive innovations.

Key words: inclusion, teacher training, innovation, affirmative policies

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Distribuição das frequências que contemplam a dimensão perfil psicológico.....	40
Quadro 02: Distribuição das frequências que contemplam a dimensão das singularidades sociais.....	44
Quadro 03: Distribuição das frequências que contemplam a categoria socioeconômico.....	49
Quadro 04: Distribuição das frequências que contemplam a categoria gênero e sexualidade.....	54
Quadro 05: Distribuição das frequências que contemplam a dimensão inovação.....	58
Quadro 06: Distribuição das frequências que contemplam a categoria posicionamentos frente à necessidade de inovar.....	59
Quadro 07: Distribuição das frequências que contemplam a categoria barreiras a inovação.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição de alunos deficientes matriculados na UFS de 2007 até 2013.....	46
Tabela 02: Quantitativo de alunos deficientes matriculados na UFS em 2016.....	47
Tabela 03: Distribuição das frequências de falas na relação sujeito/ singularidade.....	66
Tabela 04: Distribuição das frequências de falas na relação singularidade/ sujeito.....	66
Tabela 05: Distribuição das frequências de falas na relação sujeito/ inovação.....	67
Tabela 06: Distribuição das frequências de falas na relação inovação/ sujeito.....	67
Tabela 07: Distribuição das frequências de falas na relação barreiras/ sujeito.....	77

Lista de Siglas

ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LHUMEN	Laboratório de Humanização do Ensino
MEC	Ministério da Educação
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
NUPATI	Núcleo de pesquisas e ações da terceira idade
PAAF	Programa de Ações Afirmativas
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGECIMA	Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências
RS	Representações Sociais
SBEEnBio	Associação Brasileira de Ensino de Biologia
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: Singularidades, inovação e Inclusão.....	18
1.1. O ensino superior e o sistema de cotas.....	19
1.2. Inclusão e participação: repensando a padronização do ensino	21
1.3. Singularidades e o ensino Ciências e Biologia.....	23
1.4. Inovação no contexto educacional	28
CAPÍTULO 2: Caminho Metodológico	31
2.1. Coleta e análise dos dados.....	32
2.2. Resumo da história de vida dos entrevistados.....	35
CAPÍTULO 3: Resultados e discussão.....	41
3.1. Análise das singularidades	42
3.1.1. Singularidades pessoais	42
3.1.2. Singularidades coletivas	45
3.1.2.1. Étnico-racial.....	46
3.1.2.2. Pessoa com deficiência	49
3.1.2.3. Socioeconômico.....	52
I- Suporte familiar	53
II- Base educacional	54
III- Desempenho acadêmico.....	55
IV- Estabilidade.....	56
3.1.2.4. Gênero e sexualidade	58
I- Sexualidade.....	58
II- Preconceito	60
III- Múltiplas jornadas da mulher.....	60
IV- Desempenho.....	61
3.2. Inovação	64

3.2.1.	Auto Análise: oposição entre inovação e conservadorismo	65
3.2.2.	Posicionamentos frente à necessidade de inovar	66
3.2.2.1.	Inercia	67
3.2.2.2.	Idealização	67
3.2.2.3.	Influência	69
3.2.2.4.	Ação	70
3.2.3.	Barreiras à inovação.....	72
3.3.	Análise comparativa	74
CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS		79
REFERÊNCIAS		84
APÊNDICE A: TCLE		91
APÊNDICE B: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS		93
APÊNDICE C: <i>CORPUS</i> DAS ENTREVISTAS		97
ANEXO 01: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA		157

APRESENTAÇÃO

No ano de 2006 foi inaugurado o *campus* professor Alberto Carvalho, na cidade de Itabaiana SE. Até então, a única forma de cursar uma universidade gratuita era viajar até a capital, Aracaju. Muitos jovens das regiões agreste e sertão do Estado tiveram sua esperança afluída com a possibilidade de cursar uma faculdade perto de casa. Fui uma dessas, prestei vestibular e fui aprovada em primeiro lugar no curso de Ciências Biológicas licenciatura.

Minha carreira científica iniciou juntamente com o segundo período quando fui convidada a fazer Iniciação Científica na área de Ensino de Ciências. Trabalhei dois anos com o tema Representações Sociais (RS). No primeiro ano, estudávamos o ser professor, aprofundando em características, metodologias, influências e o que é de fato ser um professor sob a óptica dos graduandos em Ciências Biológicas. Essa pesquisa rendeu algumas publicações como um capítulo no livro Ensino de Biologia: construindo caminhos formativos, intitulado: “Ser Professor: representações sociais de alguns alunos de Ciências Biológicas” (SANTANA et al. 2012). Publicamos também um artigo na revista da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio) que tratava das Abordagens metodológicas e as Representações Sociais sobre ser professor para alunos de licenciatura em Biologia do campus prof. Alberto Carvalho da UFS em Sergipe (SANTANA et al 2012). Entre outros artigos e resumos publicados em eventos nacionais e internacionais nos anos de 2012 e 2013. No segundo, estudamos o ser humano, tentando enfatizar alguns questionamentos fundamentais: de onde viemos? Quem somos e para onde vamos? Qual a relação entre Ciências e religião? Esses questionamentos eram feitos com o intuito de investigar como os graduandos lidam com as questões evolutivas. Desse trabalho, publicamos 1 artigo na revista da SBEnBIO, intitulado Ciência e religião nas representações sociais de estudantes universitários das Ciências Biológicas e da saúde sobre ser humano: implicações para a formação profissional (SANTANA et al 2014). Além de artigos publicados em eventos como o V EREBIO (SANTANA et al 2013);

Ao término da graduação resolvi continuar meu processo de formação ingressando no mestrado em Ensino de Ciências e Matemática também na UFS. Nesse momento surgiu uma proposta desafiadora: trabalhar sob a perspectiva da humanização no ensino de ciências, e nesse contexto buscamos uma aproximação entre inovação e inclusão. A partir dessa temática buscamos nos alunos, suas histórias de vida a fim de verificar pontos que foram importantes para formação do indivíduo e suas singularidades.

Esse estudo me chama muito a atenção pois sou de classe média baixa, fui a primeira pessoa da minha família a concluir o ensino superior. Entrei na universidade pelas cotas, sou

mulher, evangélica, pesquisadora. Tive que enfrentar alguns desafios durante minha formação e convivi com pessoas que também passaram por dificuldades. E como professora terei alunos diversos, terei de saber lidar com eles para um melhor aprendizado de todos. Assim, essa pesquisa me favoreceu e me permitiu enxergar coisas que antes não tinha pensado, e espero que com ela possa fazer com que outros professores e professoras vejam seus alunos como singulares e capazes de propor e inovar, tanto na sala de aula quanto na vida.

INTRODUÇÃO

A educação científica vem passando por modificações ao longo dos anos e na cultura atual “a ciência ocupa um lugar privilegiado” e cada vez mais as inovações tecnológicas, ligadas a ela, estão presentes na vida das pessoas (SHEID et al., 2007 p. 166). Além disso, a ciência adquiriu um caráter de poder que faz com que as pessoas acreditem cegamente no “cientificamente comprovado” (VILELA, JUNIOR, 2005, p. 39). Mesmo professores de ciências, brasileiros, apresentaram imagens deturpadas do que é ciência e estão mais próximos de habituais reducionismos científicos e mais distantes de uma aprendizagem significativa das ciências (GIL PEREZ et al., 2001, p. 139).

Nasce então, a necessidade de que todos sejam instruídos de conceitos científicos básicos para que possam lidar com o mundo caracterizado pela compreensão das interações entre ciência, tecnologia e sociedade. Moreira (2006) relata que podemos possibilitar a oportunidade de construir conhecimento básico sobre ciências e como seus processos funcionam. Este seria, para ele, um dos aspectos da inclusão social. Dar às pessoas subsídios para que construam fundamentos para entender o que acontece ao seu redor, discutindo assuntos polêmicos e participando ativamente da sociedade moderna. O autor defende ainda uma educação científica abrangente e de qualidade no ensino brasileiro.

O perfil das ciências é destacado por Teixeira (2003) como conteudista e sua forma de abordagem é marcada pelas exaustivas memorizações, além da descontextualização e falta de articulação com as outras disciplinas. Existem debates girando em torno da dificuldade do aprendizado de ciências. A esse respeito, Chassot (2003) comparou o aprendizado das ciências com aprender uma nova língua e Krasilchik (1992) afirma que é necessária uma revisão profunda dos currículos escolares e ressalta a importância de os alunos participarem dessas decisões.

Essa dificuldade enfrentada pelos alunos para aprender ciências se intensifica no caso daqueles que apresentam deficiências, sejam elas educacionais, físicas e/ou sociais. A Educação Especial, segundo Castanho e Freitas (2006), é responsável por acolher pessoas com necessidades educacionais especiais, e neste grupo o autor inclui todos os alunos que tenham dificuldades no campo da aprendizagem, seja deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, e ainda os discentes que possuam altas habilidades, superdotação ou talentos. Com a proposta da compreensão de singularidades, entendidas neste estudo como modo particular de ser, agir e pensar de cada pessoa, buscamos ampliar esse significado compreendendo que todo o aluno apresenta necessidades educacionais especiais, que podem ser identificadas em sua trajetória de vida. Acontecimentos ou características que por alguns podem ser considerados como

aspecto limitante para seu desenvolvimento, sob a perspectiva da singularidade, pode ser ressignificado como ponto chave para a transformação social. Os estudantes podem identificar suas singularidades e ao tomar consciência delas, dar-lhes voz frente ao sistema de ensino padronizador, reivindicando mudanças que lhes proporcionem melhor acesso ao conhecimento.

Ferreira (2007) e Rodrigues (2006) concordam que é necessário atender ao aluno com deficiência desde o acesso, o ingresso, permanência, até a saída para assim efetivar a inclusão. No contexto universitário, para assegurar o direito à educação e a igualdade de oportunidades, é obrigatória a reflexão sobre as condições de acesso e permanência que ela é capaz de proporcionar aos seus alunos (RODRIGUES, 2006).

Isso nos remete ao contexto das políticas afirmativas de ingresso no Ensino Superior. A expressão “Ação Afirmativa” foi utilizada pela primeira vez por John Kennedy em uma ordem executiva em 1961

, quando presidente dos Estados Unidos, a fim de promover a igualdade entre brancos eurodescendentes e demais etnias que compõem aquela cultura, demarcada pela diversidade de imigrantes (ARAÚJO, 2004).

Ações/Políticas afirmativas são um conjunto de medidas que visam a igualdade substantiva de grupos vulneráveis, como as minorias étnicas e raciais, as mulheres e outros grupos. Esse conjunto de medidas tem por finalidade remediar um passado discriminatório sofrido por esses grupos, são assim políticas compensatórias que asseguram a diversidade e a pluralidade social (PIOVESAN, 2005; JUNIOR e DAFLON, 2014; MUNANGA, 2001).

Implantadas a partir dos anos 2000, no Brasil, essas políticas visam, principalmente, a reserva de vagas em universidades públicas, tanto para alunos negros, quanto para os de classe econômica desfavorecida. Além de garantir também vagas e condições para que pessoas com deficiência possam cursar o ensino superior.

Em 2004, foi implantada a expansão orgânica das universidades brasileiras com o intuito de universalizar o Ensino Superior. Em agosto de 2012, foi sancionada a Lei nº 12.711/2012, garantindo a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 Universidades Federais e 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. E dessas vagas, uma porcentagem de acordo com a quantidade de negros, pardos e indígenas na localidade da universidade pretendida, são assegurados pela mesma lei (BRASIL, 2012).

Além dos grupos que têm sido inclusos a partir das políticas afirmativas, como os alunos afrodescendentes, pessoas com deficiência e oriundos das escolas públicas, questionamos se é

possível compreender outras singularidades a partir de aspectos biográficos dos discentes licenciandos prevendo-se adequações metodológicas e de gestão que lhes assegurem a permanência no Ensino Superior.

Assim, chegamos a uma importante questão: quais tipos de relações as singularidades podem estabelecer com as propostas e ações discentes que visam melhor adequação dos cursos de formação às suas necessidades, especialmente na licenciatura em biologia? Assim, como essas singularidades podem estar relacionadas com inovações inclusivas que esses estudantes possam porventura, propor no contexto do Ensino Superior, promovendo a própria permanência, bem como a de seus colegas, com aspectos biográficos semelhantes?

Nessa pesquisa, buscamos descrever a compreensão das singularidades discentes a partir dos seus próprios relatos e como esta pode se relacionar à autoimagem do discente como protagonista de mudanças no meio acadêmico. Assim, nosso objetivo é identificar possíveis singularidades discentes compreendendo suas relações com propostas de inovação inclusiva para alunos do curso de Ciências Biológicas, licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe.

Nosso foco esteve no processo de identificação dessas singularidades, de maneira a futuramente fornecer ferramentas aos formadores, para compreendê-las e utiliza-las no desenvolvimento do protagonismo discente. Considerando que as salas de aula são diversas e que os docentes se deparam com diferentes necessidades, preferimos não estabelecer um recorte a um grupo específico, mesmo correndo o risco de cair em algumas imprecisões terminológicas presentes nos diferentes campos da educação inclusiva, seja aquela aplicada à pessoa com deficiência, como aquela que envolve aspectos étnicos e de gênero.

O trabalho foi organizado em 5 capítulos: além desta introdução; no segundo, tratamos da fundamentação teórica, aproximando os conceitos inovação e inclusão. No terceiro, apresentamos o caminho metodológico que seguimos na busca pelos objetivos propostos. No quarto, descrevemos os resultados obtidos e a discussão dos mesmos. Por fim, tratamos de explicitar as considerações finais e possíveis contribuições da nossa pesquisa para o meio educacional universitário.

Capítulo 1: Singularidades, inovação e inclusão

Neste capítulo, buscamos descrever os conceitos chave relacionados ao nosso tema de pesquisa: singularidade, inovação e inclusão a partir da aproximação dos termos inovação e inclusão, com o propósito principal de destacar possibilidades teóricas de pensar que os alunos inclusos, a partir da consciência das próprias singularidades, possam propor inovações que garantam sua permanência no Ensino Superior, em ações protagonistas. Refletimos, também, sobre atividades de gestão e docência para inovação, discutindo possíveis relações.

Iniciamos com um apanhado do panorama atual do Ensino após a proposição de políticas afirmativas, focando nas cotas sociais e raciais. Em seguida trazemos a discussão sobre a formação de professores de ciências, discutindo a singularidade e o protagonismo dos alunos como um possível caminho para a manutenção da permanência discente na universidade. Na sequência fizemos um apanhado geral das abordagens sociais nas ciências, mostrando a relação de cada singularidade com o ensino de ciências. E, por fim, relacionamos os termos inovação e inclusão no contexto universitário de acordo com os temas sugeridos nesse estudo.

1.1. O ensino superior e o sistema de cotas

No Brasil, e, especificamente, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), vivemos um momento de transição dentro do que entendemos como formação profissional e/ou acadêmica. Um momento que envolve amplo processo de inclusão de discentes, que em outros tempos dificilmente entrariam na universidade. Não se tratam de alunos incompetentes, mas que apresentam uma formação intelectual e cultural que, por vezes, não é levada em conta em processos de seleção para ingresso em universidades.

Seguindo o padrão nacional, o graduando que geralmente ingressa na UFS é de faixa etária considerada jovem. Em 2011, um estudo estatístico nacional verificou que 73,71% dos estudantes tinha de 18 a 24 anos, sendo que no Nordeste esse percentual era quase o mesmo (73,16%) (ANDIFES, 2011). Santana et al (2013), em um estudo com 233 alunos dos cursos de ciências biológicas e da saúde da UFS, destacaram que a faixa etária dos graduandos era entre 18 e 35 anos com destaque para os mais de 50% menores de 20 anos.

Ao ingressarem no Ensino Superior, estes jovens se defrontam com um mundo novo, para alguns trata-se de um ambiente totalmente diferente do que estavam acostumados, especialmente para aqueles que vêm de contextos familiares nos quais não houve introdução da cultura acadêmica. Esse aluno precisa amadurecer abruptamente a sua postura frente aos estudos, o que demanda habilidades como autonomia, comunicação, resiliência, além de foco, planejamento e concentração nos estudos.

A transição para o ensino superior implica e é concomitante com uma série de mudanças na vida do estudante, cujo impacto depende das características desenvolvimentais do próprio jovem e das exigências e apoios dos novos contextos (SANTOS, 2001, p.205).

Almeida et al. (2006) relatam que, ao entrar na universidade, o jovem passa por várias mudanças, novos espaços, colegas, modo de se comportar e de estudar. Estas alterações podem causar maiores ou menores níveis de estresse que, em certos casos, podem conduzir ao desajustamento, fracasso e abandono acadêmicos. Cunha e Carrilho (2005) acrescentam que nesta fase, o aluno passa por múltiplos desafios derivados das tarefas psicológicas normativas essenciais à passagem da adolescência para a vida adulta. Suas singularidades são evidenciadas frente ao contexto padronizador das demandas acadêmicas. Alguns se enquadram com êxito, outros evadem e, outros ainda percorrem os caminhos da formação até o final, colecionando reprovações e frustrações.

Tacca e Gonzalés Rey (2008) explica que no início de sua trajetória escolar, o aluno transporta para a escola além da influência cultural de sua comunidade, algo muito profundo, a sua singularidade. Com aspectos próprios, o aluno se lançará no processo da aprendizagem escolar, completando essa trajetória e prosseguindo a sua construção enquanto pessoa nas novas e importantes experiências no espaço social.

Estudar e descrever singularidades é importante para auxiliar no processo de inclusão discente de maneira mais eficiente. Observando possíveis barreiras ao desenvolvimento acadêmico discente para que se crie medidas ou políticas afirmativas que possam minimizar essas barreiras.

Dados do Censo 2014, afirmam que as matrículas de pessoas com deficiência no Ensino Superior aumentaram quase 50% em quatro anos, entre 2010 e 2014, sendo que a maioria em cursos de graduação presenciais. Em 2013, eram quase 30 mil alunos, enquanto em 2010 eram pouco mais de 19 mil. Em 2004, 16,7% de alunos que frequentavam uma faculdade eram não brancos, já em 2014, esse número subiu para 45,5%. Quanto aos alunos oriundos da rede pública de ensino, antes da implantação do sistema de cotas, 1,2% dos estudantes universitários tinham renda familiar de R\$ 192 em média per capita, no Censo de 2014 esse percentual subiu para 7,6% (BRASIL, 2014).

Assim, as políticas afirmativas são importantes para o avanço da sociedade em geral, foi a partir delas que determinados grupos da sociedade puderam ter voz e garantir direitos iguais aos grupos mais favorecidos. Nas universidades, as reservas de vagas para alunos negros, alunos com deficiência e de classe social desprivilegiada deram oportunidades a esses alunos de cursar o nível superior e mudar estigmas sociais. No entanto, precisa ser feito mais para que

se possa efetivamente garantir a permanência dos cotistas nas universidades. Há uma percepção geral de que poucos professores têm modificado suas metodologias para darem conta das necessidades dos discentes inclusos (FERNANDES, 2014), especialmente no que diz respeito aos alunos com deficiência. São poucas as iniciativas institucionais que realmente dão conta de mostrar aos alunos negros, a presença de cientistas negros e da cultura africana na ciência (VERRANGIA, 2013); também de problematizar a pequena presença feminina neste campo do conhecimento (CHASSOT, 2003). Diante disso, há uma preocupação em compreender a capacidade dos licenciandos em dar voz e visibilidade às suas singularidades, e ainda existe uma preocupação em criar um caminho de formação dos alunos para o ativismo político (HODSON, 2011), essas preocupações estão presentes na discussão de uma ciência contextualizada nas relações com a sociedade e o ambiente.

1.2. Inclusão e participação: repensando a padronização do ensino

A partir dos anos 90, a palavra inclusão vem se afirmando cada vez com maior força no âmbito, principalmente, das políticas públicas de caráter social (CANDAU, 2012). Fernandes (2014) afirma que se trata de um processo complexo em um contexto sociocultural, e necessita ser refletida ativamente, além de ações que reforcem o respeito à diversidade. Trata-se da construção de uma cultura de respeito e de mudança de atitude, valorizando as diferenças culturais, sociais e individuais.

Dentre as diferentes abordagens utilizadas para descrever o processo de inclusão que tem sido implementado em diversos países, apresentamos a visão de Candau (2009) que classifica dois tipos: assimilacionista e diferencialista, e, diante dessas duas, a autora propõe uma terceira denominada por ela inclusão aberta e interativa, com a qual nos simpatizamos.

Inclusão assimilacionista, significa colocar todos os sujeitos sob uma mesma realidade, inseridos numa cultura homogênea. Na educação seria a universalização da escola onde todos são chamados a aprender, porém sem se importar com os fatores específicos à cada necessidade, envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Por outro lado, a diferencialista foca nas diferenças e leva à criação de guetos, grupos de pessoas de mesma cultura (CANDAU, 2009).

Diante desses dois tipos, considerados precários, de inclusão, Candau (2009) propõe um terceiro tipo, denominado aberto e interativo, focado na interculturalidade a fim de construir uma sociedade mais democrática e inclusiva, visando políticas de igualdade e identidade,

visando relacionar os indivíduos de diversas culturas sem que eles se desconectem de sua identidade cultural (CANDAU, 2009).

Focando na inclusão aberta e interativa, a inclusão escolar está intrinsecamente ligada ao respeito às singularidades apresentadas pelos alunos, reconhecendo-os como indivíduos que têm particularidades que necessitam ser ponderadas na elaboração de iniciativas pedagógicas que objetivem garantir o seu desenvolvimento cognitivo (MOSCARDINI; SIGOLO, 2012).

Candau (2002) aponta que a educação apresenta aspectos padronizadores. Para ela, a cultura escolar está impregnada por uma representação padronizadora da igualdade onde todos teoricamente são iguais e todos são tratados da mesma maneira, além de ser marcada por um caráter monocultural.

Buchvit (2005) explica que, nesse tipo de ensino padronizador, o aluno é tratado de forma coletiva e precisa reproduzir, literalmente, o que lhe foi ensinado. Assume-se que o processo de aprendizagem siga uma evolução linear, única e a-histórica, em todos os sujeitos como se todos tivessem as mesmas fases de desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e sexual.

Como se fosse algo comum a todas as pessoas e culturas, persistindo a pedagogia baseada na concepção de que o sujeito se desenvolve naturalmente passando por etapas e processos (BUCHVIT, 2005).

Para a psicanálise, por exemplo, não existe um desenvolvimento igual ao outro, nem físico, nem social, nem emocional. A noção de estrutura é que possibilitará entender o aluno de forma mais precisa (BUCHVIT, 2005).

A singularidade do indivíduo é marcada por sua multiplicidade, observada no antagonismo e na complementaridade entre racional e afetivo, sabedoria e loucura, certezas e incertezas (CORTADA; DIAS, 2009).

A inclusão escolar carece da elaboração de propostas adequadas para garantir a participação social desses sujeitos, levando em conta suas especificidades, pautada pela constante busca da valorização da diversidade humana, e assumindo o compromisso com o atendimento pedagógico necessário para êxito acadêmico de todos, compreendendo suas singularidades (MOSCARDINI; SIGOLO, 2012).

Diante dessas questões, acreditamos também que é necessário o aluno assumir o controle da sua inclusão. No ensino padronizador é comum que o professor assuma o controle e o protagonismo em sala, porém, para que o aluno seja realmente incluso é necessário que em algum momento ele tome esse papel e seja protagonista em sua ação. O protagonismo está presente nos trabalhos de inclusão no campo educacional e, é abordado em diversos trabalhos de ciências sociais, geralmente relacionado a minorias. Esse conceito gera controvérsias no

meio sociológico e segundo Ferretti (2004), muitos autores confundem participação e protagonismo.

Para Ferretti (1995), o termo protagonismo, no Brasil, surgiu no contexto da busca pela participação dos alunos nos processos de gestão da escola, que na década de 90, foi incentivado e valorizado pelo governo através de documentos oficiais. O objetivo é propiciar aos indivíduos sua independência de atitudes e escolhas e fazer com que ele próprio tome as iniciativas para mudar sua realidade. Acreditamos que ao dar oportunidade para o aluno ter maiores possibilidades de criar o próprio pensamento e, o fará ser mais independente e crítico quanto ao mundo que o rodeia.

Dessa forma, defendemos que é necessário que os indivíduos possam se tornar protagonistas da própria inclusão a partir de maior consciência de suas singularidades e dos contextos socioeconômicos e psicológicos que as constituem.

Assim, para uma efetiva inclusão, é necessário observar e auxiliar os discentes a perceberem as próprias singularidades, continuando o processo com o incentivo para a tomada de decisão a respeito das próprias necessidades, proporcionando que eles reflitam sobre suas dificuldades e pensem modos de melhorar sua participação no meio acadêmico.

A esse processo denominamos de inovação inclusiva no contexto educacional, que poderia ser definida, para fins desta proposta, como um produto ou processo desenvolvido por um discente, a partir de suas singularidades, visando ampliação de suas possibilidades de desenvolvimento em um contexto educacional. Essa abordagem, especialmente para os acadêmicos da licenciatura é interessante, posto que poderão estimular esse processo na escola, onde porventura venham atuar.

1.3. Singularidades e o ensino Ciências e Biologia

Não obstante ao ensino padronizador em geral, o ensino de ciências, como citado, apresenta algumas dificuldades a saber: conteúdos extensos, memorização dos conceitos, descontextualização e desarticulação com outras disciplinas (TEIXEIRA, 2003; KRASILCHIK 1992; CHASSOT 2003).

Dentro do ensino de ciências existem posturas e condutas pautadas em concepções racionalistas advindas do pensamento moderno e que tomam como válida uma única forma de saber e excluem tantas outras culturalmente válidas. O problema desse modo de ensino está na sua “postura excludente e hierarquizada frente a outras formas de saberes culturalmente constituídos” gerando preconceito e intolerância (SILVA, CHAVES, 2009).

No âmbito pedagógico os conteúdos escolares são apresentados de forma fechada, impenetrável a questionamentos e, nessa perspectiva, passam a ter valor absoluto e não relativo ao que trazem de contribuição para ampliar, acrescentar a outras formas de compreensão do mundo (SILVA, CHAVES, 2009).

Além disso, o ensino de ciências é acrítico e que “incorpora uma forma de propaganda racista sutil, difícil de ser detectada, principalmente tendo em vista que essa forma de conhecimento é comumente percebida como politicamente neutra” fazendo com que professores/as e estudantes perpetuem o racismo (SILVA, 2009. P. 12).

A ciência se configura como uma disciplina masculina, europeizada, branca e heterossexual (Louro (2000); Mortimer (1998); Chassot (2007); Olinto (2011); Bandeira (2008) Hayashi et. al (2007); Silva (2008)) e essa padronização das ciências causa desigualdades relacionadas às singularidades, sejam elas de gênero, sexualidade, sócio culturais, sócio econômicas, de pessoas com deficiência, etc.

Nas primeiras décadas do século 20, a ciência era considerada imprópria para mulheres, na Royal Society impediram a presença de mulheres nas universidades europeias. E, até hoje, a sociedade tenta definir o que é profissão de homens e profissão de mulheres (CHASSOT, 2007; BANDEIRA, 2008). As mulheres não tinham direito a patentes e, durante a revolução científica, somente os homens poderiam ser considerados pesquisadores. A presença de mulheres só seria aceita nas universidades a partir do século XIX e, em Cambridge, só seriam aceitas a partir de 1947 (HAYASHI, 2007).

Mesmo em pleno século XXI, as mulheres ainda veem sua inserção no meio acadêmico, muitas vezes, restrita às periferias das revoluções científicas, com salários inferiores e poucas vezes assumindo cargos de alta importância e responsabilidade (SILVA, 2008).

Segundo Silva (2008), a presença das mulheres na ciência é resultante de um processo produtor de muitos modos de excluir. Vivendo por muito tempo à sombra dos homens e tendo suas pesquisas usurpadas e não podendo dividir espaços científicos. Isso tudo relacionado à falta de estímulos nas escolas para estudar disciplinas como a matemática, a física, a biologia e outras. A autora ainda afirma que a falta de mulheres na ciência foi causada por uma educação sexista, começando na escola e sendo perpetuada até a universidade.

Em grande medida, poderíamos afirmar que o processo de distanciamento das mulheres para com a ciência, enquanto atividade sistematizada, começa no processo de socialização. Direcionadas para atividades ditas ‘femininas’, mesmo a entrada na carreira científica acaba esbarrando em outros constrangimentos como a difícil escolha entre família, maternidade e carreira (COSTA, 2006. p. 457).

Hoje, como reflexo dessa história, as mulheres têm de cuidar da casa, dos filhos. Possuem atribuições e deveres que os homens não têm, e essa dupla jornada pode trazer mais dificuldades para a pesquisadora. As estudantes precisam dividir sua atenção entre a

universidade e o lar o que pode acarretar em prejuízos para sua formação acadêmica e profissional. E, segundo Costa (2006), as mulheres que se dedicam ao lado profissional são por vezes criticadas e malvistas socialmente. O certo é que, como relata Unger e Santos (2015), há muito ainda que lutar para uma melhor compreensão da produção e reprodução dos papéis de gênero na nossa sociedade.

Assim como as questões de gênero estão relacionadas ao caráter das ciências, o conhecimento científico visto em cursos de formação de professores apresenta um caráter ocidental e, quase exclusivamente, eurocêntrico (SILVA, 2008).

Verrangia (2013) ressalta o papel importante das relações étnico-raciais e a cultura africana e afro-brasileira no conhecimento científico, e que estas precisam estar comprometidos com uma formação para a cidadania. Ele ainda defende a valorização dos conhecimentos produzidos na América Latina e, a partir de matrizes afro-brasileira e africana.

Munanga (2001) revela que estudos acadêmicos recentes não deixam dúvidas sobre a seriedade da exclusão do negro na sociedade brasileira, ela traz artigos que mostram os quantitativos da diferença entre alunos brancos e não brancos em universidades brasileiras. Em suma, dos universitários brasileiros, 97% são brancos, 2% são negros e 1% descendentes de orientais. No Brasil, dos 22 milhões de cidadãos que vivem abaixo da linha da pobreza 70% são negros. E ainda, dos 53 milhões que vivem na pobreza, 63% deles são negros.

Essa realidade da baixa quantidade de negros nas universidades foi abordada por Carvalho (2003), que em sua pesquisa relatou que, apesar de a população no Brasil, no ano de 2003, ter 47% de negros o contingente de estudantes não passava de 12% e o de professores era menor que 1%. E ainda que a média de estudantes negros era de aproximadamente 2% de pretos e 10% de pardos, e estes negros geralmente se encontravam nos cursos chamados de baixa demanda e geralmente em faculdades particulares de menor prestígio. É sabido que, somente após o ano de 2012, com a inserção das cotas esse quadro veio a mudar.

Antes da sua adoção, as cotas eram motivo de muitas discussões.

A universidade passou a ser cada vez mais vista como um espaço aberto a processos de democratização e instrumento de promoção de igualdade de oportunidades. [O acesso o que antes se baseava apenas em méritos, agora passa a ser mais democratizado pois], ao final do processo de escolarização básica, estudantes negros e pobres enfrentam todo tipo de adversidade para ingressar na universidade, não dispondo de acesso a formas de treinamento e estudo comparáveis às dos estudantes das classes médias e elites (JUNIOR, DAFLON, 2014. p. 32).

Na discussão sobre o ensino de ciências, Silva (2009) afirma que o caráter acrítico do ensino e aprendizagem de Ciências, provoca a manutenção do racismo em professores/as e estudantes. Ela explica que “o ensino de Ciências incorpora uma forma de propaganda racista

sutil, difícil de ser detectada, principalmente tendo em vista que essa forma de conhecimento é comumente percebida como politicamente neutra” (SILVA, 2009. p. 12). Ela relata ainda que a maioria dos professores não se sentem preparados para tratar de questões étnico raciais em sala de aula.

O ensino de Ciências deve abordar informações sobre a origem do conhecimento ocidental e sobre a história de conhecimentos produzidos no continente africano. Para tanto, deve questionar a visão dominante que coloca a Europa, e mais especificamente a Grécia, como única fonte inicial do pensamento científico. Dessa forma, indica-se a importância de questionar o eurocentrismo das Ciências Naturais e o papel que assumiu na história em reforçar e legitimar explorações de africanos/as e seus descendentes. (SILVA, 2009, p. 151).

Assim sendo, além das dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes diariamente, o aluno negro enfrenta preconceitos e estigmas na sua vida acadêmica. As ciências acabam desconsiderando as contribuições das culturas Africanas e Afro Americanas para o desenvolvimento científico o que reforça a discriminação sofrida por essas culturas.

Em relação a singularidade dos povos indígenas, Bernardi e Caldeira (2012) trazem um histórico da dominação da cultura dos índios que teve início com os a catequização dos Jesuítas. Desde aí houve uma integração e homogeneização cultural, os portugueses julgavam a cultura indígena como inferior. Apenas em 1988, foi dado o direito aos indígenas de praticar suas formas culturais garantindo sua alteridade.

Quanto às questões sócio econômicas, Correa e Castro (2000) relatam que o Brasil, nos seus 500 anos, é um país marcado por desigualdade de renda e altos índices de pobreza. Essas desigualdades estão embaralhadas entre culturas e povos diversos que compõem a história do nosso país.

Essas questões econômicas estão ligadas também às regiões que compõem geograficamente o país. No ano de 2000, a proporção de pobres no Brasil era mais elevada no Norte (43%) e Nordeste (46%), sendo de 23% no Sudeste, de 24,5% no Centro-Oeste e de 20% no Sul. Sendo que a maior porção de pobres residem na zona rural e o estado mais pobre é o Piauí (CORREA; CASTRO, 2000. p. 199).

Essa parcela da população, geralmente tem necessidade de trabalhar mesmo ainda sendo muito jovens e inclusive enquanto estudam. Esses alunos precisam garantir sua permanência na escola e ou universidade. Fernandes e Oliveira (2012) afirmam que essa permanência requer alguns sacrifícios para viver em dupla-jornada, para estudar e trabalhar ao mesmo tempo, além da falta de estímulos, e os prejuízos causados pelo do cansaço físico e mental.

É notável que o acesso ao ensino superior é diferente para cada parcela da sociedade no tocante às classes sociais. Os estudantes das classes mais baixas estão rompendo barreiras, tanto sociais, quanto econômicas. Para eles é a realização de um sonho de chegar à universidade. E geralmente uma forma de alcançar esse objetivo é escolher cursos considerados de menor prestígio e assim de menor concorrência (ARANHA, SOUZA, 2013).

Dentre os fatores que determinam o desempenho dos alunos, o nível socioeconômico tem uma grande influência na performance dos mesmos. Isso é evidenciado pela grande quantidade de estudos que concluem que o aspecto socioeconômico pode determinar o desempenho dos alunos (COSTA, 2010. p. 15).

Nesse contexto, as questões sociais e econômicas se relacionam facilmente com as outras singularidades já vistas.

No Brasil, a maior parte da população pobre e com baixa escolaridade é afrodescendente e constata-se preconceitos raciais em vários contextos, inclusive educativos. Os preconceitos afastam os jovens das escolas impedindo-os de ascender a conhecimentos científicos que os capacitem para participarem em decisões sobre questões CTS (SOUZA et al. 2016, p. 823).

Por fim, no que se refere à pessoa com deficiência, vários artigos tratam do ensino de ciências voltado para esse público. Principalmente para alunos cegos ou com baixa visão e surdos ou deficientes auditivos. Porém, nessas pesquisas, geralmente são desenvolvidas inovações metodológicas para auxiliar os professores no processo de ensino aprendizagem.

Existe, como nas outras singularidades citadas, exclusão das pessoas com deficiência. Referente à deficiência visual, Costa et al. (2006) afirmam que tanto do ponto de vista educacional como tecnológico e trabalhista os alunos com deficiência visual continuam sendo excluídos. Muitas vezes, a falta de compreensão da deficiência causa a desconsideração por parte da escola para com o aluno. “A escola definitivamente não é um horizonte de possibilidades para os deficientes visuais, um mundo que se insere no universo das potencialidades do ser humano” (COSTA et al. 2006, p. 151).

O caso do ensino de ciências, como no ensino das outras disciplinas, apresenta uma série de barreiras que compromete e exclui o aluno das possibilidades da educação científica. Costa et al. (2006) elencam alguns fatores que estão ligados às barreiras do aprendizado desses alunos: falta de recursos didáticos adequados, desuso da tecnologia, ausência de experimentação, a didática baseada exclusivamente no visual, a evasão escolar, o despreparo docente, etc.

Dickman e Ferreira (2008) elucidam que a formação de professores é pautada em alunos que não possuam deficiências, e além disso não contemplam as singularidades. Estes cursos oferecem apenas paliativos que, quando muito, amenizam o cotidiano da escola no quesito inclusão.

“A inclusão no âmbito acadêmico requer professores preparados para atuar na diversidade, compreendendo as diferenças e valorizando as potencialidades de cada estudante, de modo que o ensino favoreça a aprendizagem de todos” (FERNANDES, 2014, p. 52).

Carlan e Dias (p.7. 2015) afirmam que, dentro da Universidade, precisa-se investir na formação de professores “capazes de abordar, com segurança e sabedoria a cultura que se insere na comunidade escolar, como por exemplo, através de assuntos polêmicos como o preconceito étnico-racial não se restringindo apenas aos conteúdos específicos de sua área de formação”. Elas afirmam que essas discussões são essenciais na construção da autonomia, da cidadania e de indivíduos preocupados em fazer do Brasil um país, de fato para todos.

Na UFS existe o programa Incluir, responsável por atender os alunos que possuam algum tipo de deficiência. O atendimento acontece nos três turnos, eles dão apoio tanto para locomoção, fornecendo cadeiras de rodas elétricas, quanto para necessidades educativas como intérpretes para auxílio em aulas e provas. Além de dar orientações aos estudantes que estão buscando seus direitos e auxilia professores a se capacitar para o trabalho com os alunos que possuem deficiência (FERNANDES, 2014).

Partilhamos da opinião de Fernandes (2014) de que existe uma necessidade de se estabelecer um sistema educacional inclusivo, a fim de promover a participação de todos e todas, independente de etnia, religião, língua, condição socioeconômica ou condição física de cada um. É de suma importância um currículo voltado para a diversidade dos discentes. E mais essencial ainda é o atendimento às necessidades desses, pautado em suas singularidades.

1.4. Inovação no contexto educacional

O conceito Inovação inclusiva foi por nós construído, a partir da busca pela aproximação dos termos inovação e inclusão. Os dois temas são alvos de debates no meio acadêmico. Geralmente, estão interligados, mas em nenhum dos textos que encontramos, estavam diretamente relacionados.

A inovação é um tema atualmente relacionado a diversas áreas. Na educação, muitas vezes, é vista de forma equivocada, geralmente, sendo relacionada a tecnologias. Ao contrário do que muitos acreditam, tecnologia não é um conjunto de máquinas e equipamentos eletrônicos, mas sim um meio, uma solução para uma determinada necessidade ou problema (RODRIGUES, 2013). É notória a quantidade de recursos tecnológicos visíveis à sociedade, mas, Siqueira (2012) ressalta que esses avanços pouco entraram nas salas de aula. Geralmente o que se pensa ser inovação na educação está somente ligado a metodologias diferenciadas utilizadas nas aulas. Na pesquisa de Leal e Mortimer (2008), alguns professores de Minas

Gerais, que participaram dos programas de apresentação e capacitação para implantação da nova proposta curricular de química do Estado no ano de 2008, conceituaram inovação principalmente como a abordagem de temas cotidianos e a realização de experimentos em sala de aula.

Segundo Garcia (2009), inovar, no campo educacional, é uma tentativa de melhorar um sistema, uma escola, uma aula. É a criação de algo novo para, dentre muitas coisas, dar respostas para um problema, ou simplesmente viver a experiência do novo. No conceito proposto por Carbonell (2002) seria a introdução de projetos, programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e, também, organização e gestão do currículo, escola e dinâmica de classe. Não é apenas verificar até que ponto as novidades podem melhorar o sistema educacional, mas fazer com que elas gerem mudanças.

É importante também que essas inovações não sejam pensadas somente pelos professores ou gestores, é possível que o aluno seja incentivado a inovar para resolver as questões que afetam o desempenho deles próprios e dos colegas a fim de incluir-se no meio em que está inserido.

As atuais demandas da “Sociedade do Conhecimento” suscitaram, pela exigência de novas habilidades e competências, uma deficiência nas carreiras profissionais. Além da competência técnica, já antes exigida, o profissional agora deve ter alguns atributos, a saber:

Trabalho em equipe, adaptação a situações novas, aplicação de conhecimento e aprendizagens, atualização contínua pela pesquisa, abertura à crítica, busca de soluções criativas, inovadoras, fluência em vários idiomas, domínio do computador e de processos de informática, gestão de equipe, diálogo entre pares (MASETTO, 2004. p. 200).

Essas exigências afetam diretamente a universidade em seu papel de formação do profissional exigido pela sociedade atual. O que nos remete à inovação na educação superior (MASETTO, 2004). Além disso, no âmbito atual da educação, “é importante preparar os alunos para que sejam inovadores e criativos; que tenham um bom conhecimento de si mesmos, uma boa autoestima e que aprendam a ser cidadãos, com um comportamento ético e preocupação social crescentes (MORAN, 2004. p. 347).

Diante desse panorama, uma aproximação entre singularidades, inovação e inclusão, pensando a educação, nos permite analisar cada indivíduo e motivar que ele se auto avalie, também. Uma vez que o indivíduo se conhece ele poderá identificar seus pontos fortes e de melhoria, bem como buscar alternativas para solucionar eventuais barreiras para seu sucesso no desempenhar das funções relacionadas à aprendizagem. Somente a pessoa que passa por determinada situação, conhecendo seu próprio ponto de vista, saberá o que pode ser mudado

para que seu desempenho seja favorecido, e uma vez emancipado ele poderá gerar mudanças não só para ele, mas para outros que eventualmente sofram com os mesmos problemas.

CAPÍTULO 2: Caminho Metodológico

Este capítulo é dedicado à apresentação do caminho metodológico que seguimos para buscar atender os objetivos propostos. Primeiro as motivações da pesquisa e da escolha dos participantes além do detalhamento do processo de coleta de dados e da análise dos dados através da análise de conteúdo de Bardin (2004). Em seguida temos a utilização da metodologia da história de vida, e trazemos o resumo da história dos entrevistados obtidos através de suas falas na entrevista.

2.1. Análise dos dados

Desde antes da implantação da política de cotas no ano de 2012, a UFS já discutia e debatia sobre as questões sociais e de inclusão de grupos denominados minoritários na sociedade. Sua expansão orgânica para os *campi* do interior do Estado, começou em 2004 e possibilitou a entrada de estudantes que antes não tinham como se deslocar até a capital para cursar uma universidade pública. Além disso, grupos como o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFS)/Programa de Ações Afirmativas (PAAF) e ainda o Núcleo de pesquisas e ações da terceira idade (Nupati) estão preocupados com a universalização do ensino superior e em inserir e melhorar a permanência dos discentes na universidade.

Não diferente da instituição, o curso de licenciatura em Ciências Biológicas se destaca quanto à preocupação com questões sociais. O curso foi um dos primeiros a incluir em sua grade obrigatória a disciplina de Corpo, Gênero e Sexualidade, no ano de 2014, ação importante pois o professor de Ciências e Biologia lida em suas disciplinas com essas questões de diversidade e gênero.

Pensando nessas questões escolhemos nossos sujeitos de pesquisa, graduandos da licenciatura em Ciências Biológicas. A princípio focaríamos nos cotistas, porém resolvemos trabalhar visando as singularidades e características apresentadas por cada um dos alunos sem distinções.

Trabalhar com os licenciandos de Ciências Biológicas se faz interessante especialmente pelo fato de compreendermos, conforme Pagan (2009), que essa disciplina pode ser um interessante instrumento para superação de preconceitos sociais, especialmente, pelo fato de que ao estudarmos sobre os demais organismos vivos, estamos construindo nossas alteridades como humanos, ou seja, os limites daquilo que somos e não somos na interação com a natureza. A compreensão de que nossas diferenças estão no plano cultural, mas que nossas necessidades humanas são as mesmas, pode ser um importante começo para nos compreendermos no campo da igualdade.

Partimos das preocupações de um projeto maior, construído no contexto do Laboratório de Humanização do Ensino (LHUMEN), intitulado “Humanização na Formação de Professores de Ciências e Biologia: um projeto inclusivo”, que visa identificar recursos afetivos e emocionais de alunos de licenciatura e professores, atuantes na educação básica que possam contribuir para a construção de métodos de ensino e aprendizagem inovadores e inclusivos, bem como métodos de diagnóstico quantitativos e qualitativos para identificar recursos afetivos e emocionais que possam aprimorar as performances de discentes e docentes.

Para este estudo maior criamos e validamos um roteiro de entrevistas (Apêndice A) com os temas: 1) singularidade, 2) habilidades sócio emocionais e 3) inovação. Sendo que as relações entre os temas 2 e 3 foram analisados por outra pesquisadora do grupo. De maneira que focamos nas relações entre singularidade e inovação, neste estudo.

Nos temas que utilizamos para nortear as entrevistas semiestruturadas, pedimos aos entrevistados que falassem sobre como eles se veem hoje, sobre sua infância, adolescência, entre outras perguntas. Esse roteiro foi devidamente avaliado para adequação de linguagem e verificar se as questões estavam em adequação aos objetivos da seguinte maneira: primeiramente, foi submetido à 3 juízes, professores doutores com experiência nesse tipo de método de pesquisa e em segundo lugar, fizemos uma entrevista comentada, com dois estudantes de Ciências Biológicas e ainda uma entrevista piloto com outra aluna. A realização da entrevista comentada nos permite saber se a linguagem do roteiro está adequada ao público alvo, bem como se os alunos compreendem, nas perguntas, aquilo que entendemos perguntar. A realização da entrevista piloto nos permite vislumbrar as respostas que obteremos nas entrevistas.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com alunos de diferentes idades e em variados períodos do curso, escolhemos alunos de Ciências Biológicas que participaram do I Encontro Nacional de Ciências e Habilidades Sócio-emocionais (I CHA-SE), realizado pelo grupo de pesquisa Lhumen no ano de 2016. Neste evento os alunos participaram de um mini-curso que em sua ementa havia a prática de atividades para o desenvolvimento do autoconhecimento. O número de entrevistados se deu pelo critério de saturação do discurso, que conforme Fontanella et al. (2008), é uma ferramenta conceitual utilizada em pesquisas qualitativas para fechar o tamanho final de uma amostra, quando os dados começam a se repetir, cessando assim a captação de novos componentes. Porém, após as análises para a qualificação percebemos que necessitávamos entrevistar algum aluno ou aluna envolvidos com centro acadêmico para

observar se o nível de participação em movimentos estudantis influía de algum modo nas propostas de inovação do entrevistado.

Todas as entrevistas foram gravadas, com a devida autorização dos participantes através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), e em seguida transcritas. De acordo com Pádua (2007), a técnica de entrevista semiestruturada, semelhantemente á estruturada, o pesquisador utiliza um conjunto de questões, mas diverge da outra por permitir que o entrevistado tenha liberdade em discorrer sobre o tema proposto. Esta técnica nos é adequada por ser usada em qualquer segmento da população e utilizada para obter aspectos do comportamento humano. Por outro lado, apresenta também pontos desfavoráveis, como por exemplo, os entrevistados podem não dar informações de forma precisa ou o entrevistador pode interpretar os dados obtidos de maneira errônea, o que buscamos minimizar a partir da utilização da técnica de análise de conteúdo, no processo de interpretação das falas.

Sendo assim essa técnica foi escolhida, principalmente por dar liberdade ao entrevistado para expor suas ideias, dando uma melhor interpretação de suas opiniões e conceitos pessoais, referentes ao tema abordado, buscando nuances e detalhes dos processos investigados.

As entrevistas realizadas com 6 discentes, sendo 3 homens e 3 mulheres. A idade varia de 21 a 34 anos. As falas dos entrevistados transcritas formam o corpus das entrevistas. Esse corpus foi submetido a uma análise de conteúdo temático conforme proposto por Bardin (2004). Essa técnica é utilizada para dar ao pesquisador autonomia para interpretar as falas dos entrevistados sem comprometer o caráter científico da pesquisa.

Considerando os objetivos desta pesquisa, fizemos duas categorizações. Primeiramente, buscávamos compreender e mapear as singularidades individuais¹ dos discentes. Assim o *corpus* foi organizado em categorias que versaram sobre elementos que compõem as falas discentes sobre seus perfis individuais, composta por 3 categorias: 1) ser; 2) ter 3) gostar.

Em seguida, apresentamos as categorias relativas à aproximação dessas falas com possíveis singularidades, de um ponto de vista relacional, posto a relação dinâmica entre as singularidades individuais, implicação social e resposta psicológica que os mesmos caracterizam. Neste momento, construímos outras 4 categorias, relacionadas às singularidades

¹ Singularidades individuais são aquelas que os indivíduos expressam suas qualidades e defeitos, são singularidades que não dependem da interação com os demais.

relacionais², com respectivas subcategorias: 1) étnico-racial; 2) Pessoa com deficiência; 3) Perfil socioeconômico e 4) Gênero e Sexualidade.

Em uma segunda fase, fizemos a categorização das falas que se remetiam à inovação, de maneira que pudéssemos buscar pontes com a primeira categorização. Neste segundo momento foram construídas 3 categorias: 1) Autoanálise: oposição entre inovação e conservadorismo; 2) Posicionamentos frente à necessidade de inovar; e 3) Barreiras à inovação. Para a comparação, imprimimos as entrevistas com cores diferentes para cada entrevistado e em seguida recortamos em unidades de registro e criamos 2 critérios de separação ambos temáticos, novamente passados pelo crivo de juízes, 5 pesquisadores entre mestrandos e alunos de iniciação científica do nosso grupo de pesquisa (LHUMEN). Um dos critérios de separação seguiu os temas da análise das singularidades e o outro levou em consideração as inovações em vários níveis de participação, assim foi possível compreender que perfis estavam mais ou menos associados a determinadas categorias de singularidades e de inovações.

2.2. História de vida dos entrevistados

Nas pesquisas sociais é comum o uso da metodologia história de vida. Brandão (p. 1. 2007) relata que a história de vida, que teve seu marco inicial com os trabalhos dos sociólogos Thomas e Znaniecki, no ano de 1918, procura “dar conta das influências socioculturais naquilo que o indivíduo é e faz, inserindo-se na linha das metodologias qualitativas de investigação social, sobretudo quando é usada como técnica principal de recolha de dados”. A autora ainda ressalta que “uma história de vida é sempre individual e única [...]contada a partir da sua perspectiva e à luz da sua experiência”.

Leite (p.7, 2003) afirma que no início, essa técnica era utilizada para estudos sociológicos centrados “em realidades chamadas do desvio social: pobreza e exclusão social, imigração e segregação étnica, criminalidade, delinquência juvenil, doença mental” e que “depois de um período em que foram deixadas à indiferença” esse método voltou a ser usado “e parecem tornar-se uma técnica fecunda, sob o olhar interessado de múltiplas disciplinas e curiosos olhares”.

Dessa forma, o roteiro de entrevistas pedimos aos discentes que falassem um pouco de sua vida, infância, adolescência e fase adulta. Pedimos também que eles relatassem dificuldades enfrentadas e momentos em que eles se sentiram bem ou mal. Para uma melhor análise dos

² Singularidades relacionais são as singularidades expressas, ou não, no contato com o outro, são relacionadas a questões sociais ligadas ao convívio em sociedade.

dados que foram abordados no capítulo de resultados, trazemos os relatos desses alunos em formato de história.

Para garantir o anonimato dos entrevistados demos nomes fictícios a eles. Todo o relato se baseou nas respostas deles e se manteve fidedigno ao que eles informaram. Nossos sujeitos foram nomeados como: Alicia (34 anos), Luna (22 anos), Sophia (31anos), Dante (21 anos), Ian (22 anos) e Max (21 anos).

Alicia

Aos 6 anos de idade, Alicia foi deixada pela mãe, ficando apenas ela, seu irmão e seu pai. Sempre extrovertida e comunicativa, Alicia nunca teve problemas para se socializar. Porém sua relação com seu pai foi um pouco tumultuada. Eles sempre tiveram opiniões divergentes, brigam às vezes, mas no fim acabam se entendendo. Com o abandono da mãe ela se sentiu sobrecarregada, por ser a única mulher da casa e tendo que cuidar do pai e do irmão mais novo.

Na adolescência, Alicia era uma moça estudiosa, seu pai sempre deu condições para que ela estudasse. Uma típica moça do interior. Calma, “meio tabaroa³” (como ela mesma se definiu), porém extrovertida. E acima de tudo Alicia prezava pelo respeito aos mais velhos. Aos 15 anos saiu do interior e foi para a capital, terminar o ensino médio. Por gostar bastante de biologia, decidiu prestar vestibular para essa área. Reprovou duas vezes e, na terceira conseguiu ser aprovada.

Ao entrar na faculdade o mundo de Alicia vira-se ao contrário. A mocinha do interior se depara com um mundo novo de pessoas completamente diferentes daquela que ela estava habituada. Pessoas diferentes do que ela foi ensinada a ser e a agir. Roupas, cabelos, atitudes. Tudo muito diferente do modelo interiorano que lhe fora passado em toda sua infância e adolescência. Alicia passou a frequentar festas, experimentou bebidas alcoólicas, experimentou a liberdade. Mas com toda essa mudança veio também a insegurança, o medo. Em casa era cobrada para ter uma graduação, ser alguém na vida. Alicia passa então a se perguntar o que ela estava fazendo ali. Quem ela era? Alicia percebe que só está tentando agradar os outros e não a ela mesma. A cabeça dela não estava preparada para tantas mudanças e no último período ela abandona o curso e entra em depressão.

Ela ficou 3 meses sem falar, sem se expressar. Guardou tudo para si mesma. Alicia começa a trabalhar e tenta sair disso tudo, ela conhece um rapaz e se envolve com ele. Até que o inesperado acontece, Alicia engravida e tudo muda de foco. Não existe mais espaço para

³ Tabaroa: expressão regional que significa timidez em excesso.

depressão. A filha é para ela agora sua luz, sua razão de viver, ela encontrou na filha um motivo para existir. Após 8 anos, Alicia resolve voltar à faculdade, com novas expectativas e mais experiente e decidida que antes.

Luna (22)

Luna é uma menina extrovertida e dinâmica que gosta de se relacionar com as pessoas. Na infância Luna se considerava uma pessoa chata, cheia de espontaneidade e que gostava muito de “aparecer”. Na escola sempre foi muito participativa, nunca tímida.

Na vida adulta Luna inibiu um pouco essas características, se tornou uma mulher mais séria e introvertida em alguns momentos. Passou a ter receio das pessoas, do julgamento das pessoas, muitas vezes escondendo sua essência espontânea.

Luna ingressou na universidade na modalidade Educação à Distância (EAD) e depois migrou para o ensino presencial. Tem na sua família, principalmente na irmã mais velha e no namorado, o suporte emocional para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Apesar do receio das pessoas, Luna gosta de ser notada. Na universidade, sempre procura argumentar cientificamente os temas e participar ativamente das aulas. No emprego ela mostra eficiência, sempre comprometida com as atividades desenvolvidas. Porém, algumas pessoas a impedem de ser como ela mesma é. Ela se entristece com a falta de atenção e respeito dos outros.

É aberta a novas experiências e gosta do novo. Saiu de casa cedo para estudar, apesar do medo que tinha sempre enfrentou os desafios. Extremamente organizada e ciumenta com suas coisas. Teve que assumir responsabilidades ao sair de casa, porém, teve na irmã uma pessoa para resolver algumas coisas por ela. Centrada, Luna gosta de seguir regras e se orgulha de nunca ter reprovado em disciplinas. Por ter estudado à distância adquiriu uma organização nos trabalhos e deveres acadêmicos.

Apesar de ser uma pessoa bastante amigável, quando se trata de trabalhos acadêmicos assume uma postura mais individualista. Luna não gosta de depender de outras pessoas.

Durante a graduação, enfrentou problemas para conciliar estudos e trabalho. Hoje, sua preocupação é com o futuro, ela tem medo de não conseguir um bom emprego, uma vida social estabilizada. Acima de tudo, Luna é uma pessoa persistente, determinada, teimosa, amorosa, estável, curiosa e paciente.

Sophia (31)

Uma menina muito amada pelos pais, era uma criança sapeca. Na adolescência seu pai falece e ficam somente ela, sua mãe e irmã. Sophia engravidou cedo e casou-se. Hoje ela tem dois filhos. Sempre estudou em escola pública, pois, sua condição financeira não era das melhores.

Ao terminar o ensino médio Sophia queria trabalhar, mas sem cursos de especialização não conseguiu o emprego que queria e acabou trabalhando em casa de família. Porém, uma amiga a chamou para fazer a prova do ENEM e cursar uma faculdade. Num primeiro momento não entrou, mas incentivada pela irmã tentou novamente e conseguiu. Apesar da vontade do pai, enquanto vivo, de querer que ela fosse médica, ela resolveu realizar seu sonho e ser professora. Ao entrar contou mais uma vez com o apoio de amigos e tentou entrar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)⁴, conseguiu e recebe uma bolsa, o que a ajuda bastante.

Enquanto na infância ela era extrovertida, com o passar do tempo se tornou tímida e contida. Sophia quer ter uma postura de mãe e esposa. Se divide entre sua família e os estudos. É uma mulher organizada, responsável, comunicativa apesar de ser tímida. Gosta de coisas novas, porém, mantém tradições familiares principalmente de coisas que a fazem lembrar de seu pai.

Na faculdade se esforça bastante pois não se considera uma pessoa inteligente. Se desdobra para não deixar a família de lado e nem perder o foco na universidade. Seu sonho é se formar para poder dar uma vida melhor para seus filhos.

Dante (21)

Dante sempre foi um menino “traquino”, porém disciplinado. Teve uma boa infância, jogou bola na rua, jogou vídeo game, enfim, brincou bastante. Mas também aprendeu desde cedo a ajudar em casa, tanto em tarefas domésticas quanto no cuidado com sua irmã mais nova. Na adolescência, Dante era muito dedicado e aplicado nos estudos e, desde cedo, tinha o objetivo de cursar uma faculdade. Como todo adolescente, namorou e brincou bastante, mas na sala de aula sempre respeitou os professores e tem boa relação com os colegas.

Hoje, Dante está no curso que queria e quase terminando. Sua preocupação agora é com o futuro profissional. Sua maior preocupação é em não conseguir um emprego na sua área de

⁴ Programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos de licenciatura que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública.

atuação, já que ele não consegue se ver fazendo outra coisa que não seja envolvido com biologia e ensino de biologia.

Dante é um líder nato. Sempre que pode ele toma a liderança para ele e coordena da melhor maneira que consegue. Seja na faculdade ou no grupo da igreja, Dante sempre está no comando. Muito ligado à mãe e a avó, é nelas que ele busca consolo e força em momentos difíceis. Para sua irmã ele tenta ser o guia, o exemplo a ser seguido.

A universidade para ele foi um divisor de águas, e esse contato com o novo mundo, diversidade de pessoas e ideias, fez com que ele valorizasse mais ainda o respeito às diferenças. É um rapaz organizado e responsável, se relaciona bem com as pessoas e busca sempre dar o seu melhor em tudo que faz.

Tranquilo, esforçado, líder. Gosta de sempre servir de exemplo e não espera dos outros o que ele mesmo não faz e sempre se coloca no lugar dos outros. Porém, é inseguro e tem medo do que as pessoas pensam dele.

Ian (22)

Ian teve uma infância muito boa. Criado numa casa muito grande com pátios e um quintal com árvores. Ele e o irmão mais velho levavam os colegas e primos para brincar em casa. Eles eram muito amigos e sempre brincavam juntos. Seus pais sempre deram liberdade para brincar, porém, com alguns limites. Na adolescência se tornou um adolescente chato e cheio de vontades, mas nunca desrespeitou os mais velhos. Ian tinha muitos sentimentos e emoções que não entendia, ele queria ter tido a oportunidade de conversar com seus pais sobre esses assuntos, mas não teve. Ian teve crises de personalidade e achava que os pais gostavam mais do irmão que dele. Assim aquele companheirismo com o irmão deu lugar a um afastamento entre eles. Além disso, Ian se sentia estranho pois todos seus amigos ficavam e namoravam, mas ele se retraiu pois não se encontrava. Quando entrou na universidade ele teve contato com pessoas diferentes, com pensamentos políticos e de vida diferentes e que tiveram as mesmas questões que ele durante a adolescência e assim ele se descobriu bissexual e está aprendendo a lidar com sua sexualidade.

Sua mãe é formada em Educação Física e batalhou bastante para que Ian estudasse em colégios particulares. Ao ingressar no ensino superior, sua primeira opção de curso foi o bacharelado em Biologia, porém não conseguiu se encontrar no curso e acabou migrando para a licenciatura. Desde cedo ele já gostava de ensinar, de ajudar os colegas na escola a entender os assuntos e de dividir seus conhecimentos. Ele busca sempre incluir sua religião na profissão. E se sente muito realizado no curso que faz.

Ian ainda não se considera adulto. Ele está passando por outra crise, desta vez por não se sentir adulto. Ele ainda não trabalha, ou seja, não tem emprego. É sustentado pelos pais, mas não se incomoda com isso e nem seus pais. Porém, ele não tem tanto dinheiro assim e deve satisfações a eles. Ele tem pouco dinheiro e muita responsabilidade, e se sente muito cobrado pela sociedade pois ele já tem 22 anos e ainda não trabalha, ainda não tem namorada nem namorado e se sente pressionado por essas questões.

Ian é bissexual e é evangélico também. É negro e faz parte da militância negra. Apesar de ter estudado em escola particular não tem condições financeiras excelentes. Sua mãe é professora e foi a primeira de sua família a se formar e, por isso, fez questão de investir na formação de Ian e de seu irmão.

Max (21)

Max é um jovem de 21 anos. Na infância era uma criança quieta, não brincava muito e era bastante estudioso. Na adolescência e até hoje Max reserva muito do seu tempo aos estudos. Ele entrou na universidade cedo e escolheu o curso de Ciências Biológicas licenciatura, curso que ele gosta muito. Max é um rapaz de poucas palavras e que não gosta muito de falar de si mesmo. É organizado e responsável e se considera uma pessoa confiante e esperançosa.

CAPÍTULO 3: Resultados e discussão

Neste capítulo, apresentamos os resultados das entrevistas, primeiramente, no tópico 3.1 mostrando as categorias construídas sobre esses perfis e suas singularidades, no tópico 3.2, sobre a inovação, bem como, no 3.3, relacionando ambas as categorias.

No primeiro subtópico trazemos uma categorização com as singularidades individuais e relacionais dos discentes, com suas categorias, posto que se trata da auto identificação dos discentes e de suas implicações sociais, em um processo de retroalimentação e interação entre aspectos psicológicos e sociais.

No segundo, mostramos os temas relacionados à inovação. Nesse momento, discutimos os níveis de inovação propostas pelos entrevistados e ainda as barreiras que os impedem de inovar.

E por fim construímos uma análise comparativa entre as singularidades apresentadas na primeira categorização e as inovações da segunda.

3.1. Análise das singularidades

Para a construção da dimensão Singularidades individuais, quadro 01, agrupamos 4 categorias ser, gostar, ter e modéstia. Essas categorias representam as singularidades pessoais dos discentes entrevistados.

Quadro 01: Distribuição das frequências que contemplam a dimensão Singularidades individuais

Dimensão	Categorias	Unidades de contexto (exemplos)
Singularidades individuais (104)	Ser (59)	Luna: Eu sou uma pessoa bem extrovertida, dinâmica[...] sou persistente, determinada, teimosa, amorosa, estável, hum... curiosa e até paciente. Alicia: eu sou uma pessoa do bem[...] eu sou muito é... passional[...] eu sou uma pessoa carinhosa[...] eu sou uma pessoa assim, muito determinada. Dante: sempre fui esforçado[...] sempre fui bem aplicado na escola[...] sou uma pessoa tranquila[...] uma pessoa que acreditou num sonho. Sophia: Indecisa, insegura [...] agora sou mais tímida, calada, um pouco nervosa às vezes.
	Gostar (24)	Sophia: Eu gosto muito da biologia. Ian: eu gosto muito do curso que eu faço[...] eu sempre gostei muito de ensinar. Alicia: eu gosto de gente, eu gosto de menino, eu gosto de velho, eu gosto de bicho, eu gosto de tudo. Dante: eu não gosto de muita coisa, pra mim o menos é mais[...] não gosto de falar de mim.
	Ter (21)	Max: é eu ter coragem. Ian: eu tenho capacidade de passar em mestrado e tal[...] eu tô tendo uma crise muito grande. Luna: sempre tive facilidade de me relacionar com as outras pessoas. Alicia: eu tenho essa cara de gente dura né? Mas eu tenho coração de manteiga.

Apesar de muitos terem tido dificuldades em falar de suas qualidades tivemos um bom número de unidades de contexto na dimensão perfil dos discentes. No primeiro tema que se refere ao ser, tivemos o maior índice de unidades. O verbo ser variou no presente (26) e passado (10) e ainda foi usado no modo infinitivo (3).

Ian: Sou evangélico e sempre vivi minha religião [...] hoje sou uma pessoa muito mais compassiva e sensível em relação ao outro [...];

Dante: Sou uma pessoa tranquila, um cara tranquilo, um cara tranquilo, esforçado [...];

Alicia: eu sou muito fechada nesse sentido de expressar meus sentimentos, eu sou muito fechada [...] são raros esses momentos que eu paro pra falar da minha vida [...]

Mas também sou teimosa, se eu acho que uma coisa tá errado eu brigo mesmo;

As alunas Luna e Alicia foram as que mais facilmente se descreveram usando o presente: eu sou:

Luna: Eu sou uma pessoa bem extrovertida, dinâmica [...] sou persistente, determinada, teimosa, amorosa, estável, hum... curiosa até paciente [...] eu sou única, igual a mim não tem outra pessoa;

Alicia: eu sou uma pessoa do bem [...] eu sou determinada [...] eu sou uma pessoa carinhosa [...] sou uma pessoa feliz [...] eu sou inteligente [...] eu sou uma pessoa encasquetada [...] sou conciliadora [...] sou muito sincera [...] eu sou muito passional;

Os alunos elencaram características que eles possuíam, mas que com o passar do tempo perderam:

Max: Era basicamente... era mais voltado a estudar, brincadeiras eram escassas;

Sophia: Na infância era bem-querida pelos meus pais, um pouco sapeca. Fui mudando com o tempo [...] era bem sapeca mesmo;

Luna: Na infância sempre fui muito espontânea;

Luna: eu acho que eu era uma pessoa muito chata.

Ian: eu era bem orgulhoso, e ainda sou um pouco orgulhoso, mas eu era muito egoísta era muito orgulhoso e não era nenhum pouco sensível ao outro, eu não tinha empatia.

Mas também outras que eles sempre tiveram:

Dante: Sempre fui esforçado [...] sempre fui aplicado na escola [...] sempre fui muito de respeitar os professores [...] fui sempre buscando meu objetivo que era entrar na universidade;

Alicia: sempre fui muito mesmo de respeitar os mais velhos [...] sempre fui extrovertida [...] sempre fui muito comunicativa [...];

Luna: sempre fui participativa, nunca me considerei tímida [...] sempre fui muito de me mostrar, de aparecer;

No modo indicativo eles usam o verbo ser para se expressar:

Luna: o fato de eu ser espontânea, ser desinibida para falar, eu consigo me sair bem no curso;

Alicia: o fato de eu ser extrovertida, não tem dificuldade de socializar com ninguém em lugar nenhum [...] uma criança calma, uma adolescente calma, bem assim, apesar de ser extrovertida;

Quando os alunos falam de si mesmos eles elencam uma serie de qualidades e defeitos que os fazem únicos. Eles mostraram através de suas falas que as características que tinham na

infância permanecem, mas que em alguns casos eles mudaram pois, segundo eles, algumas atitudes não eram boas para o convívio com os outros.

Na segunda categoria mostramos as falas que continham o verbo gostar no qual, ao falar de si mesmos, eles também expressaram seus gostos.

Ian: eu sempre gostei muito de ensinar;

Alicia: eu gosto de gente, eu gosto de bicho, eu gosto de menino, eu gosto de velho, eu gosto de tudo [...] eu sempre gostei de estudar [...] eu gosto das coisas bem organizadas, eu gosto das coisas bem-feitas;

Luna: gosto de me relacionar com os outros [...] gosto de me aparecer, de ser reconhecida, de chamar a atenção das pessoas;

Mostra também o que eles não gostam:

Dante: não gosto de muita coisa, pra mim o menos é mais [...] não gosto de falar de mim;

Alicia: eu não gosto de prejudicar ninguém [...] não gosto daquela aula meia boca, de fingir que eu tô ensinando e o aluno fingir que tá aprendendo;

E ainda a apreciação deles pelo curso e pelas disciplinas da biologia:

Sophia: eu gosto muito da biologia;

Ian: to fazendo o curso que eu gosto e que eu quero como profissão;

Luna: gosto do curso que eu faço, das matérias que estudo [...] sempre gostei muito da parte botânica, da parte vegetal como um todo;

Ao falar sobre eles mesmo eles também expressaram bastante seus gostos. Várias vezes eles proclamaram o amor pela futura profissão mostrando que estão bem ligados ao curso. Os gostos estão ligados também ao perfil dos discentes entrevistados, por exemplo Luna que se declara extrovertida, afirma que gosta de aparecer. Percebemos assim que o curso ainda não está ligado à identidade, mas os gostos.

Na categoria “Ter” separamos as falas que continham este verbo. Os discentes elencaram uma série de características que eles creem possuir.

Ian: eu sei que eu tenho capacidade de passar em mestrado e tal por causa da formação que eu estou recebendo aqui. [...] eu já tive experiências de sala de aula[...];

Max: (característica que possui) ter coragem;

Alicia: eu tenho essa cara de gente dura né? Mas eu tenho coração de manteiga [...] eu tenho facilidade pra estudar. [...] não tenho problemas com autoestima, minha autoestima é lá em cima;

Dante: então eu consigo ter uma tranquilidade e ter o espírito de liderança e ser esforçado [...] se eu tiver uma dúvida eu tiro, se eu tiver que falar eu falo, então essa vergonha que eu tinha, essa introspecção que eu tinha antes eu não tenho hoje [...] tenho amizades desde o fundamental, desde a segunda série;

Essa categoria é interessante pelo fato de eles terem expressado essas características não com o verbo ser, mas com o verbo ter. Ao que parece, são características adquiridas e que não fazem parte ainda do ser deles.

Diante desses temas, podemos perceber o perfil dos alunos, suas qualidades e defeitos, e pudemos ver que cada sujeito tem suas particularidades. Cada um deles se expressa de forma

diferente e contém um conjunto de qualidades e defeitos que os torna ímpares. Essa categoria se faz necessária para podermos ter uma noção do perfil dos entrevistados de forma mais técnica, e para contribuir para as análises das categorias subsequentes, a exemplo do tópico seguinte que nos mostra as singularidades relacionais dos alunos. Porém percebemos que somente a singularidade individual não dá conta de identificar a singularidade dos discentes.

3.1.1. Singularidades relacionais

Neste tópico trazemos as singularidades dos discentes que configuram um perfil relacional. Em cada uma delas, buscamos mostrar falas dentro de cada singularidade identificada e que fato na biografia do discente levou àquela singularidade, bem como resultados relacionados a ela, positivos e negativos.

As categorias identificadas na dimensão singularidades relacionais trazem a apresentação das biografias aproximadas daquelas descritas nas políticas afirmativas, como a questão sócio econômica, Étnico-racial e da pessoa com deficiência. Mas, também, questões ligadas ao gênero. O quadro 02 nos mostra a distribuição das frequências desta categorização, bem como as categorias temáticas elaboradas.

Quadro 02: Distribuição das frequências que contemplam a dimensão singularidades relacionais.

Dimensão	Subcategorias temáticas	Unidades de contexto (exemplos)
Singularidades relacionais (191)	Étnico-racial (21)	Ian: Eu faço parte da militância negra e ...eu ter acesso a escola e a adolescentes e crianças que estão em formação [...] ajuda bastante; Ian: E eu conseguir estar conversando com os alunos sobre questões raciais [...]; Alicia: [...] dessa vivência fora da universidade com pessoas diferentes, sei lá, visitar uma tribo indígena[...]; Alicia: [...] quando eu entrei na universidade a primeira vez que eu vi tanta gente diferente, tinha o pessoal do centro acadêmico com o cabelo todo cheio de <i>dreds</i> , tinha o pessoal com roupa do <i>black sabbat</i> [...];
	Pessoa com deficiência (10)	Luna: eu conheço um caso aqui na universidade, a pessoa é deficiente e ingressou pelo sistema de cotas e sofre preconceito da turma e até mesmo dos próprios professores do departamento. [...] já pensou em abandonar, reprova em disciplinas que precisam fazer trabalho em grupo porque os colegas não querem ela; Ian: Em relação a alunos especiais eu nunca vi [preconceito]. Eles pelo que eu vejo, eles são muito bem tratados por todos, eles são tratados igualmente[...]; [...] tem casos que uma pessoa por ter algum tipo de deficiência[...] eles apresentam algumas dificuldades[...];
	Perfil Sócio econômico (103)	Alicia: A gente não sai daqui e: Oba, passei no concurso! Porque não tem concurso. Ian: minha mãe ralou bastante [...] pra que eu e meu irmão pudéssemos ter acesso à educação particular. Sophia: estudei em escola pública que... ela não era tão estruturada[...] A minha era uma escola que, tipo, não tinha muito compromisso[...] Ian: é notável que alguns alunos cotistas eles não viram alguns assuntos, eles não entendem algumas coisas eles têm um pouco de dificuldade na escrita e todas essas questões.

	Gênero e Sexualidade (58)	Ian: eu sou bissexual e então eu acho que eu consegui me encontrar nisso também. Sophia: casei também, aí também tive que ter outro tipo de postura né? Alicia: meu pai não é o cara menos machista do mundo. Ele tem as suas concepções antigas e ele me criou assim. Dante: do mesmo jeito que tem um aluno esforçado homem, tem uma mulher, do mesmo jeito que tem um aluno mediano homem, tem a mulher, então eu acho que, o gênero não vai determinar não.
--	------------------------------	--

Como pode-se notar, as duas primeiras categorias, étnico-racial e pessoa com deficiência, apresentam uma frequência menor que as duas últimas, a categoria sócio econômico e a de gênero e sexualidade. Assim, foi pertinente o desmembramento destas duas últimas em subcategorias como veremos nos quadros 03 e 04 mais adiante.

3.1.1.1. Étnico-racial

Aspectos étnico-raciais são características ligadas à raça e etnia, como negros, pardos, indígenas, quilombolas. Em agosto de 2012, foi sancionada a Lei nº 12.711/2012, garantindo a reserva de vagas nas universidades de uma porcentagem de acordo com a quantidade de negros, pardos e indígenas na localidade da universidade pretendida (BRASIL, 2012).

A luta do homem contra a discriminação racial teve suas origens nas ideias defendidas pela Independência Americana, em 1776, e na Revolução Francesa, em 1789, no surgimento dos ideais democráticos e, principalmente, na luta dos homens pelos seus direitos naturais (BITTAR, ALMEIDA 2006).

Nessa categoria tivemos duas identificações de etnia. A aluna Sophia se autodeclara branca:

Sophia: Entrei pelo sistema de cotas, o grupo g se não me engano que é pra brancos e 1 salário e meio.

Existem cotas para alunos brancos e de escola particular, brancos e de escola pública, pardos e negros de escola particular, pardos e negros de escola pública, pessoa com deficiência, quilombolas e indígenas.

Tivemos também a auto identificação de um dos entrevistados com a questão racial, mais precisamente do negro.

Ian: Eu faço parte da militância negra e ... e eu ter acesso à escola e à adolescentes e crianças que estão em formação, né? Isso tudo, em formação de pensamento e sensibilização da consciência e todas essas questões já ajuda bastante.

Ian se declara negro e busca se envolver com a militância negra para formar alunos mais conscientes quanto a essas questões raciais. Carlan e Dias (2015) relatam a relevância de se trabalhar esses assuntos em sala por se tratar de um espaço multirracial, pois estão presentes indivíduos de variadas cores, crenças, contextos sociais. E uma das entrevistadas, que já é professora, relatou essa diversidade em sua experiência de sala de aula.

Além disso, Ian crê que o seu sucesso pode servir de exemplo e motivação a outros como ele.

Ian: eu acho que também é não sei, eu acho que mostrar que um jovem negro, periférico pode chegar aqui e conseguir conquistar essas questões, essas coisas assim como... outras pessoas com acesso à educação melhor e todas essas questões.

Neves (2016) aborda em seu estudo com alunos da UFS, realizado no ano de 2010, o caso de uma aluna negra, cotista que vê na sua entrada na universidade pelo sistema de cotas como um incentivo para seus familiares e amigos do bairro periférico aracajuano em que ela mora.

Outra aluna aborda as questões raciais, Alicia relata sua preocupação, como professora, com a diversidade que vai encontrar na sala de aula.

Alicia: Porque ser professor, você vive e convive com pessoas diferentes o tempo todo.

Alicia: Pra você conciliar isso de um tem uma realidade outra e você conseguir manter esses meninos em harmonia dentro de uma sala[...]

Silva (2009, p. 20) em seu trabalho de doutorado, percebeu que os professores possuem um “despreparo para lidar com as especificidades das relações étnico-raciais no cotidiano escolar” e ao desconsiderar essas questões o professor pode causar “impactos sobre a formação da identidade de estudantes negros/as e não negros/as”. As professoras entrevistadas por ela, tanto no Brasil quanto dos Estados unidos, admitiram que presenciam situações de discriminação nas escolas. Elas afirmam que não concordam com essas situações, mas que não fazem nada para resolver, pois, não sentem se capazes. As docentes afirmam ainda que sua formação foi “centrada em conteúdos conceituais, pouco conectada com a realidade das salas de aula e com as relações sociais nelas desenvolvidas”.

O curso de Ciências Biológicas possui no 6º período a disciplina perspectivas culturais no ensino de biologia e educação, e tem como ementa: “A Biologia no contexto das pedagogias culturais. Biologia, cultura e linguagem na produção de significados acerca da atividade científica, da atividade docente e de temáticas ligadas ao campo da Biologia e pluralidade cultural”. Embora exista essa disciplina, Alicia aborda que sente falta de capacitação para, no exercício da profissão docente, ela possa lidar com essas questões, mas ela admite que o curso vem se reformando e melhorando nesse sentido.

Alicia: olha, o curso de biologia em si, ele, da época que eu comecei e parei para essa época agora, ele inovou muito. Ele trouxe uma vivência que nós não tínhamos antes, ele trouxe disciplinas que colocam a gente pra trabalhar com o aluno, pra trabalhar com pessoas diferentes, pra viver novos mundos, pra entender o seu público que você vai pegar mais adiante. [...]

Alicia: mas eu acho que ainda falta, tá bem melhor mais ainda falta, principalmente essa coisa cultural, de você como professor entender o aluno com suas diferentes

vivências com seus pensamentos diferentes pra você não ter preconceito com aquele aluno, e também não deixar que ele tenha preconceito com o outro.

Alicia: Eu acho que falta mais um pouquinho dessa vivência fora da universidade, com pessoas diferentes, sei lá visitar uma tribo indígena.

Verrangia (2013) relata que embora a inserção de questões étnico-raciais nos currículos de ciências tenha um papel fundamental na promoção de relações sociais éticas entre os/as estudantes, essas questões ainda não são consideradas como questão central na formação de professores.

Ele defende ainda que “para pensar, e ensinar, cultura afro-brasileira é preciso compreender sua continuidade com conhecimentos e significações que começaram a ser elaborados no continente africano milênios antes da chegada lá de povos colonizadores” e que o professor “abordar de forma adequada práticas culturais de origem africana pode contribuir para que os/as estudantes passem a respeitar essa raiz cultural de nosso povo e, ao mesmo tempo, aprender Ciências” (VERRANGIA, p. 110. 2013).

Moreira e Candau (2007) relatam que a pluralidade cultural está muito evidente nos dias atuais, inclusive nas escolas. E que cada vez mais os professores têm de lidar com os conflitos gerados pela diversidade. Mas, também este ambiente acaba se tornando enriquecedor e amplia as possibilidades de ação dos docentes.

Alicia ressalta que o curso de Biologia possibilita essa vivência com a diversidade, e afirma que o seu ingresso na universidade possibilitou uma mudança de pensamento.

Alicia: A licenciatura em biologia especificamente, ela me traz de uma vivência muito grande com outros universos.

Alicia: Quando eu entrei na universidade a primeira vez, quando eu vi esse mundo de pessoas diferente, de coisas diferentes do que eu tava acostumada.

Alicia: E principalmente quando eu entrei na universidade a primeira vez que eu vi tanta gente diferente, tinha o pessoal do centro acadêmico com o cabelo todo cheio de *dreads* e tinha o pessoal que usava roupa de *black Sabbath*, as meninas que andavam tão arrumadinhas. Então tinham pessoas tão diferentes com coisas tão diferentes, isso vai mudando a gente né?

E a diversidade encontrada nesse novo ambiente propiciou que ela se tornasse mais aberta.

Alicia: E abri mais os meus horizontes, não que eu fosse uma pessoa preconceituosa, não! Mas eu ampliei mais porque eu vi mais coisas então eu fui ampliando meus horizontes.

Alicia: Sempre fui careta, e até hoje sou, mas eu fui amadurecendo psicologicamente com esse contato com esses universos diferentes, né?

Ian aborda também a diversidade encontrada na universidade e ressalta a sua importância.

Ian: A universidade é um lugar bacana pela questão da vivência, pela questão do que eu já comentei das diferenças, sobre todas essas questões. [...] acho que é importante que a gente conviva com pessoas diferentes.

Por fim, quanto ao preconceito e/ou discriminação étnica dentro do curso e da universidade ele acredita que existe, mas que é muito velado.

Ian: Em relação à raça, à etnia eu nunca vi, nunca presenciei dentro do nosso curso né, dentro do nosso departamento eu realmente nunca vi. Existe, é claro que existe, mas é muito velado e as pessoas tem medo de falar né.

As falas dos discentes mostram uma auto percepção da universidade como espaço de diálogo e troca cultural, no qual a consciência de identidade étnico-racial é ampliada, entretanto sentem falta de atividades pedagógicas que intensifiquem tais trocas. Vale ressaltar também que apenas dois dos seis entrevistados, declararam sua etnia. Neves (2016) relata em seu estudo o forte preconceito racial ocorrido nos cursos de grande concorrência na UFS logo após a adoção pelas cotas. Talvez a não declaração dos alunos esteja ligada ao receio em se auto definir quanto à etnia.

3.1.1.2. Pessoa com deficiência

Não houve nenhuma fala em que os entrevistados tenham se auto identificado como pessoa com deficiência, entretanto, apontaram casos com os quais se depararam.

Luna: eu conheço um caso aqui na universidade, a pessoa é deficiente. Ingressou pelo sistema de cotas [...];

Ian: Eu tive a oportunidade de conhecer sim, eu tive aula com [...] um menino que ele é especial, não sei qual a questão dele.

Ian: e tem outra menina, eu peguei aula esse período com uma moça que tem um tipo de atrofia dos músculos e que afetou um pouco a fala e a cognição dela.

A tabela 01, composta por dados de Fernandes (2014), mostra o quantitativo de alunos deficientes matriculados na UFS, de 2009 até 2013.

Tabela 01: Distribuição de alunos com deficiência matriculados na UFS de 2009 até 2013.

Ano	2009	2010	2011	2012	2013
Deficientes matriculados	10	28	30	39	33

Fonte: FERNANDES, 2014.

Podemos perceber que a partir de 2010, ano em que a UFS passa a garantir vagas para pessoas com deficiência, a quantidade de matriculados cresce. O direito à matrícula desses alunos em classes comuns está garantido no artigo 205, da Constituição Federal.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988. p. 121).

Já quanto ao curso de licenciatura em Ciências Biológicas, no ano de 2016, como vemos na tabela 02, foram matriculados 518 alunos e destes, 7 possuem deficiência, o equivalente a 1,35% dos discentes.

Tabela 02: Quantitativo de alunos deficientes matriculados na UFS em 2016.

Deficiência	Auditiva	Autismo	Baixa visão	Cegueira	Física	Intelectual	Surdez	Total geral
Nº de alunos								
Todos os cursos	18	2	41	14	104	2	32	213
Ciências Biológicas	1	-	2	1	2	1	-	7

Fonte: Universidade de Federal de Sergipe- Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – Emitido em 17/06/2016.

Neste mesmo ano, a UFS matriculou 24.346 alunos e destes, 213 possuem algum tipo de deficiência, representando assim 0,87% (UFS, 2016). A universidade aparentemente não está preparada para acolher esses alunos com deficiências, Souza (2010), fala sobre esse tema:

De fato, alunos com deficiência já abandonaram cursos na UFS migrando para as faculdades particulares por causa da falta de estrutura da nossa Universidade; por causa da indiferença e até da hostilidade de alguns professores; tudo isso somado à burocracia da instituição, carecendo esta de celeridade na resolução de seus problemas para o efetivo acolhimento que contribuiria para a permanência e a terminalidade da inclusão nos cursos da UFS (SOUZA, 2010, p. 130).

Considerando a fala de Souza (2010) diante da pouca disponibilidade dos docentes em modificarem suas metodologias para adequação dos discentes, bem como da pouca organização institucional para capacitá-los e sensibilizá-los, mais uma vez mostra-se a importância de trabalhos que os empoderem para que possam reivindicar as condições que favoreçam suas permanências.

Fernandes (2014), em seu trabalho de mestrado, observou que, além das barreiras físicas da estrutura da universidade existem barreiras pedagógicas que dificultam o desenvolvimento acadêmico do aluno com deficiência e, na maioria dos casos, este é um grande fator de evasão dos discentes.

Um dos entrevistados relata nunca ter visto situações de preconceito e até afirma que os alunos que possuem deficiência são bem tratados.

Ian: Em relação a alunos especiais eu também nunca vi. Eles, pelo que eu vejo, eles são muito bem tratados por todos. Eles são tratados igualmente, são muito bem aceitos por todo mundo e tal.

Não foi possível perceber na fala de Ian se o tratamento igual recebido pelo aluno com deficiência se refere ao uso de metodologias diferentes que o auxiliaria na atividade, dando

condições iguais aos demais ou se o tratamento igual, seria usar a mesma metodologia para todos, de maneira que, os alunos com deficiência estariam em desvantagem.

Na UFS, a presença do Núcleo Incluir garante a existência de intérpretes para alunos surdos e auxiliares para alunos cegos. Entretanto, neste caso não foi possível identificar, talvez por inexperiência no processo de entrevista, a que ele se refere quando fala em tratamento igual. Candau (2012) aponta que tratamentos iguais remetem ao uso diferenciado de metodologias que possibilitem igualdade de oportunidades, ou seja, equidade.

Luna relata o caso de uma aluna com deficiência visual em que existe preconceito, e não somente pelos colegas de curso, mas até por parte de alguns professores.

Luna: eu conheço um caso aqui na universidade [...] ela sofre preconceito da turma e até mesmo dos professores do departamento [...] ela é da biologia e ela gostava muito, na verdade, no primeiro período, mas aí quando ela sentiu esse preconceito sobre ela por ser cotista por uma deficiência que não visível, mas como ela é cotista transpareceu a deficiência e ela se sente desestimulada e humilhada pelos próprios professores e colegas de curso.

A moça se sente excluída e isto afeta o desempenho dela no curso.

Luna: e por sofrer preconceito ela se sente excluída [...] já pensou em abandonar [o curso], reprova em disciplinas que precisam fazer trabalho em grupo porque os colegas não querem ela [no grupo].

Sobre a performance dos alunos com deficiência, o entrevistado relata com certo espanto o bom desempenho deles no curso.

Ian: eles são alunos muito bons, eles são alunos que têm notas muito boas [...]. Esse menino que eu peguei aula, ele em botânica era impressionante. Nas matérias de botânica ele foi muito bem, muito melhor que eu, assim ó “de lavada”, que eu sou uma pessoa comum entre aspas né, que sou visto como comum e normal dentro da sociedade.

Dickman e Ferreira (2008, p. 12) concluem de sua pesquisa com um aluno cego “que a capacidade de aprendizado desses estudantes é igual à dos estudantes videntes” e que estes necessitam apenas de “uma abordagem especial, com recursos adequados à falta de visão e preparo do professor para lidar com sua situação”. Porém, essa disponibilidade dos docentes em se adequar aos alunos que possuem deficiência é abordado, em vários trabalhos como o principal empecilho para o aprendizado e inclusão destes alunos tanto no ensino básico quanto no superior (FERNANDES, 2014; DICKMAN, FERREIRA, 2008; COSTA et al., 2006).

Quanto aos alunos surdos e/ou possuidores de deficiência auditiva, Fernandes (2014) afirma que eles podem aprender o mesmo que é ensinado aos ouvintes, porém, os professores precisam saber a língua brasileira de sinais (LIBRAS). A partir do ano de 2005, passou a ser obrigatória a presença da disciplina LIBRAS nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2005).

Pin e Bastos (2013) em seu artigo afirma a necessidade de saber como a instituição e as coordenações dos cursos de graduação estão trabalhando para atender à lei, e, ressalta a

importância de preparar os licenciandos para lidar com a diversidade que estes encontrarão em sala de aula. Ela ainda indica a formação continuada como forma dos docentes das universidades atualizarem seus conhecimentos sobre a inclusão.

Embora os alunos relatem casos de pessoas com deficiência no ensino superior, estudando com eles, nos discursos pouco foi relatado sobre a interação com esses discentes. Essa pouca intimidade com os casos relatados difere do que foi percebido na discussão sobre os estilos relacionados à diversidade étnico-racial. Eles serão professores e possivelmente irão trabalhar com alunos que apresentem essa singularidade, mas não expressaram nas entrevistas o interesse em aproveitar a oportunidade do diálogo com os colegas.

3.1.1.3. Socioeconômico

A categoria dos aspectos socioeconômicos diz respeito à classe econômica dos entrevistados. Na lei nº 12.711/2012 garante a reserva de vagas de 50% das matrículas por curso e turno para alunos oriundos de escolas públicas, com renda de até 1,5 salários mínimos (BRASIL, 2012).

Quatro dos entrevistados entraram na universidade através das cotas socioeconômicas, apenas 1 deles é oriundo da rede particular de ensino, e todos afirmam ter poucas condições financeiras.

Devido ao alto número de falas na categoria (103), a dividimos em quatro subcategorias, a saber, I- Suporte familiar, II- Base educacional, III- Desempenho acadêmico e IV- Estabilidade. No quadro 03 temos a distribuição das frequências para a categoria Sócio econômico.

Quadro 03: Distribuição das frequências que contemplam a categoria Sócio econômico.

Categoria	Subcategorias temáticas	Unidades de contexto (exemplos)
Sócio Econômico (103)	Suporte Familiar (13)	Alicia: meu pai não tinha condição de bancar particular pra gente [...] desde cedo (ele dizia) não, vai fazer faculdade! E tem que ser na Federal, que eu não sou safado de pagar faculdade[...] Max a família ajuda tanto fisicamente quanto financeiramente. Sophia meu pai dizia que era pra mim ser médica.
	Base educacional (19)	Alicia: Sempre fui do ensino público[...] porque escola pública sempre tem uma greve, sempre tem professor que tá desmotivado, uma série de situações que não te preparam do mesmo jeito que o garoto da escola particular. Ian: e na escola particular isso é bem mais forte que na escola pública [...] o foco do ensino médio é pra que você se forme, pra que você entre na universidade e se forme e tal. Dante: a minha base de citologia e histologia é, era fraca (na escola pública).

	Desempenho acadêmico (28)	<p>Ian: é notável que alguns alunos cotistas eles não viram alguns assuntos, eles não entendem algumas coisas, eles têm um pouco de dificuldade na escrita e todas essas questões.</p> <p>Alicia: acho que inclusive os cotistas têm maior nota porque eles se esforçam mais.</p> <p>Dante: eu acho que quem vem da escola pública consegue aproveitar mais do que quem vem da escola particular.</p> <p>Sophia: o que a maioria das pessoas deixam o curso é não conseguir é... tipo, relacionar, associar o tempo de trabalho com o estudo.</p>
	Estabilidade (43)	<p>Sophia: me formar, ter estabilidade financeira, dar uma vida melhor aos meus filhos.</p> <p>Dante: atualmente, meu principal problema é em encontrar um rumo profissional [...] buscar um meio que a gente tenha uma vida melhor.</p> <p>Max: (Busco) uma melhor oportunidade de emprego.</p> <p>Luna: se realmente eu vou conseguir atingir meus objetivos de ter a minha formação completa, ter um trabalho bom, uma vida social bacana e tudo mais.</p>

I- Suporte familiar

Em suporte familiar foram agrupadas falas que remetessem à ajuda, apoio ou incentivo dos familiares, dentro da questão econômica, para que os entrevistados pudessem estudar, bem como a influência deles sobre os familiares para que eles busquem o estudo como forma de melhora de vida.

Alicia: meu pai foi o principal (motivador). Desde cedo ele dizia: não, vai fazer faculdade! E tem que ser na Federal que eu não sou safado de pagar faculdade, nem tenho dinheiro e mesmo que eu tivesse, poderia pedir empréstimo, mas não vou. Se vire, se fizer é na Federal.

Ian: eu ter primos que entraram na universidade, eu ter amigos que, um pouco mais velhos que eu, que entraram na faculdade (motivação).

Sophia: Brincava muito de escolinha também quando era pequena. Meu pai dizia que era pra eu ser médica, mas eu sempre quis ser professora.

Dante: [...] Eu tenho que ser uma referência pra minha irmã. Olhe, se eu consegui chegar no mesmo estado que você vive, nas mesmas condições dentro de casa, então você também consegue chegar, chegue onde eu cheguei e até mais.

Nas falas dos discentes encontramos relatos sobre a formação de seus pais.

Ian: Minha mãe é formada em educação física, aqui pela Universidade Federal de Sergipe, ela tem formação e foi a primeira a se formar na família dela e tal.

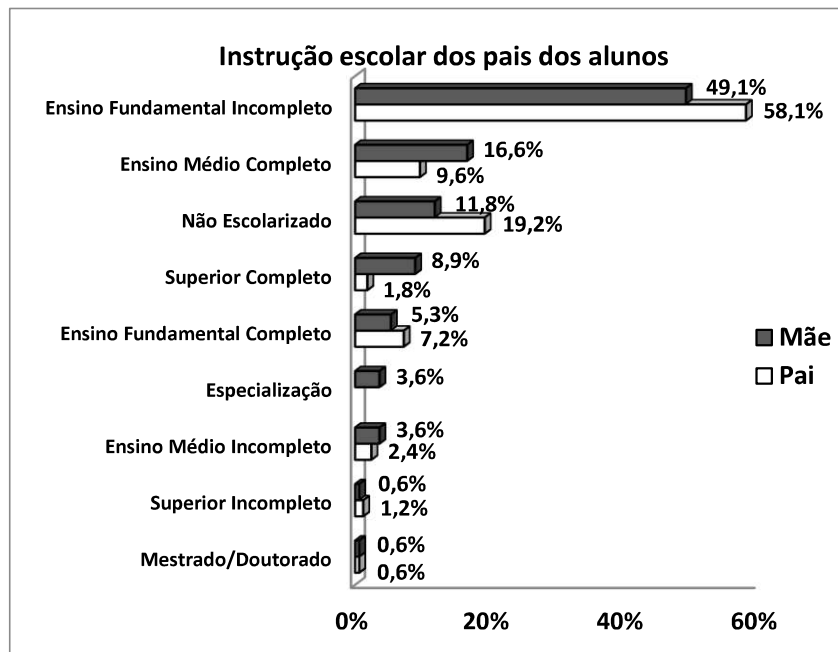
Alicia: Ele [pai] não teve condições, ele não pôde fazer, quando ele terminou o ensino médio. Ele foi fazer concurso lá no interior da Bahia e então ele teve essa frustração de não ter feito faculdade e, principalmente, na federal.

A escolaridade dos pais pode interferir no desenvolvimento escolar dos filhos. Famílias que possuem melhores recursos educacionais acabam tendo uma vivência maior quanto às ciências e consequentemente uma formação mais enriquecedora antes mesmo da sala de aula (SHUNCK, MEECE, 2006). Esses recursos, canais científicos da Tv paga, assinatura de revistas científicas, etc., proporcionam uma forte identificação das crianças com a ciência,

facilitando seu aprendizado na escola, considerando que muitos conceitos já foram aprendidos em casa.

Santana (2012) em estudo realizado com 169 alunos de Ciências Biológicas licenciatura da UFS, levantou a escolaridade dos pais dos discentes, figura 01 e apontam que:

Figura 01: gráfico ilustrando o quantitativo da escolaridade dos pais dos alunos.



Fonte: SANTANA (2012, p. 10)

A maioria dos pais e das mães dos alunos, do estudo anterior, possui um nível escolar fundamental incompleto. O que pode estar ligado às condições econômicas destes alunos. Apesar desse estudo ter sido realizado a 5 anos não diverge quando comparando com as falas dos entrevistados:

Alicia: Meu pai não tinha condição de bancar no particular pra gente [...] mas sempre estudando, meu pai sempre me deu condições de estudo, não me batia, nem nada dessas coisas.

Ian: Minha mãe ralou bastante, minha mãe é professora do estado e ela ralou muito, muito, muito pra gente, eu e meu irmão, pudéssemos ter acesso à educação particular.

No próprio relato dos entrevistados vemos que os pais tiveram dificuldade em investir financeiramente em sua educação, mas o incentivaram a estudar.

II- Base educacional

Na subcategoria base educacional temos as discussões sobre as diferenças entre escolas particulares e públicas. As dificuldades enfrentadas por quem precisa do ensino gratuito e as deficiências deste tipo de serviço.

Alicia: porque na escola pública sempre tem uma greve, sempre tem professor que tá desmotivado, uma série de situações que não te preparam do mesmo jeito que o garoto

da escola particular [...] a escola pública infelizmente não tem a mesma qualidade das escolas particulares, pelo menos das grandes particulares que é o pessoal que entra na universidade.

Sophia: a minha era uma escola que não tinha compromisso, que tinha professores que só fazia a gente ler livro e não davam aula.

Ian: na escola particular isso é mais forte que na escola pública, querendo ou não, infelizmente né? Mas o foco do ensino médio é pra que você se forme, pra que você entre na universidade e se forme e trabalhe e tal. É uma exigência muito pesada em cima do aluno.

Percebemos que os entrevistados sentem essa diferença entre o ensino público e privado, as críticas feitas por eles são motivo de vários trabalhos. E esses fatores influenciam no profissional que eles são ou serão, saber dessa possível deficiência os faz querer mudar as coisas e isso é um ponto positivo das cotas. Assim como eles tiveram essa oportunidade e sabem das dificuldades que existem, eles se empenham mais para mudar a realidade de seus iguais.

Sophia: e esse desejo de... tipo, levar meu aprendizado pra escola pública que precisa sair desse método tradicionalista de ensino.

Ian: Ensinei numa escola periférica pública e tal, e eu levei essas questões da militância negra, eu acho que isso tudo ajuda sabe? Eu acho uma coisa positiva nisso, nessas questões.

Mas também tem o lado negativo dessa defasagem das escolas públicas que é a desmotivação dos professores que acabam fazendo com que os alunos se desmotivem também.

Sophia: porque antes de escolher biologia eu também gostava de história, mas tipo, uma professora de história fez com que eu desistisse totalmente da história só por ter que estar lendo aquele livro e respondendo questão em sala sem discutir nada, acabei me é... desestimulando.

Além disso, na opinião dos entrevistados, o ensino precário da educação básica vai refletir no desempenho acadêmico que é a subcategoria seguinte, na qual temos as falas que remetem às diferenças de desempenho dentro da universidade, de quem vem do ensino público e quem vem do particular.

III- Desempenho acadêmico

Existem divergências nas falas dos entrevistados quanto à questão de haver ou não diferença de desempenho entre quem vem de escola particular e quem vem de escola pública. Alguns afirmam que não há, outros afirmam que sim. Quem acredita que há diferença justifica que isso acontece pelo fato de a escola pública ter qualidade inferior.

Ian: É notável que alguns alunos cotistas eles não viram alguns assuntos, eles não entendem algumas coisas, eles têm um pouco de dificuldade na escrita e todas essas questões.

Dante: porque quem vem de escola particular já tem uma boa base que quem vem da escola pública.

Sophia: como a gente passa uma dificuldade grande na educação pública, então os cotistas aqui na universidade sim, passam por esses... tipo, é, têm menor rendimento que os não cotistas.

Porém, estes alunos que chegam com o conhecimento defasado acabam se empenhando mais para poder alcançar os que já têm boa bagagem educacional.

Alicia: então, eu me esforçava mais pra aprender do que o pessoal que já vinha com outra bagagem.

Dante: eu tive que me esforçar a mais, melhorar meu rendimento dentro da universidade pra ter êxito.

E esse esforço a mais gera melhores aproveitamentos:

Dante: Na universidade o rendimento é melhor de quem vem de uma escola pública, porque ele tem muitas lacunas na formação do nível médio e aqui ele tem que superar, suprir as lacunas do nível médio e começar a construir o conhecimento do nível superior, enquanto que o aluno da escola particular, pra ele esse assunto começa a ficar maçante, a aula redundante porque ele já viu esses assuntos nas aulas.

Alicia: o cotista quando chega aqui ele tem que se virar nos 30, vamos dizer assim, ele tem que ir mais em busca né? O que é bom porque você acaba aprendendo mais [...] acho que inclusive os cotistas têm maior nota porque eles se esforçam mais.

Oliveira (2013) em seu trabalho de mestrado entrevistou docentes da UFS sobre alunos cotistas, no relato dos professores eles alegam que os alunos cotistas têm uma base educacional inferior, em contrapartida eles se esforçam mais e acabam se saindo melhor.

E ainda houve relato sobre a discriminação sofrida pelos cotistas:

Dante: Sempre tem aquela que olha assim, com o olhar um pouco pejorativo pra quem é de escola pública, por exemplo: ah, na minha escola, no colégio que eu estudava já tive aula disso, disso e disso, pra mim isso é fácil.

Nessa subcategoria vemos que os discentes acreditam que o desempenho dos alunos oriundos da escola pública é melhor pelo fato de eles se esforçarem mais para aprender coisas que não viram no ensino básico. Em alguns relatos, os discentes afirmam que não há diferenças entre cotistas e não cotistas, outros acreditam que existe sim. Obtivemos também relatos de discriminação sofrida pelos cotistas.

IV- Estabilidade

E por fim, no que diz respeito aos aspectos socioeconômicos, a subcategoria que teve maior frequência foi a Estabilidade. Ela remete à condição financeira dos alunos. Suas incertezas e perspectivas para o futuro e sua determinação em ter uma vida melhor, que acreditam que conseguirão através do estudo.

Dante: Eu, atualmente meu principal problema é em encontrar um rumo profissional, né? Empregatício. Um vínculo empregatício. Isso é o que tá mais me pegando assim [...] e falta concursos, falta oportunidades até de emprego e eu não quero perder o foco né assim da graduação e nem me vejo fazendo outra coisa a não ser em sala de aula, ou fazendo alguma pesquisa relacionado à biologia.

Luna: fico insegura quando penso o que vai ser de mim daqui a dez anos, se realmente vou conseguir meus objetivos de ter minha formação completa, ter trabalho bom, uma vida social bacana e tudo mais.

Alicia: A gente não sai daqui e “oba, passei no concurso!”, porque não tem concurso [...] não sai daqui pra ir pra Máster, pro Amadeus. A gente sai daqui pra ir pra uma

escola pequena, de bairro, que paga pouquinho, que tem os alunos com problema, que tem pais que são relaxados.

Diante dessas incertezas eles relatam que o curso superior pode lhes permitir uma melhora de vida, embora tenham muitas dificuldades.

Luna: eu sempre quis buscar o meu melhor e eu vi que entrar na universidade com certeza seria o meu melhor e o melhor pra mim, pois eu vim em busca de novos conhecimentos e novas oportunidades.

Sophia: então uma colega minha disse assim: Sophia porque você não faz o ENEM pra entrar pra universidade? Aí eu fiz e foi aí que as coisas foram melhorando um pouco as coisas né? Aí consegui entrar no PIBID e tenho uma bolsa.

E essa busca pelo melhor lhes dá motivação para continuar.

Sophia: Me formar, ter uma estabilidade financeira, dar uma vida melhor aos meus filhos são esses os pontos que mais me motiva, é a necessidade de alcançar algo.

Dante: Buscar um meio que a gente tenha uma vida melhor né? [...] é uma sementeira hoje pra depois a gente vir a colher os frutos né? Espera-se que venha a colher os frutos né?

Mesmo que com a desvalorização da profissão docente.

Ian: mas se você consegue um concurso público você fica nele pra sempre. O professor merece ganhar mais? Merece! E todas as questões envolvidas e tal, mas o professor ganha um dinheirinho que é bacana e que dá pra sobreviver sabe? Então eu acho que essas questões.

Sophia: porque era meu sonho ser professora, mudar de vida (risos) que apesar de muitos dizer: “ah professor não ganha muito!” Mas o meu objetivo mesmo, ganhando pouco ou muito, o que importa é que eu estou unindo o útil ao agradável: ensinar e trabalhar.

Além disso, os alunos de classes menos favorecidas possuem a necessidade de trabalhar enquanto ainda estudam, dados da UFS em números 2015/2016 mostram que, em 2016, tinham 375 alunos matriculados no curso de ciências biológicas licenciatura do campus de São Cristóvão, sendo que 179 estudam pelo dia e 196 pela noite. Dos entrevistados 2 são do noturno (Luna e Ian) e 4 do diurno (Alicia, Sophia, Max e Dante), e algumas falas deles remetem à essa questão de trabalhar e estudar ao mesmo tempo e suas dificuldades.

Luna: No presencial ainda não passei por nenhuma dificuldade, a não ser conciliar o trabalho e a vida acadêmica (L 22).

Sophia: Dificuldade na vida acadêmica? Tipo, o tempo mesmo (risos), o tempo pra tá estudando mais, conciliar é o estudo, a universidade com o... a vida... no caso pessoal [...] Porque é o que a maioria das pessoas deixam o curso é... não conseguir é... tipo, relacionar, associar o tempo de trabalho com o estudo. Acaba acarretando no fracasso.

Alicia: depois comecei a trabalhar novamente e aí quando você trabalha você não tem tempo muito pra ter dedicação não né? (risos) você vê, eu tô ocupada, não tenho tempo.

A maioria dos alunos entrevistados trabalha e relataram ter prejuízos no tempo de estudo. Na área de licenciatura é comum os alunos darem aula para crianças em colégios particulares de bairro, duas das entrevistadas ilustram essa situação. Para eles, esse trabalho é importante, pois, ajuda financeiramente os discentes que caso não trabalhassem não teriam condições de cursar faculdade.

A categoria Socioeconômico foi a que apresentou maior quantidade de falas. É também a única singularidade apresentada por todos os entrevistados. As famílias, apesar da pouca condição financeira, deram todo o incentivo para que eles estudassem. Mas, nas falas deles, há uma formação básica insuficiente por serem de escola pública. Apesar disso e de eles terem de trabalhar enquanto estudam, o desempenho na universidade tem sido mais elevado porque se esforçam mais. Isso está ligado ao fato de eles colocarem sua expectativa em uma vida melhor na formação superior, assim eles passam por todos os obstáculos, pois estão mais focados no que podem vir a conquistar.

3.1.1.4. Gênero e sexualidade

No quadro 04 temos a distribuição das frequências da categoria “Gênero e sexualidade” que como na categoria anterior teve uma maior frequência de falas (58), então, dividimos em 4 subcategorias, I- Sexualidade, II- Preconceito, III- Múltiplas jornadas da mulher, e IV- Desempenho.

Quadro 04: Distribuição das frequências que contemplam a categoria gênero e sexualidade.

Categoria	Subcategorias temáticas	Unidades de contexto (exemplos)
Gênero e sexualidade (58)	Sexualidade (9)	Ian: (mudanças) em relação a minha sexualidade [...] eu sou bissexual [...]. Ian: e tem ainda a cobrança da sociedade [...] porque eu tenho 22 anos e não tenho namorada nem namorado[...]. Alicia: ou pegar um pessoal, uma comunidade de gênero diferente, trans e tal, trazer pra fazer um trabalho ou ir até eles[...]
	Preconceito (13)	Ian: em relação a mulheres eu já vi (preconceito) [...] eu já vi professores sendo machistas, professores sendo misóginos. Dante: a mulher tende a ser mais organizada, no geral, mulheres são mais organizadas que os homens. Alicia: [...] não tinha esses avanços de hoje, dessas meninas mais avançadas, sou das antigas mesmos, mais tranquila.
	Múltiplas jornadas da mulher (17)	Alicia: sou mãe né, então eu tenho uma carga de responsabilidade maior, eu preciso me estabilizar e conseguir um futuro, garantir um futuro seguro pra minha filha. Sophia: tipo eu não foco só aqui na universidade, entende, meu lado pessoal acaba interferindo. [...] Tipo saber a hora que tem que parar um pouco pra dar mais atenção ao lado pessoal e a hora que eu tenho que focar mais no lado da universidade.
	Desempenho (17)	Ian: eu não acho que tenha diferença (de desempenho) [...] existe diferença de notas, é notável isso [...] as meninas elas se destacavam mais. Sophia: tipo, sempre tinham mais meninas em sala que meninos, mas em relação a nota não, era igual. Dante: no curso de biologia claro que vai ter mais mulheres preguiçosas, mais mulheres esforçadas, porque tem mais mulheres (risos), somente isso.

I- Sexualidade

Na subcategoria sexualidade foram separadas as falas do entrevistado Ian (22) que se declarou bissexual. Ele relata que passou por uma fase complicada na adolescência por se sentir diferente dos colegas.

Ian: Teve (mudança) em relação a minha sexualidade [...] eu sou bissexual e então eu acho que eu consegui me encontrar nisso tudo também [...] né? Principalmente na adolescência, seus colegas ficam com todo mundo e você se retrai por que você não se entende ainda.

Ele relata que o convívio na universidade com pessoas que passaram pelas mesmas inquietações o auxiliou nesse processo de autoconhecimento.

Ian: então depois que eu entrei na universidade e eu comecei a ter contato com outras pessoas, que também tiveram essas questões na sua adolescência eu consegui entender melhor e hoje eu tô aprendendo a lidar com a minha bissexualidade e com a minha vivência acadêmica e com a minha vivência na minha casa e com meus amigos e vivência profissional, então isso foi também uma mudança.

Assim como no étnico-racial, o contato com os colegas aparece como possibilidade de desenvolvimento de consciência social e militância, ao que parece as singularidades relacionais estão ligadas a opiniões de outros para que o sujeito demonstre ou iniba sua singularidade.

Outra questão levantada com relação à sexualidade foi colocada por Alicia, que já ensina. Ela levanta a questão da vivência dos licenciandos com grupos de gênero variados para eles poderem estar mais preparados para a diversidade que vão encontrar no dia a dia escolar.

Alicia: ou pegar um pessoal, uma comunidade de gênero diferente, trans e tal, trazer pra fazer um trabalho ou ir até eles, e enfim, acho que isso motivaria mais também, e deixaria a gente mais preparado pra o que a gente vai enfrentar.

E ainda ela traz a questão da dificuldade em abordar em sala de aula os assuntos relacionados à educação sexual.

Alicia: Se você for muito tímido, tem muitos termos na biologia, tem coisas na biologia que são voltadas pra é... por exemplo, educação sexual e coisas que geram dúvidas, que geram polêmicas.

O curso de biologia possui duas disciplinas voltadas para questões de sexualidade. Como obrigatória no final do curso é ofertada a disciplina Corpo, Gênero e Sexualidade cuja ementa é “Corpo, gênero e sexualidade na perspectiva multicultural e dos direitos humanos. Conceitos chave: heteronormatividade, masculinidades e feminilidades, diversidade sexual, desenvolvimento psicosssexual, relações de poder e hierarquias de gênero, preconceito, discriminação e violências. Pluralidade Cultural” (UFS, 2017).

O curso possui também a disciplina optativa Sexualidade humana, cuja ementa trata das:

Bases biológicas, psicológicas e sociais da sexualidade humana; repressão sexual; sexualidade nas diferentes fases da vida; diversidade sexual; resposta sexual humana; erotismo e pornografia; parafilias; prostituição e exploração sexual infantil; temas contemporâneos da sexualidade humana; projetos de educação sexual (UFS, 2017).

A necessidade de se ter disciplinas como essas num curso de biologia é muito grande pois o professor de ciências deve estar preparado para tratar destes temas em sala de aula e os

entrevistados percebem isso. Algumas questões referentes à necessidade de conhecimento por parte do professor para enfrentar situações de preconceito serão abordadas no tópico seguinte.

II- Preconceito

Na segunda subcategoria vemos as falas que remetem ao preconceito no curso de biologia. Por um lado, alguns afirmam que não existe diferenças de tratamento entre os gêneros no curso.

Alicia: não vejo isso não (preconceito), os meus professores até agora, quanto a isso, são maravilhosos, nesse sentido, são professores que não discriminam ninguém por qualquer motivo.

Porém, Ian (22) relata que já presenciou situações de preconceito contra mulheres.

Ian: (preconceito) em relação à mulher eu já vi [...] então eu acho que existe principalmente com mulheres aqui dentro do curso [...] eu já vi professores sendo machistas, professores sendo misóginos.

Encontramos no relato de Dante (21) um estereótipo feminino, embora este seja positivo, mas ainda assim é um tipo de preconceito, uma generalização.

Dante: a mulher tende a ser mais organizada, no geral, mulheres são mais organizadas que os homens.

Nas falas de Alicia também encontramos relatos ligados ao preconceito e na vida pessoal quanto a atitudes machistas do pai e, conseqüentemente, dela.

Alicia: mas eu era bem tabaroa mesmo né? Aquela coisa do interior, não tinha esses avanços de hoje, dessas meninas mais avançadas. Sou das antigas mesmo, mais tranquila, mas sempre fui extrovertida.

Alicia: meu pai não é o cara menos machista do mundo, ele tem as suas concepções machistas, e ele me criou assim [...] e ele tinha e tem essa visão um pouco é... mais machista do que a minha, porque eu também tenho os meus lados machistas, mas eu sou bem mais aberta do que ele.

Essa subcategoria nos mostra uma discordância entre os discentes se há ou não situações preconceituosas no curso. Como foi visto, a aluna conviveu com o pai, que ela mesma relata, que assume uma postura machista, dessa forma pode ser que ela não consiga perceber determinadas situações como sendo preconceituosas por estar acostumada com essas situações. Vale ressaltar que o curso de biologia tem disciplinas que são ofertadas por outros departamentos, assim os professores citados no relato de Ian não são, necessariamente, do Departamento de Biologia.

III- Múltiplas jornadas da mulher

Algumas falas remetem às múltiplas jornadas das mulheres, ser casada, ser mãe, ou até assumir esse papel de matriarca são singularidades observadas nos discursos.

Alicia: Eu tenho 34 anos, sou solteira tenho uma filha.

Sophia: Sou casada tenho dois filhos.

Alicia: Eu fui criada por meu pai desde os 6 anos, meus pais se separaram e eu fiquei com meu pai [...] quando meus pais se separaram meu pai voltou muito essa frustração dele pra mim em relação à separação... e.... a gente tinha muitas discordâncias.

Perucchi e Beirão (2007), em seu estudo com mulheres de Santa Catarina, que assumem o papel de chefes de família, relatou que dentre as dificuldades que as entrevistadas afirmaram enfrentar, as múltiplas jornadas de trabalho, as estratégias para conciliar as responsabilidades domésticas com vida profissional foram citadas. Santana et al. (2012), em seu estudo com alunos de Ciências Biológicas da UFS, perceberam que a maioria dos discentes possuía família organizada no modelo de família nuclear. Alves (2009) relata que esse modelo comprometeu a mulher com a educação dos filhos, porém, esse modelo vem mudando por causa da entrada da mulher no mercado de trabalho e na busca pelo ensino superior.

Por ter de repartir seu tempo entre a família a universidade as discentes podem acabar prejudicadas no curso.

Sophia: Já, tipo, situações... perder matéria, tipo eu não foco só aqui na universidade, entende, meu lado pessoal acaba interferindo. [...] Tipo saber a hora que tem que parar um pouco pra dar mais atenção ao lado pessoal e a hora que eu tenho que focar mais no lado da universidade. Por isso que no próximo período eu vou focar mais.

Mas o fato de ser casada, de ter filhos, ou assumir o lugar de mãe na família também implica em algumas consequências positivas como a responsabilidade, amadurecimento:

Sophia: Casei... também... aí também tive que ter outro tipo de postura né? Atribuo a isso: casamento filhos aí fui amadurecendo.

Sophia: Eu engravidei cedo, aí por isso... aí a responsabilidade influenciou. Então, esse fator fez com que eu mudasse totalmente meu jeito de ser, meu modo de pensar, e de agir também.

Alicia: Com o abandono de minha mãe e tudo teve essa carga né, esse peso de que eu era a única mulher, era eu meu pai e meu irmão, ele era mais novo que eu e eu tinha essa carga de responsabilidade acima de uma pessoa da minha idade [...] Alicia: Mas depois também me tornou a pessoa que sou hoje, eu sou uma pessoa que eu corro atrás que, eu vou atrás, eu não tenho medo de encarar as coisas, então, tudo tem um motivo né tudo tem uma serventia.

Diante disso percebemos que as discentes tiveram de assumir o cuidado da família e essa atribuição pode trazer aspectos positivos e negativos. Elas precisam dividir o tempo de estudo com os afazeres do lar, dividindo a atenção da discente o que pode causar um prejuízo no desenvolvimento acadêmico da mesma. Porém, ao adquirir responsabilidade ela se torna uma pessoa mais madura, confiante e confiável.

IV- Desempenho

E a última subcategoria, desempenho, aborda se há diferença de desempenho entre homens e mulheres no curso. A grande maioria acredita que não existe diferença quanto a notas.

Max: independente de qualquer coisa, cada um tem a capacidade [...] independente de gênero.

Luna: Não, eu não acho que tenha diferença.

Dante: não, acho que não tem. É bem relativo isso, depende de cada pessoa, independentemente de qualquer coisa acho que a gente entra (no curso) no zero.

Alicia: não, não vejo diferença não. Acho que todo mundo tem que ralar muito pra conseguir alguma coisa.

Porém, quanto ao número de alunos e alunas eles relatam que existem mais mulheres que homens no curso.

Sophia: tipo, sempre tinham mais meninas em sala que meninos, mas em relação à nota não, era igual.

Dante: No curso de biologia claro que vai ter mais mulheres preguiçosas, mais mulheres esforçadas, porque tem mais mulheres (risos) somente isso.

Ian: Não sei se por causa da diferença de número de homens e mulheres [...] na minha turma só tinham 5 homens [...] e as meninas se destacavam mais.

No Brasil, mantém-se uma tendência histórica de predominância feminina na população total (IBGE 2000). Dados sobre o alunado das universidades brasileiras, mostram que as mulheres representam a maior fração entre os estudantes matriculados e concluintes. Em 2001, elas representavam 56,3% do total de matrículas (3.030.754) e 62,4% do total de concluintes no ensino universitário (INEP, 2009).

Além disso, acredita-se que o curso de ciências biológicas seria um curso feminino. Borges (2010) afirma que as relações de gênero construídas ao longo da história das mulheres no Brasil estão centradas nas relações de poder entre os sexos. Principalmente na divisão sexual do trabalho, e essas relações determinam as chamadas carreiras femininas e masculinas.

Há uma crença em que as mulheres deveriam buscar profissões nas áreas da saúde e humanas, voltadas para o cuidado e para a educação, enquanto que os homens se encaixariam nas áreas de exatas. Essa crença foi responsável, no contexto histórico brasileiro, pela entrada tardia e diferenciada das mulheres no ensino superior (BORGES, 2010).

Ian (22) aborda o tema da diferença entre gêneros socialmente e critica a normativa da sociedade de que as mulheres precisam se esforçar mais para mostrar que são igualmente capazes.

Ian: Eu acho que as mulheres, por toda essa questão de que elas precisam sabe? É uma ** isso, me desculpe a palavra, mas é muito ruim isso, mas infelizmente as mulheres tem a necessidade de se auto afirmarem na sociedade e mostrar que são capazes.

Chassot (2007) relaciona essa necessidade de afirmação das mulheres, principalmente nas ciências pelo fato de por vários séculos elas serem impedidas de participar de grupos científicos. Essa tardia entrada da mulher no meio científico acabou fazendo com que se criasse um estigma de que ciência não é profissão feminina.

Ian acredita que essa necessidade de afirmação feminina faz com que as meninas tenham mais sucesso no curso.

Ian: e eu acho que elas... isso existir na sociedade faz com que elas se empenhem mais e sejam mais esforçadas que os homens no curso.

Diante da subcategoria desempenho, pudemos perceber que apesar de não notarem diferenças entre homens e mulheres no curso, existem um maior número de meninas e assim, acabam se destacando mais. É importante destacar mais uma vez a sensibilidade do discente Ian para as questões de gênero, ele se mostra um aluno bastante ligado às questões socioculturais.

Nessa categoria destacamos a singularidade ligada à sexualidade do discente Ian. Ele enfrentou problemas de autoafirmação na adolescência, mas o convívio na universidade o favoreceu e fez com que ele tivesse um amadurecimento nesse sentido. Duas discentes, Alicia e Sophia, apresentaram a singularidade ligada às múltiplas jornadas da mulher, elas são mães e donas de casa ao passo que cursam uma faculdade e ainda trabalham. Essas discentes tiveram de assumir responsabilidades e organização para conseguir vencer os desafios diários.

As singularidades apresentadas aqui, étnico-racial, da pessoa com deficiência, socioeconômicas e de gênero e sexualidade, todas elas foram percebidas através dos discursos dos discentes quando na entrevista pedimos que eles contassem sua história de vida, desde a infância até o momento presente. Essas singularidades estão ligadas a fatores identitários e refletem no desempenho dos discentes no curso, alguns geram crescimento e amadurecimento e outros, barreiras.

As singularidades apresentadas pelos discentes podem ser vistas a partir de três implicações principais. Geram consequências, motivações/desmotivações e aproximam os indivíduos de determinados suportes emocionais.

As singularidades geram consequências que podem ser atitudes ou comportamentos gerados por acontecimentos de suas vidas, podendo ser positivas ou negativas. Para permanecer no curso os discentes elencam alguns fatores motivadores e ainda em que eles se apoiam nos momentos difíceis.

Quanto às consequências das singularidades, Alicia relata o abandono da mãe e o fato de ter sido criada apenas pelo pai, assumindo a função de matriarca da família. Ela relata os problemas da relação com o pai e como essas situações moldaram o que ela é hoje, uma pessoa que não se acomoda com os problemas do dia a dia.

Ian relacionou a liberdade que seus pais lhe deram ao modo que ele encara a vida, ele pôde vivenciar coisas que seus amigos não puderam pela forte presença dos pais. Já Dante acredita que por ele ter tido tarefas a cumprir quando criança, possibilitou que ele se tornasse um adulto organizado e responsável.

Diante dos problemas eles se firmam em motivações que os fazem buscar seus objetivos e mostrar seu potencial acima das dificuldades. Tivemos alguns fatores em comum, como o amor pela docência e a boa qualidade do curso de biologia, que embora eles relatem o desinteresse de alguns professores, a busca por aprender coisas novas faz com que eles continuem motivados.

E por fim temos o suporte emocional, ou seja, em quem ou em que eles se apoiam para continuar em busca de seus objetivos. Para Alicia o suporte é espiritual, para os outros é a família, principalmente as mães.

3.2. Inovação

Nesta seção, foram apresentadas as falas dos alunos sobre inovação, organizadas em 3 subtópicos. A saber, Autoanálise: oposição entre inovação e conservadorismo, Posicionamento frente à necessidade de inovar e Barreiras à inovação.

Quadro 05: Distribuição das frequências que contemplam a dimensão inovação.

Dimensão	Categorias temáticas	Unidades de contexto (exemplos)
Inovação (126)	Autoanálise: oposição entre inovação e conservadorismo (16)	Max: (uma pessoa) inovadora. Assim, basicamente eu procuro trazer não só aquele conceito tradicional, mas trazer algumas coisas do cotidiano dos alunos. Dante: (uma pessoa) inovadora. Assim, eu me considero assim, uma característica que eu também tenho é ser criativo, acho que por causa disso me considero inovador. Alicia: eu já fui mais conservadora, hoje sou mais inovadora. Luna: Quando se trata de moral e ética eu me sinto muito tradicional. Sophia: eu acho que eu sou... talvez inovadora, por querer levar uma... tipo, uma educação assim diferente [...] me sinto inovadora, esse é meu estilo.
	Posicionamentos frente à necessidade de inovar	Sophia: Depende, eu acho que se o professor talvez quisesse ajudar o aluno [...] depende do interesse também do professor né? Não sei se ele estaria interessado em tipo, mudar um pouco o jeito do... do ensino dele, não sei. Max: opinar, questionar. Luna: tem que estimular o aluno de alguma forma[...] correr atrás, procurar mudanças. Dante: detectar essas falhas, essas lacunas [...] criar, montar uma espécie de documento algo desse tipo, abaixo assinado, e deve procurar o chefe do departamento[...] ver se há possibilidade dessas alterações.

	Barreiras à inovação (37)	<p>Dante: esse é o principal bloqueio, o medo de me sobrecarregar.</p> <p>Sophia: acho que talvez o medo mesmo [...] de não ser (o problema) de mais pessoas [...] talvez o medo de não aceitarem.</p> <p>Luna: receber um não [...] eu não sei lidar com uma negação [...] medo do que as pessoas poderiam pensar de mim.</p> <p>Max: se eu realmente seria atendido (receio de não ser atendido) [...] eu acho que o apoio, o apoio dos demais talvez não seria tão satisfatório assim consequentemente acabaria me inibindo.</p>
--	---------------------------	---

3.2.1. Auto Análise: oposição entre inovação e conservadorismo

Todos se consideram inovadores, embora alguns apontem oscilar entre essa característica e o conservadorismo, dependendo da situação. Eles se consideram inovadores no contexto da universidade e da discussão política nacional, mas, se consideram conservadores quanto à moral e ética e a questões de tradição familiar.

Ian: Acho que eu sou inovador. Se você pensar que conservadorismo no Brasil é ser totalmente quadrado, é você olhar pra política e ver os reflexos desse conservadorismo dentro da política, eu me considero uma pessoa inovadora. Eu acho que é sempre bom saber? A gente tentar sentir e analisar a situação e ver o que pode ser mudado e ver questões novas que vem aparecendo e ver tudo isso eu acho que... sou inovador.

Luna: Depende de qual contexto nós estamos falando. Quando se trata de moral e ética eu me sinto muito tradicional, conservadora. Mas se estivermos falando sobre outras possibilidades de ensino, pesquisa, coisas para sua vida que não afetem a sua moral e ética, me considero inovadora, por exemplo, coisas do seu bem-estar, é bom sermos inovadores.

A explicação deles do porque eles se acham inovadores pode dar pistas sobre a concepção que eles têm de inovação. Quando eles relacionam inovação com criatividade, além de buscarem divergir de ideias relacionadas ao método tradicionalista de ensino.

Dante: Inovadora. Assim, eu me considero assim, uma característica que eu também tenho é de ser criativo, acho que por causa disso eu me considero inovador.

Alicia principalmente no trabalho, eu sou aquela professora que toda hora inventa uma moda.

Max: Eu procuro trazer não só aquele conceito tradicional, mas trazer coisas que estejam ao redor do cotidiano dos alunos.

Sophia: eu sou inovadora por querer levar um tipo de educação assim, talvez diferente.

Percebemos que quando perguntamos se eles se consideravam inovadores ou conservadores os levamos a uma autoanálise que girou em torno da oposição entre inovação e conservadorismo. Talvez a forma como perguntamos tenha levado à essa oposição, mas, de uma forma geral, Hodson (2011) afirma que os alunos estão divididos em dois grupos: aqueles que acreditam que a inovação vale a pena, e aqueles que se opõem a ela (HODSON, 2011).

Por vezes eles queriam fugir da taxação de tradicionalistas quanto ao método de ensinar. Santana et al. (2012), em seu estudo com alunos de ciências biológicas da UFS, perceberam que os alunos dos primeiros períodos estavam mais próximos das ideias do método

tradicionalista de ensino, enquanto os discentes dos últimos períodos se mostravam mais próximos aos conceitos ligados ao construtivismo.

Santana et al. (2012), levantam a possibilidade de que, ao entrar no ensino superior, os discentes trazem sua bagagem do ensino básico muito ligado ao método tradicional, eles passam por um choque de informações, passando assim a não mais ver aquele ensino que eles tiveram durante toda sua formação como a melhor forma de ensinar. Nesse sentido, os alunos passam a rejeitar tudo aquilo que consideram tradicional no ensino.

3.2.2. Posicionamentos frente à necessidade de inovar

Quanto à categoria Posicionamentos frente à necessidade de inovar, representada no quadro 06, temos 4 subcategorias que mostram um gradiente de atitudes inovadoras dos discentes frente à situações que requerem solução: 1. Desde aquele que percebe um problema, mas se mostra na inércia (9); 2. Aqueles que têm ideias, mas não as compartilham com outras pessoas (33); 3. Os que exercem influência (17) no meio acadêmico quando propõem a mobilização para a resolução dos problemas; 4. Até aqueles que agem (14), frente às barreiras e buscam um meio para solucionar obstáculos e, acabam inovando, de fato.

Quadro 06: Distribuição das frequências que contemplam a categoria posicionamentos frente à necessidade de inovar.

Categoria	Subcategorias temáticas	Unidades de contexto (exemplos)
Posicionamentos frente à necessidade de inovar	Inercia (9)	Sophia: Depende, eu acho que se o professor talvez quisesse ajudar o aluno [...] depende do interesse também do professor né? Não sei se ele estaria interessado em tipo, mudar um pouco o jeito do... do ensino dele, não sei. Dante: a responsabilidade nesse processo? Eu tô saindo gente (risos). Ian: bem, o que eu queria fazer é... era me consultar com um psicólogo (risos) fazer terapia (risos) mas é... acho que isso não bastava.
	Idealização (33)	Max: através de perguntas possibilitar a participação ou então a indagação. Podem ser imagens, vídeos, ou até mesmo atividades práticas. Sophia: seria mais interessante dinâmicas, com jogos... podendo usar espaços não formais também. Ian: eu acho que uma coisa que seria bacana seria colocar os professores do ensino básico, da educação básica em contato com os alunos que estão tendo dificuldades pra que possam estar ajudando e tal, não sei, poderia ser um programa de extensão bacana.
	Influência (17)	Alicia: É trazer sugestões, realidades, dúvidas, e trabalhar junto com os outros colegas de curso e os professores, pra dividir essas experiências. Max: opinar, questionar. Luna: tem que estimular o aluno de alguma forma[...] correr atrás, procurar mudanças. Dante: detectar essas falhas, essas lacunas [...] criar, montar uma espécie de documento algo desse tipo, abaixo assinado, e deve procurar o chefe do departamento[...] ver se há possibilidade dessas alterações.

	Ação (14)	Dante: não tem laboratório? Então eu posso fazer um experimento mais simples, utilizando materiais reciclados por exemplo. Alicia: eu busco trazer novidades né? Pra os alunos, como os mini cursos e as oficinas, eu faço aula de campo. Luna: eu sempre indagava muito o meu professor, fazia perguntas e participava dos chats quando eu era do EAD.
--	--------------	---

3.2.2.1. Inércia

Na subcategoria inércia temos as falas dos discentes que não apresentam ação. Frente a um problema, eles apenas deixam passar e, depois arcam com as consequências. Separamos essa subcategoria pelo uso da palavra “se” indicando possibilidade e ligando à inovação deles, a fatores externos.

Sophia: Depende, eu acho que se o professor talvez quisesse ajudar o aluno acho que sim (evitar reprovações) [...] depende do interesse também do professor né? Não sei se ele estaria interessado em tipo, mudar um pouco o jeito do ensino dele, não sei;

Ian: Na minha adolescência, se meus pais tivessem sentado comigo e dito: olhe, você não pode ser agora por causa disso, disso e disso e daquilo, então não dá, se controle, tente reverter essas coisas sabe? Manejar esses sentimentos essas emoções;

Sophia: Talvez se eu tivesse exposto a minha dificuldade, qual era o problema, mas eu não expus qual era o problema, aí por isso, não tiveram como ajudar[...];

Eles relatam que tinham um problema, mas que não fizeram nada para solucionar, eles até sabiam como, mas colocaram essa responsabilidade em outras pessoas e acabaram sem solução. E não só eles, mas os demais colegas também, como vemos no relato de Sophia.

Sophia: O negócio é que não foi só eu, tipo, a metade da turma, tipo, XXX tem um alto índice de reprovação, YYY também é... ZZZ, mais ou menos, também. Então, acho que o professor também se ele tivesse mudado um pouco o modo de ensinar, talvez tivesse ajudado a gente.

E temos também a questão da individualidade, ao se aproximar do fim da graduação, o aluno não pensa mais em mudanças pois ele possivelmente não terá mais tempo para se beneficiar das possíveis mudanças.

Dante: A minha responsabilidade nesse processo (gerar mudanças)? Eu tô saindo gente (risos);

Dentro dessa subcategoria vemos que ao colocar o poder de inovar em fatores externos (como a disponibilidade do professor) os discentes acabam deixando o problema passar, consequentemente acabam reprovando ou arcam com a frustração de não ter uma solução para questões que os afligem. No âmbito educacional, isso se agrava, Moran (2004, p. 348) relata que apesar da revolução que passamos com a inserção da tecnologia acessível (Internet, as redes, o celular, a multimídia), “na educação, porém, sempre colocamos dificuldades para a mudança, sempre achamos justificativas para a inércia ou vamos mudando mais os equipamentos do que os procedimentos”.

3.2.2.2. Idealização

Os idealizadores são aqueles que têm ideias, mas não chegam nem a falar para os demais, apenas as guardam para si. Para formar esta subcategoria separamos as falas que continham as palavras “seria”, “queria”, “tentar”, e as falas que apresentam uma solução para determinado problema.

Essas ideias podem ser soluções para eles, como alunos:

Alicia: cabe ao aluno achar seu ponto forte e trabalhar em cima disso, porque dá pra você trabalhar em várias áreas, em várias habilidades;

Luna: tem que ter certa espontaneidade, não ser tímido pra demonstrar seus interesses. Porque se ele é tímido e não demonstra seus interesses é complicado pra quem está de fora saber o que se passa dentro dele e, por exemplo, chegar pra esse aluno e falar: olha vou fazer uma pesquisa e gostaria que você participasse, olha vai ter uma palestra sobre tal coisa e queria que você fizesse, então, coisas como estas tem que partir do aluno;

Sophia: e procurar meio de chegar até aquele professor, aquele centro acadêmico assim, as sugestões de mudanças;

Para eles, como futuros professores:

Max: Através de perguntas possibilitar a participação ou a indagação, podem ser imagens, vídeos ou até mesmo atividades práticas;

Ian: também as questões ambientais de trabalhar com educação ambiental dentro de sala de aula, trabalhar com a sensibilização pra que o aluno entenda que ele está inserido no ecossistema, que foi ocupado pelo homem e todas essas questões;

Questões que envolvem o colegiado e ou departamento de biologia, ligadas a inovação curricular.

Dante: Eu acho que, aqui no nosso caso é um curso de licenciatura, falta aos professores das disciplinas uma preparação um pouco específica, especial, para preparar professores. Eles ensinam os conteúdos, mas a gente sabe que ensinar o conteúdo e ensinar a ensinar o conteúdo é diferente;

Dante: mas o que falta aqui no curso é, por exemplo, não teve nenhuma disciplina na UFS que me permitisse, como eu tenho que ensinas, ministrar uma aula de campo, então, na teoria eu sou obrigado a inovar (como professor), mas na prática não tenho nenhuma disciplina, por exemplo, zoologia de campo, botânica de campo, para que eu me prepare para que futuramente eu possa dar uma aula de campo, sabendo que eu posso e o que eu posso abordar;

Jesus (2012) percebeu, entrevistando alunos de ciências naturais (química, física e biologia) também da UFS, que os alunos almejam o ensino mais inovador e eles sentem falta desse suporte para inovar nas disciplinas de seus cursos.

Algumas ideias dos discentes, que vieram em formato de crítica ao curso, são coisas que já acontecem, como por exemplo, um aluno gostaria de ter mais contato com os professores da educação básica, coisa que é possível através do programa PIBID.

Ian: Eu acho que uma coisa que seria bacana seria colocar os professores do ensino básico, da educação básica em contato com os alunos que estão tendo dificuldades para que possam estar ajudando e tal, não sei, poderia ser um programa de extensão bacana;

O PIBID “propõe a articulação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas públicas de Educação Básica” como forma de contribuir para a formação inicial de

professores, antecipando o contato licenciandos com seu futuro ambiente de trabalho. O objetivo deste programa é que essa aproximação possa levar os discentes a se comprometer e se identificar com o magistério (FELÍCIO, 2014. P. 419).

As falas dos discentes giram em torno também do que eles creem que os professores do curso ao qual eles fazem parte deveriam fazer para melhorar sua prática e, para que os discentes se sentissem mais à vontade para propor inovações.

Luna: O papel do professor para possibilitar essas inovações por parte do aluno é que ele deve sempre deixar o aluno reflexivo e crítico [...] se dedicarem mais ao que fazem, eles instigarem mesmo o aluno a querer se interessar pela ciência, porque existem muitos professores que são desestimulantes [...] o aluno quando se colocar à disposição e procurar uma inovação no ensino o professor tem que abraçar e ajudar no que for necessário para que os dois inovem juntos;

Sophia: Alguns professores mudar um pouco seu modo de avaliar o aluno, de expor seu conteúdo, também ajudaria muito e de motivar mais;

Os discentes sabem o que precisam para serem mais inovadores no curso e na sua futura profissão. Porém, muitas vezes essas ideias ficam apenas para eles. Nesse nível de inovação temos alunos com grande potencial inovador, mas que por algum motivo não chegam ao próximo nível que é compartilhar suas ideias e influenciar outros para juntos inovar.

3.2.2.3. Influência

O influenciador é aquele que tem ideias e acreditam que para inovar necessitam do apoio coletivo.

Ian: Eu acho que tem que começar nos alunos, eu acho que tem que começar na gente. Eu acho que, conseguir identificar esses problemas e a partir disso é... disseminar esses pensamentos e essas questões entre os alunos e depois levar isso como um pensamento único dos estudantes pra os professores;

Sophia: acho que de toda a comunidade, tanto a... dos universitários, tipo os alunos mesmo, e o centro acadêmico, acho que seria isso, tipo uma conversa né? Dialogar;

Dante: eu acredito que a comunicação né? De comunicar aos alunos, de tentar envolver o máximo de alunos com os problemas que cada um acredita que possa existir [...] e aí a minha participação como aluno é mobilizar ou participar da mobilização;

Os alunos têm consciência de que devem inovar e que devem buscar inovar coletivamente. Eles veem nos debates e mobilizações o melhor caminho para essas mudanças tanto curriculares quanto do curso em geral. Eles acreditam que não devem ficar só esperando que parta de outros, mas que devem tomar a iniciativa.

Dante: então, buscar mobilizar os alunos, porque falta muito isso, reunião, discussão e tudo mais, com todos os alunos, para que juntos, de diferentes períodos, a gente possa detectar quais os problemas do curso e definir algumas prioridades como as questões que são trabalhadas num curso de licenciatura e levar pro colegiado;

Ian: Eu acho que seria parar, pensar melhor, planejar algumas coisas e conversar com os alunos e tentar... e começar a incitar isso no outro sabe? Pra que essas questões sejam levantadas pra saber deles o que precisa ser melhorado pra que a gente seja mais incentivado, seja melhor motivado;

Dante: eu acho que é detectar o problema como falei e mobilizar, buscar mobilizar, porque as vezes a gente espera muito dos outros, dos professores, do coordenador de curso, mas a gente acaba esquecendo de fazer a nossa parte, muito mais cômodo criticar do que resolver o problema;

Hodson (2011) afirma que os alunos não conseguem perceber que ações individuais as vezes não são suficientes para efetuar uma mudança significativa, e que somente ações coletivas podem ter sucesso. Ele afirma que é preciso encorajar a participação em ações coletivas e desenvolver a capacidade dos alunos para analisar e criticar as práticas sociais e culturais.

E dentro dessa mudança coletiva eles destacam seu papel nesse processo de mudanças.

Dante: Acho que é uma mudança coletiva, os alunos eu acho, tem que partir dos alunos o pontapé inicial. Os alunos detectar essas falhas, lacunas. Eu não vou dizer falhas. E criar, montar uma espécie de documento algo desse tipo, abaixo assinado, e deve procurar o chefe do departamento para que ele com os professores veja se existe essa possibilidade de ter essas alterações;

Alicia O que tem dentro de mim é essa minha vontade de socializar, de trazer, de mostrar o que eu vivi e aprender o que os outros viveram;

Ian: A minha responsabilidade seria a de correr atrás, de procurar as mudanças;

Dante: Me considero comunicativo e acha que essa característica é primordial para esse primeiro momento de envolver os alunos;

Essa categoria nos mostra que os alunos têm consciência do seu papel para as mudanças, essa característica de ser um influenciador é colocada como fundamental para a formação de ativistas. Ainda assim alguns deles não chegam à ação. Têm ideias e sabem que precisam compartilhar e buscar o apoio dos outros mais mesmo assim não chegam ao último nível da inovação: Ação.

3.2.2.4. Ação

O ativo é o sujeito que chega e propõe as suas ideias, nesta subcategoria utilizamos o critério de separar os verbos no passado, indicando uma ação já realizada. Os entrevistados deram exemplos de inovação tanto como alunos do curso de licenciatura:

Alicia: Minha responsabilidade é trazer a minha experiência de fora daqui e trazer ideias, sugestões, de repente sentar com os professores como eu fiz com a professora XXX, eu disse: professora vamos trabalhar lá e tal;

Dante: tem até algumas técnicas que eu já li, você estuda 20 minutos e fica 5 minutos de intervalo pra relaxar, então você concentra naquela atividade (técnicas para estudar);

Luna: por exemplo, quando eu fiz morfologia, anatomia vegetal e botânica, eu sempre indagava muito, o meu professor. Fazia perguntas, participava dos chats quando era do EAD, e ele sempre se fez presente, me aconselhava a buscar novas fontes de conhecimento;

Quanto como professores da educação básica:

Alicia: Antes eu gostava muito mais daquela aula de só escrever, eu adoro, aprendo mais escrevendo, e ainda faço meus quilômetros de quadro copiado, mas agora eu busco trazer novidades né? Pros alunos como os minicursos e as oficinas, eu faço aula de campo [...] recentemente eles me pediram pra ensinar como montar um cronograma de estudos, eu parei a minha aula e fui lá, montei um cronograma com eles, expliquei

a importância e tudo [...] fiz um grupinho de *whatsapp* pra gente trocar informações sobre ENEM, concursos, aí coloco uns desafiozinhos matemáticos pra poder ampliar o raciocínio deles;

Dante: eu tento ler muito sobre, pra que quando eu por ventura, eu parar dando aula nas escolas eu tenho que não, eu critico tanto quem não inova e acabar sendo mais um que não inova também. Então eu busco ler muito sobre isso (aula de campo) pra que quando chegar na sala de aula eu possa levar pra campo [...] não tem laboratório? Então eu posso fazer um experimento mais simples utilizando materiais reciclados por exemplo;

Dante (21) relatou uma experiência como professor no âmbito do Programa de iniciação à docência (PIBID), onde ele se sentiu inovador.

Dante: Eu fui lá na quadra, observei se tinham as espécies que eu queria, e aí a gente fez um tabuleiro humano, ao invés de ser um tabuleiro jogado na sala de aula, com dados e pinos, os próprios alunos eram os pinos, acho que foi uma coisa que me marcou, porque deu muito certo. Tudo funcionou como tinha que funcionar e foi inovador até para os próprios alunos;

Na área empresarial, existe uma busca por profissionais com perfil ativista, esses profissionais são os responsáveis por captar ideias e compartilhá-las com os outros (VON KROGH et al., 2001). “Investir na formação de ativistas e profissionais de serviços públicos de saúde e educação resulta em produtos inovadores para os serviços e em novos desafios relevantes para o mundo acadêmico” (BUCHALLAA, PAIVA, 2002. p. 119).

Nos movimentos sociais essas características são fundamentais para disseminar a tolerância cultural (SCHERER-WARREN, 2006) e ainda na área ambiental a ação dos ativistas foi o que deu início às políticas ambientais e a normatização da educação ambiental (TRISTÃO, 2011). Hodson (2011) afirma que o cidadão participativo deve estar envolvido na organização e participação em esforços comunitários para cuidar dos necessitados, promover o desenvolvimento social e limpar o meio ambiente. É necessário que o aluno seja capaz de pensar de forma crítica no desenvolvimento social, estruturas políticas e econômicas.

Assim, podemos perceber que os entrevistados têm muitas ideias, mas que muitas delas não são sequer compartilhadas com os colegas, vimos também que eles têm grande potencial para influenciar os colegas e chegar a ação de fato, porém, obtivemos apenas um exemplo de ação realizada em conjunto (Alicia). Os exemplos de ação que obtivemos foram da prática profissional dos entrevistados, exemplos de inovação metodológica realizadas por eles como a criação de material didático e o uso de jogos em aulas.

A maioria das falas está no segundo nível que é ter ideias, e eles têm consciência de que devem compartilhar essas ideias com os demais para chegar de fato à ação. Os discentes têm potencial inovador, mas, por alguns motivos, não chegam de fato a inovar. Esses motivos estão descritos na categoria barreiras à inovação.

3.2.3. Barreiras à inovação

Nesse tópico trazemos os motivos pelos quais os discentes não chegam a propor suas inovações. Detectamos quatro tipos de barreiras, o receio de não ter sua reivindicação atendida, o medo de seu problema não ser coletivo, a relação com os professores não ser aberta e medos em geral.

Quadro 07: Distribuição das frequências que contemplam a categoria barreiras à inovação.

Categoria	Subcategorias temáticas	Unidades de contexto (exemplos)
Barreiras à inovação (40)	Insegurança (12)	Sophia: eu sou um pouco mais devagar pra aprender, pra compreender assim as coisas eu sou mais devagar. Aí talvez essa seja uma característica que me atrapalha de propor essas coisas; Dante: me incomoda muito, eu não sei se pode ser a justificativa pra insegurança mas se tiver um grupinho de pessoas conversando e olhando pra mim eu sempre levo pra o lado da insegurança;
	Falta de aceitação (20)	Ian: Aí as vezes eu acho que é só eu que acho assim então não tem necessidade de eu compartilhar; Sophia: Talvez o medo de não aceitarem [...] não resolverem o problema; Sophia: medo de não ser [o problema] de mais pessoas, porque já que não é só eu [não vai ser atendida];
	Relação com os professores (8)	Alicia: Muitos professores não aceitam críticas, mas outros aceitam. A gente chega conversa e consegue, mas tem uns que não tem jeito; Luna: (não gosto) quando me destratam por não ter a mesma titulação, principalmente quando se trata de professor- aluno

Na subcategoria Insegurança temos os receios dos discentes como fator principal para que eles não proponham inovações. Isso se dá pelo fato de não se sentirem capazes, ou até

Sophia: eu sou um pouco mais devagar pra aprender, pra compreender assim as coisas eu sou mais devagar. Aí talvez essa seja uma característica que me atrapalha de propor essas coisas;

Dante: me incomoda muito, eu não sei se pode ser a justificativa pra insegurança mas se tiver um grupinho de pessoas conversando e olhando pra mim eu sempre levo pra o lado da insegurança [...] e só o fato de pensar isso eu já... não me deixa com segurança máxima [...]

Moran (2004, p. 349) defende o desenvolvimento da autoestima como tema transversal nos cursos de licenciatura. Ele afirma que “aprendemos mais e melhor se o fazemos num clima de confiança, de incentivo, de apoio, de autoconhecimento”.

Quanto à falta de aceitação, trazemos falas ligadas ao receio de não ser atendido. Os discentes afirmam que não compartilham suas ideias por medo de levar um não ou de não receberem o apoio dos colegas, eles não compartilham suas ideias por medo de ser uma questão particular e não um problema coletivo.

Ian: Aí as vezes eu acho que é só eu que acho assim então não tem necessidade de eu compartilhar [...] por que não adianta só eu achar isso e os outros alunos não acharem

e eu pedir esse tipo de atividade pra o departamento e os alunos acharem ruim que tá tendo esse tipo de atividade sabe? Então tem que ser uma atitude coletiva;

Max: O resultado que você obtém disso, as vezes acaba sendo frustrante e acaba te desmotivando [...] se realmente seria atendido [...] eu acho que o apoio dos demais, talvez não seria tão satisfatório assim, consequentemente acabaria me inibindo;

Dante: eu tenho um perfil de propor mudanças, acredito que sim, porém entra na questão de ser mais uma responsabilidade e aí eu corro o risco de me sobrecarregar;

Já na relação professor aluno eles afirmam não sentem confiança em compartilhar suas ideias com os professores, principalmente, críticas aos métodos de avaliação e ensino deles.

Alicia: Muitos professores não aceitam críticas, mas outros aceitam. A gente chega conversa e consegue, mas tem uns que não tem jeito;

Luna: (não gosto) quando me tratam por não ter a mesma titulação, principalmente quando se trata de professor- aluno [...] por exemplo quando eles não se interessam pelo que eu tenho a mostrar [...] porque ainda existem muitos professores que se acham superiores aos alunos e que não querem levar a conversa ao mesmo nível se achando que são superiores;

Moran (2004, p. 352) coloca como fator para formação de alunos inovadores, que os professores estabeleçam “relações cordiais, de acolhimento para com os alunos” e que sejam mais “abertos, afetivos, carinhosos, tolerantes e flexíveis, dentro de padrões e limites conhecidos”.

O discente Ian relata que não há diálogo entre os professores e o centro acadêmico e exemplifica pelo caso da falta de informação no tocante às reuniões de colegiado que os alunos têm o direito de assistir. É dever do departamento informar os direitos dos alunos ou é papel dos alunos buscarem conhecer seus direitos?

Ian: O Departamento de biologia ele é um pouco fechado nos professores, então é ... a gente só foi descobrir que aluno podia assistir as reuniões do departamento no fim do ano passado, é tipo, uma coisa que tá no estatuto e que a gente tem acesso, que a gente têm que estar lá para que a gente passe a nossa opinião também. Então, se a gente não tava sabendo disso não é só por que a gente não foi atrás, é porque também não foi divulgado [...] não são todos os professores que são assim, são alguns que são fechados dentro do círculo dos professores e os alunos não têm acesso;

Como análise geral do processo de categorização sobre inovação temos que inovar para eles está mais ligado à metodologia de ensino, aulas dinâmicas com uso de jogos e tecnologias, sempre fugindo da taxação do tradicionalismo. Quanto às tradições familiares e termos de moral e ética eles se reconhecem como conservadores.

Quanto ao gradiente de inovação percebemos que os alunos têm muitas ideias e são conscientes da necessidade de inovar, porem a maioria não chega se quer a compartilhar suas ideias com os outros. Essa questão pode ser visualizada na categoria barreiras à inovação onde a maioria colocou como empecilho a falta de apoio dos demais e o medo de não terem suas reivindicações atendidas ou suas ideias postas em pratica.

Nossos dados corroboram com o que Moran (2004, p. 353) coloca que é preciso para inovação no âmbito educacional o “desenvolvimento da autoestima/autoconhecimento” e investir “na formação do aluno-empREENDEDOR e do aluno-cidadão” e a necessidade de motivação por parte dos alunos e que eles tenham mais iniciativa, explorando suas possibilidades. Ele ainda ressalta que as tecnologias podem, apenas, auxiliar nesse processo, e que não apenas os alunos devem se sentir assim, mas se faz necessário que os professores e gestores também estejam com autoestima elevada e se sintam confiantes para inovar.

3.3. Análise comparativa

Entre os seis entrevistados percebemos que existem, dentro da singularidade relacional, singularidades grupais, todos eles apresentam determinadas características, mas, também temos singularidades individuais dentro desse grupo de indivíduos. A principal singularidade grupal é a questão socioeconômica. Todos eles são de classe econômica, menos abastada. Apenas 1 veio de escola particular, mas mesmo ele relata não ter boas condições econômicas. Além dessa, 5 dos 6 entrevistados são cotistas de escolas públicas, o que reforça a questão socioeconômica.

Outra singularidade grupal é relacionada à mulher. Duas das três meninas apresentam características ligadas ao fato de serem mães ou donas de casa (múltiplas jornadas da mulher). A outra, embora não seja casada nem tenha filhos, mora com a irmã o que indica uma maior responsabilidade por estar longe de casa e dos pais.

Das singularidades individuais temos, Ian que se auto declara negro e bissexual. Apenas ele relatou orientação sexual, embora esse ainda seja um tabu familiar para ele, pois os pais não sabem de sua bissexualidade.

Alicia foi criada apenas pelo pai e se considera interiorana, uma moça recatada do campo, ela relata o impacto da entrada na universidade e considera esse novo mundo como uma quebra de paradigmas na vida dela.

Na tabela 03 foi mostrada a relação sujeito/singularidade, onde apresentamos a porcentagem de falas de cada sujeito que formam determinada singularidade.

Tabela 03: Distribuição das frequências de falas na relação sujeito/ singularidade.

Sujeito Singularidade	MJM	Sexualidade	Étnico -racial	Socio econômico	Cotista	Interiorano
Alicia	73,7%	-	-	22,4%	33,3%	100%
Sophia	26,3%	-	25%	26,3%	27,9%	-
Luna	-	-	-	7,9%	-	-

Ian	-	100%	75%	19,7%	-	-
Max	-	-	-	5,3%	5,5%	-
Dante	-	-	-	18,4%	33,3%	-
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

MJM n= 19; sexualidade n= 8; étnico-racial n= 4; socioeconômico n= 76; cotista n= 18; interiorano n= 4.

Múltiplas jornadas da mulher (MJM) foi citada apenas por Alicia (73,7%) e Sophia (26,3%); sexualidade, apenas por Ian (100%). Étnico-racial foi citado por Sophia (se autodeclara branca) e por Ian (se autodeclara negro). Socioeconômico foi citado por todos, Max (5,3%), Luna (7,9%), Dante (18,4%), Ian (19, 7%), Alicia (22,4%) e Sophia (26,3%). Cotistas apenas Luna e Ian não citaram e, interiorano é composto apenas por falas de Alicia (100%).

Complementando a tabela anterior, na tabela 04, buscamos mostrar a relação Singularidade/ sujeito, na qual podemos obter a distribuição de temas relacionados a uma determinada singularidade, para cada sujeito.

Tabela 04: Distribuição das frequências de falas na relação singularidade/ sujeito.

Singularidade Sujeito	Alicia	Sophia	Luna	Ian	Max	Dante
MJM	34,2%	16,1%	-	-	-	-
Sexualidade	-	-	-	30,8%	-	-
Étnico- racial	-	3,3%	-	11,5%	-	-
Socioeconômico	41,5%	64,5%	100%	57,7%	80%	70%
Cotista	14,6%	16,1%	-	-	20%	30%
Interiorano	9,7%	-	-	-	-	-
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Alicia n= 41; Sophia n= 31; Luna n= 6; Ian n= 26; Max n= 5; Dante n= 20.

Alicia apresentou as singularidades: MJM (34,2%), Sócio econômico (41,5%), cotista (14,6%) e interiorana (9,7%). As falas de Sophia apresentam 4 singularidades, étnico-racial (3,3%), MJM (16,1%), cotista (16,1%) e socioeconômico (64,5%). Luna apresentou apenas uma singularidade, ligada ao socioeconômico. Ian apresentou três singularidades: étnico-racial (11,5%), Sexualidade (30,8%) e socioeconômico (57,7%). As falas de Max estão dentro de 2 categorias, Socioeconômico (80%) e cotistas (20%). Semelhante à Max, Dante também apresenta falas em Socioeconômico (70%) e cotistas (30%).

Quanto à inovação construímos duas tabelas. Na tabela 05, trazemos a relação de quanto cada entrevistado contribuiu, em número de temas falados, para cada posicionamento sobre a necessidade de inovar.

Tabela 05: Distribuição das frequências de falas na relação inovação/ sujeito.

Inovação Sujeito	Alicia	Sophia	Luna	Ian	Max	Dante	Total
Inercia	-	55,6%	-	33,3%	-	11,1%	100%
Ideal	9%	21,1%	18,1%	27,8%	9%	15%	100%
Influencia	17,6%	6%	11,8%	17,7%	5,8%	41,1%	100%
Ação	57,1%	-	7,2%	-	-	35,7%	100%

Inercia: n= 9; Ideal n= 33; influencia n= 17; Ação n=14.

A categoria inércia foi composta por falas de Sophia (55,6%), Ian (33,3%) e Dante (11,1%). Ideal foi composto por todos, mas quem contribui mais é Ian (27,8%) e Sophia (21,1%). Para a categoria influencia, quase metade das falas é de Dante (41,1%) e quem se mostrou menos presente foi Max (5,8%) e Sophia (6%). A mais ativa é Alicia (57,1%), mais da metade das falas de ação são dela, seguida por Dante (35,7%). Sophia, Ian e Max não contribuíram com nenhuma fala em ação.

Na tabela 06 trazemos a relação sujeito/ inovação, com o nível de inovação de cada sujeito em percentual.

Tabela 06: Distribuição das frequências de falas na relação sujeito/ inovação.

Sujeito Inovação	Inércia	Ideal	Influencia	Ação	Total
Alicia	-	21,4%	21,4%	57,2%	100%
Sophia	38,5%	53,8%	7,7%	-	100%
Luna	-	66,7%	22,2%	11,1%	100%
Ian	20%	60%	20%	-	100%
Max	-	75%	25%	-	100%
Dante	5,5%	27,8%	38,9%	27,8%	100%

Alicia n= 14; Sophia n=13; Luna n=9; Ian n=15; Max n=4; Dante n=18.

Alicia teve a maioria de suas falas na categoria ação (57,2%) e não teve nenhuma fala em inércia. Sophia só não teve falas em ação, ela possui falas em inércia, ideal e influência sendo que, mais da metade de suas falas, está em ideal. Luna não tem nenhuma fala na categoria inércia, a maioria de suas falas está em Ideal (66,7%). Ian apresenta 60% de seu discurso em

ideal, ele não tem nenhuma fala em ação. Max só tem falas em ideal e influência, sendo que a maioria está na primeira (75%). Dante possui falas em todos os níveis de inovação. Sendo que mais de 50% de suas falas está em influência e ação.

Tabela 07: Distribuição das frequências de falas na relação barreiras/ sujeito.

Sujeito Barreiras	Insegurança	Falta de aceitação	Relação com os professores
Alicia	-	-	12,5%
Sophia	41,7%	20%	12,5%
Luna	-	25%	50%
Ian	33,3%	15%	12,5%
Max	-	20%	-
Dante	25%	20%	12,5%
Total	100%	100%	100%

Insegurança n= 12; Falta de aceitação n= 20; Relação com os professores n= 8.

Alicia não teve falas em inércia e foi quem mais contribuiu para a ação. Nas barreiras, ela apresenta fala apenas na relação com os professores.

Sophia é quem mais possui falas em insegurança, e nas inovações ela ficou mais em ideal. Luna é quem mais apresenta falas em falta de aceitação e relação com os professores. Ela apresentou singularidades apenas em socioeconômico, foi a única que só apresentou uma singularidade.

Ian apresenta falas nas 3 categorias de barreiras. Ele também apresentou muitas falas em ideal e nenhuma de ação. Mas pela análise das barreiras percebemos que a insegurança é o que mais o impede de propor.

Numa análise geral, temos algumas considerações. Como todos os entrevistados apresentaram maior percentual de falas em sócio econômico, quando analisamos por sujeito, buscamos então quem deu a maior contribuição em cada uma das singularidades para poder caracterizá-los. Luna foi a única que teve apenas 1 singularidade identificada. Ela e Max tiveram uma frequência de falas muito baixas, não apresentam maior porcentagem em nenhuma das categorias de singularidade.

Enquanto Alicia contribuiu em maior porcentagem para múltiplas jornadas da mulher (73,7%), contribuiu 100 % para interiorano e cotista (33,3%). Juntamente com Alicia, Dante teve maior porcentagem em cotista (33,3%). Sophia deu maior contribuição em socioeconômico

(26,3%). Ian foi o único a contribuir para sexualidade (100%) e contribuiu com 75% para étnico-racial.

Na inovação tivemos em ordem de menos inovador para mais inovador: Sophia (inércia), Ian (Ideal), Dante (Influência) e Alicia (Ação). Dessa forma temos que Sophia apresentou o mais baixo nível de inovação e está mais ligada à socioeconômico. Ian, étnico-racial e sexualidade. Dante, cotista e Alicia múltiplas jornadas da mulher, interiorana e cotista. Luna e Max que tiveram grandes percentuais em sócio econômico juntam-se à Ian no segundo nível de inovação.

Acreditamos que socioeconômico está relacionado a inércia e ideal, os dois níveis de inovação menos expressivos. Socioeconômico foi a singularidade expressa por todos e com maiores percentuais. Assim como Ideal foi a categoria mais citada em inovação. E ainda, Alicia foi a que teve menor percentual no quesito socioeconômico e, a que apresentou maior percentual de inovação na categoria ação. Assim como Sophia apresentou maior porcentagem em Socioeconômico e foi quem teve mais falas na categoria inércia.

Assim, concordamos com Hodson (2011) que acredita que se os currículos devem ao promover o ensino ligado a questões sociais e promovendo a ação, estarão muito mais propensos a serem seriamente comprometidos com os aspectos morais e éticos, políticos e ambientais em suas vidas diárias dentro e fora da escola.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Este trabalho teve por objetivo identificar possíveis singularidades discentes compreendendo suas relações com propostas de inovação inclusiva para alunos do curso de Ciências Biológicas licenciatura da UFS.

Na busca pelo atendimento desse objetivo, percebemos que embora o termo singularidades seja utilizado na literatura científica, não havia qualquer trabalho que buscasse descrevê-lo. Como encontrar as nuances daquilo que compreendemos por singularidades?

O primeiro desafio foi identificar uma metodologia que pudesse nos dar pistas sobre as características das singularidades. A partir das entrevistas, pudemos dar alguns primeiros passos rumo à melhor compreensão desse conceito, com vistas a outro que entendemos bastante profundo no processo de compreensão da diversidade: a inovação inclusiva.

Retomando as características do que compreendemos como singularidades, apontamos que as mesmas podem ser descritas a partir de elementos biográficos identificados nas falas dos entrevistados, mostrando-se como diferenças que, a princípio, poderiam parecer barreiras ao desenvolvimento profissional do indivíduo, mas que se mostram elementos que os tornam especiais e lhes dão forças para prosseguir com grande inspiração.

Nossa expectativa era perceber se haveria possíveis ações dos indivíduos para a implantação de inovações que dessem voz a suas singularidades: as inovações inclusivas. Nessa busca, dentre as singularidades mais identificadas nas falas dos discentes, o aspecto sócio econômico foi um ponto importante de reflexão. A falta de recursos financeiros, vir de escola pública e ser do interior foram as características mais comentadas por eles. Partindo das descrições feitas pelos entrevistados, as famílias aparentam ser de origem humilde, os pais não teriam tido condições de estudar, porém há indicativos de que foram motivadores para que esses alunos buscassem uma formação superior.

A única mãe que possui nível superior, deu suporte ao filho para que ele estudasse em escola particular, conforme ele descreveu. Esse incentivo dos pais foi um importante motor para a busca pela aprovação num curso em universidade federal.

A base educacional da maioria não pareceu adequada às expectativas dos jovens entrevistados. Dos 6, 5 estudaram em escola pública e relatam a precariedade tanto em estrutura quanto em metodologia didática. E essa precariedade reflete, segundo eles, no desempenho dentro da universidade. Eles acreditam que por ter uma base defasada o cotista proveniente de escola pública acaba se esforçando mais para obter êxito e consegue aproveitar melhor os

ensinamentos das disciplinas. A subcategoria com mais falas foi a estabilidade financeira, mostrando uma preocupação por parte dos discentes com a busca por essa estabilidade no futuro. Eles colocam a formação como chave para a melhora de vida, mas sentem-se receosos quanto ao futuro. Por virem de famílias menos favorecidas eles necessitam trabalhar enquanto estudam para se manterem, essa dupla jornada acaba tirando o foco dos estudos e diminuindo o tempo de estudo destes alunos.

A segunda singularidade mais citada foi gênero e sexualidade. O contato com os colegas de curso e da universidade ajudou no processo de autoconhecimento do discente bissexual, além disso há uma preocupação por parte de uma discente em como lidar com essas questões em sala de aula. Embora haja uma disciplina obrigatória no currículo do curso e uma optativa que trata dessas questões, nenhum dos entrevistados as cursou ainda. Quanto ao preconceito, temos falas que relatam situações de machismo e misoginia por parte de professores e relatos de uma discente que convive com essas situações em casa.

Duas das discentes apresentaram falas que indicam singularidades ligadas a múltiplas jornadas da mulher, ou seja, são mães e/ou assumiram o comando dos afazeres do lar. No desempenho, tivemos que existem mais meninas que meninos no curso, o que leva a um maior destaque para elas. Tivemos também que as mulheres precisam se destacar mais apenas pelo fato de serem mulheres e sofrerem com estigmas sociais de que são menos capazes.

No aspecto étnico-racial foi obtida uma auto identificação como negro e uma como branca. A militância foi colocada como uma importante ferramenta para o combate a discriminações e o sucesso do discente é colocado por ele como um incentivo para que outros alunos negros se espelhem e vejam que podem, sim, alcançar o ensino superior. Embora não tenha se auto identificado quanto à etnia, Sophia demonstrou preocupação quanto à essas questões. E, embora o curso apresente disciplinas que discutem questões étnico-raciais, gênero e sexualidade, existe por parte dos entrevistados uma preocupação em como eles lidarão com a pluralidade que encontrarão em suas salas de aula e, especialmente com questões de preconceito ou discriminação. Novamente ressalto que alguns dos entrevistados não chegaram a cursar tais disciplinas até o momento das entrevistas. No tocante a pessoas com deficiência, não foi relatada nenhuma fala onde pudéssemos perceber essa mesma preocupação.

O contato com os colegas do curso e/ou da universidade apareceu como possibilidade de desenvolvimento de consciência social e militância, ao que parece as singularidades relacionais estão ligadas a opiniões de outros para que o sujeito demonstre ou iniba a singularidade que ele possui. Porém, através dos resultados apresentados neste trabalho, percebemos que os discentes

ainda não têm compreensão de suas singularidades e do papel transformador que elas podem exercer em seus cursos de formação, pois ao perguntarmos o que lhes torna especiais, os discentes tiveram dificuldades para se caracterizar. Em algumas falas eles colocavam as singularidades que eles possuem como características de outros, como no exemplo dos cotistas oriundos de escola pública.

Neste trabalho, abordamos temas sociais que geralmente são abordados isoladamente. Não tratamos aqui de diferenças, mas de singularidades em geral. O que cada um tem que o torna especial. Não focamos em termos e conceitos específicos de cada área (étnico-racial, pessoa com deficiência, gênero e sexualidade), pois, o que buscamos foi a riqueza de informações que pudemos condensar numa análise mais completa e necessária para o processo de inovação. Acreditamos que não adianta discutir inovação sem pensar no sócio cultural. Não adianta formar alunos inovadores que não estejam sensibilizados quanto às diferenças étnicas, de gênero, classe, perceptivas e motoras.

Assim para se obter uma inovação inclusiva de fato os conteúdos de ciências precisam estar articulados com as diversidades. Para que o aluno se torne um inovador é necessário que haja um trabalho conjunto entre gestão, professores e alunos. Precisa-se estabelecer confiança para propor ideias e engajamento para juntos inovarem. Ao formar professores preocupados com essas questões a longo prazo, formaremos alunos do ensino básico mais inovadores também e mais inclusivos.

Nosso trabalho abre margem para outros estudos promovendo a inovação inclusiva para observar como essas questões debatidas aqui podem ser realizadas na prática. É válido também um estudo com professores do curso de ciências biológicas para identificar singularidades deles também, e perceber o quanto eles estão abertos ou não a inovações inclusivas que os alunos venham a propor. E ainda saber as implicações que o protagonismo discente representa para os docentes.

Do ponto de vista metodológico, não existia na literatura uma descrição de como identificar singularidades. Assim, propusemos através da entrevista, que os discentes falassem de suas histórias de vida. No que diz respeito à análise, não existia um instrumento que as evidenciasse, assim dividimos as singularidades em dois eixos: individual e social. A partir dos resultados percebemos que o eixo social é mais eficaz para identificá-las a partir das falas dos discentes.

Não obtivemos nenhum discurso de inovação inclusiva proposta por nossos entrevistados. Acreditamos que para se chegar à uma proposta deste tipo seria necessário um trabalho continuado de promoção do autoconhecimento dos discentes e de incentivo a atitudes inovadoras. Como vimos nos resultados, muitas ideias não são colocadas em ação por falta de confiança, tanto neles mesmos quanto nos outros.

Percebemos através dessas discussões que as ações inovadoras dos discentes estão ligadas às singularidades, em alguns pontos. A discente que se mostrou mais preocupada com as questões étnicas, de gênero e sexualidade foi a que mais propõe ações inovadoras e é a que relata menos barreiras para inovar. Outros entrevistados que também estão preocupados com questões culturais e singularidades sociais, têm muitas ideias, porém não as propõem, e são estes que citam a insegurança como principal entrave para inovar. Outro ponto importante foi a falta de confiança que eles têm nos professores, esse é outro motivo para não proporem inovações ligadas à gestão e ao currículo. Percebemos também que a concepção de inovação dos discentes está mais ligada a tecnologias e inovação metodológica no ensino de ciências.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. S; GUISANDE, M. A; SOARES, A. P, SAAVEDRA, L. Acesso e Sucesso no Ensino Superior em Portugal: Questões de Género, Origem Sociocultural e Percurso Académico dos Alunos. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19 (3), 507-514. 2006.
- ALVES, R. R. **Família patriarcal e nuclear**: conceito, características e transformações. In: II seminário de pesquisa da pós-graduação em história da UFG/UCG. p. 1-14. Goiás, 2009.
- ANDIFES - **Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior**. Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das IFES. 2011.
- ARANHA, A. V. S; SOUZA, J. V. A de. As licenciaturas na atualidade: nova crise? In: **Educar em Revista**, Editora UFPR, Curitiba. n. 50, p. 69-86. 2013.
- ARAÚJO, Z. O negro na universidade: O direito à inclusão. In: **Revista espaço acadêmico**, n. 40, n. 4. 2004.
- BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 16. V. 1. 207-230 p. 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. 3. ed. Lisboa: 2004.
- BERNARDI, L dos S; CALDEIRA, A. D. Educação Matemática na Escola Indígena sob uma Abordagem Crítica. In: **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 26, n. 42B, p. 409-431. 2012.
- BITTAR, M; ALMEIDA, C. E. M. Mitos e controvérsias sobre política de cotas para negros na educação superior. In: **Educar**, Curitiba. N. 28, p. 141-159, 2006. Editora UFPR.
- BRANDÃO, A. M. Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. In: **Configurações**, n. 3, p. 83-106. 2007.
- BORGES, K. F. C, IDE M. H. de S, DURÃES, S. J. A; **Mulheres na educação superior no Brasil**: estudo de caso do Curso de Sistema de Informação da Universidade Estadual de Montes Claros (2003/2008). In: VIII Congresso Ibero-americano de ciência, tecnologia e gênero no ano de 2010. Curitiba-PR. 2010.
- BRASIL, **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/matriculas-no-ensino-superior-crescem-3-8> Acesso em 05 Mai. 2015.
- BRASIL, **Ministério da Educação**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cotas/legislacao.html>> Acesso em 27 Abr. 2015.
- BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico 2014. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03/dados-do-censo-escolar-indicam-aumento-de-matriculas-de-alunos-com-deficiencia>> Acesso em 15 Jan. 2016.
- BUCHALLA, C. M; PAIVA, V. Da compreensão da vulnerabilidade social ao enfoque multidisciplinar. In: **Rev Saúde Pública**. v. 36, n. 4. 117 p. 2002.

BUCHVIT, P. A. Do Significado ao Significante: A Singularidade do Saber. In: **Revista Perspectivas online**. V.5, n1, 2005.

CANDAU, V. M. **Escola, inclusão social e diferenças culturais**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas. p. 1-12. 2012.

CANDAU, V. M. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. In: **Educação & Sociedade**, a. 23, n. 79. p. 125-161. 2002.

CANDAU, V. M. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, A. F; _____ (ORGs). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª Edição. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 2009. 245 p.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na Escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARLAN, F de A; DIAS, M. S; **Preconceito étnico-racial: a escola, a Ciência e a formação de professores**. In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC, Águas de Lindóia- SP, 2015. P. 1-8.

CARVALHO, J. J de. As ações afirmativas como resposta ao racismo acadêmico e seu impacto nas ciências sociais brasileiras. In: **Teoria e pesquisa**. n. 42 e 43. p. 303-340. 2003.

CASTANHO, D. M; FREITAS, S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. In: **Revista Educação Especial**, n. 27, p. 93-99. Santa Maria 2006.

CHASSOT, A. Alfabetização Científica: Uma possibilidade para a inclusão social. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.2, p. 89-100. 2003.

CHASSOT, A. **A Ciência é masculina?** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 3ed. 2007. 104p.

CHASSOT, Attico Inacio. **A Ciência é masculina? É, sim senhora!.** 5. ed. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003. 134 p.

CORRÊA, A. M. C. J; CASTRO, J. M de. BRASIL: cinco séculos de riqueza, desigualdade e pobreza. In: **Impulso**. n. 27. p. 189 -212. 2000.

CORTADA, S de O; DIAS, E. T. D. M. **Singularidades do Sujeito-Professor da EJA pelo olhar da complexidade**. In: VI Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares. São Paulo 2009.

COSTA, M. C da. Ainda somos poucas: Exclusão e invisibilidade na ciência. In: **Cadernos Pagu**. n. 27. 455-459 p. 2006.

COSTA, R. D. **O aspecto sócio econômico e sua influência na qualidade do ensino fundamental público no Brasil**. 2010, 65 p. Dissertação. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 2010.

COSTA, L. G; NEVES, M. C. D; BARONE, D. A. C. O ensino de física para deficientes visuais a partir de uma perspectiva fenomenológica. In: **Ciência e Educação**, v. 12, n. 2, p. 143-153, 2006.

CUNHA, S. M; CARRILHO, D. M. O Processo de Adaptação ao Ensino Superior e o Rendimento Acadêmico: Adaptação e Rendimento Acadêmico. In: **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n.2, p. 215-224. 2005.

DICKMAN, A. G; FERREIRA, A. C. Ensino e aprendizagem de Física a estudantes com deficiência visual: Desafios e Perspectivas. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. V. 8 N. 2, 2008.

FELICIO, H. M dos S. O PIBID como “terceiro espaço” de formação inicial de professores. In: **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 42, p. 415-434. 2014.

FERNANDES, P. D; OLIVEIRA, K. K S de. **Trabalho e educação: análise reflexiva da dupla jornada do estudante-trabalhador**. In: VI Colóquio Internacional Educação e contemporaneidade. p. 1-13. 2012.

FERNANDES, P. D. **A inclusão dos alunos surdos e/ou deficientes auditivos nas disciplinas do centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal de Sergipe**. Dissertação. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

FERREIRA, S. L. Ingresso, permanência e competência: uma realidade possível para universitários com necessidades educacionais especiais. In: **Rev. bras. educ. espec.** v.13 n.1 Marília. 2007.

FERRETTI, C. J. **A inovação na perspectiva pedagógica**. In: Walter E. Garcia (Org) **Inovação Educacional no Brasil - Problemas e Perspectivas**. Editora Autores Associados, 1995. P. 61-90.

FERRETTI, C. J; ZIBAS, D. M. L; TARTUCE, G. L. B. P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122. p. 411-423. 2004.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1. 2008.

GARCIA, P. S. **Um Estudo Sobre a Inovação como estratégias de formação continuada de Professores de ciências**. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências, 2009, Florianópolis. Anais VII ENREC, 2009.

GIL PÉREZ, D; MONTORO, I. F; ALÍS, J. C; CACHAPUZ, A; PRAIA, J. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. In: **Ciência & Educação**, v.7, n.2, p.125-153. 2001.

HAYASHI, M. C. P. I; CABRERO, R de C; COSTA, M da P. R da; HAYASHI, C. R. M. Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. In: **TransInformação**, Campinas, n. 19, v. 2, 169-187 p. 2007.

HODSON, D. **Looking to the Future Building a Curriculum for Social Activism**. 1ª ed. Rotterdam, Holanda: Sense Publishers, 2011. 406p.

JESUS, W. S. **Ser professor: Representações Sociais de graduandos de Química, Física e Ciências Biológicas do campus prof. Alberto Carvalho**. 2012. 175p. dissertação. Universidade federal de Sergipe. SE. 2012.

- JUNIOR, F. J; DAFLON, V. T; Políticas da Igualdade Racial no Ensino Superior. In: **Cadernos do desenvolvimento fluminense**. n. 5, Rio de Janeiro. 2014. P. 31-44.
- KRASILCHIK, M. Caminhos do Ensino de Ciências no Brasil. In: **Enfoque: qual é a questão**. Ano 11, n.55, p. 3-8. Brasília, 1992.
- LEAL, M. C; MORTIMER, E. F. Apropriação do discurso de inovação curricular em química por professores do Ensino Médio. In: **Ciência & Educação**, v. 14, n. 2, p. 213-231, 2008.
- LEITE, C. Vidas experienciadas: Histórias de vida e processos sociais. In: **Revista do Arquivo Histórico de Loulé**. Braga- Portugal. p. 1- 11, 2003.
- LOURO, G. L. **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. Editora Autêntica, 2ª ed. 127 p. 2000.
- MASETTO, M. Inovação na Educação Superior. In: **Interface - Comunic, Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.197-202, set.2003-fev.2004
- MORAN, J. M. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. In: **Contrapontos**. Itajaí, v. 4, n. 2. p. 347-356. 2004.
- MOREIRA, I de C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. In: **Inclusão Social**, v. 1, n. 2. p. 1-6. 2006.
- MORTIMER, E. F. **Sobre chamas e cristais: a linguagem cotidiana, a linguagem científica e o ensino de Ciências**. In: CHASSOT, A.; OLIVEIRA, R.J. Ciência, ética e cultura na educação. São Leopoldo: UNISINOS, 1998. p. 99-118.
- MOSCARDINI, S. F; SIGOLO, S. R. R. L. **Inclusão Escolar do Aluno com Deficiência Intelectual: Práticas Pedagógicas no Ensino Comum e no Atendimento Educacional Especializado**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.
- MUNANGA, K. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: **Sociedade e Cultura**, v. 4, n. 2, p. 31-43. 2001.
- NEVES, P. S. C. A política de reserva de vagas da Universidade Federal de Sergipe para alunos de escolas públicas e não brancos: uma avaliação preliminar. In: SANTOS, J. T dos. O impacto das cotas nas universidades brasileiras (2004-2012). CEAQ, Salvador. 263p. 2013.
- NEVES, P. S. C; Etnicidade e lutas sociais no campo no Brasil contemporâneo: um estudo de caso. In: **Ambivalências**. Sergipe, v.4, n. 7, p. 68-86. 2016.
- OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. In: **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 5 n. 1, p.68-77. 2011.
- OLIVEIRA, A. H de A. O debate sobre cotas universitárias: itinerários da prática pedagógica na Universidade Federal de Sergipe. 2013. dissertação. 211p. Universidade Federal de Sergipe. 2013.
- PÁDUA, E. M. de M.; **Metodologia da pesquisa: Abordagem Teórico-Prática**. 13.Ed.São Paulo: Papirus, 2007. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

PAGAN, A. A; Ser (animal) humano: evolucionismo e criacionismo nas concepções de alguns graduandos em Ciências Biológicas. 2009, p. Tese. Universidade de São Paulo SP. 2009.

PERUCCHI, J; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. In: **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.57 – 69. 2007.

PIN, A. K; BASTOS, C. C. B. C. **Inclusão**: um estudo sobre a relação entre alunos com deficiência e seus professores universitários. In: Seminário de pesquisa do PPE, Maringá-PR. 2013.

PIOVESAN, F. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. In: Cadernos de pesquisa, v. 35, n. 124, p. 43-55. 2005.

RODRIGUES, D (Org.). **Inclusão e educação**: Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, L. M. B da C. **Tecnologia Assistiva no processo de inclusão da pessoa com deficiência na rede pública de ensino**. 26 fev. 2013. 127 p. Dissertação. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP. Bauru, 2013.

SANTANA, A. M. ANDRADE, J. G. de. MOTA, T. R. N. JESUS, T. S. de. JESUS, W. S. de. PAGAN, A. A. Abordagens metodológicas e as Representações Sociais sobre ser professor para alunos de licenciatura em biologia do Campus prof. Alberto Carvalho da UFS em Sergipe. In: **Revista SBEnBio – Associação Brasileira de Ensino de Biologia**, Goiânia. 2012. p. 1-11.

SANTANA, A. M. ANDRADE, J. G. de. MOTA, T. R. N. JESUS, T. S. de. JESUS, W. S. de. PAGAN, A. A. **Perspectivas e escolhas para depois da formatura: vozes de alunos dos cursos de biologia do campus professor Alberto Carvalho**. In: II Jornada de Debates sobre Ensino de Ciências e Educação Matemática e I Encontro Nacional de Distúrbios de Aprendizagem na Perspectiva Multidisciplinar. Itabaiana, 2012. p. 1-6.

SANTANA, A. M. ANDRADE, J. G. de. PAGAN, A. A. **Motivos de escolha do curso, influência familiar e de amigos nas perspectivas de futuro docente para licenciandos de Ciências Biológicas da UFS Campus prof. Alberto de Carvalho**. In: VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. p. 1-11. São Cristóvão, 2012.

SANTANA, A. M.; ANDRADE, J. G. ; PARANHOS, M. C. R. ; PAGAN, A. A. . **Representações Sociais de alunos da UFS sobre a natureza humana**. In: V Encontro Regional de Ensino de Biologia do Nordeste- EREBIO, 2013, Natal- RN. V Encontro Regional de Ensino de Biologia do Nordeste- EREBIO. Natal- RN: UFRN, 2013.

SANTANA, A. M.; ANDRADE, J. G. ; PAGAN, A. A. . Ciência e religião nas Representações Sociais de estudantes universitários das Ciências Biológicas e da Saúde sobre Ser Humano: implicações para a formação profissional. In: **Revista da SBEnBIO**, v. 7, p. 266-277, 2014.

SANTOS, Luisa; ALMEIDA, Leandro S. Vivências acadêmicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1.º ano. In: **Análise Psicológica**, v.2, (XIX), p. 205-217. 2001.

SCHEID, N. M. J; FERRARI, N; DELIZOICOV, D. Concepções sobre a natureza da ciência num curso de ciências biológicas: imagens que dificultam a educação científica. In: **Investigações em Ensino de Ciências**. V. 12, n.2. p. 157- 181. 2007.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130. 2006.

SILVA, E. R da. A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. In: **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n.30, p.133-148. 2008.

SILVA, D. V. C da. A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos. 2009, 322 p. Tese. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos SP. 2009.

SILVA, P. S. A da; CHAVES, S. N. Epistemologia, ética e política na formação de professores de Ciências. In: **Ensaio - Pesq. Educ. Ciênc.**, v.11, n.2. 2009.

SIQUEIRA, M. R. DA P. **Professores de Física em contexto de inovação curricular: Saberes docentes e superação de obstáculos didáticos no Ensino de Física Moderna e Contemporânea**. 2012, 202 p. Tese. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SOUSA, R. A de; ZAROS, L. G; PEDROSA, M. A. Formação inicial de professores de ciências numa perspectiva humanista. In: **Indagatio Didactica**, v. 8, n. 1. p. 823- 838. 2016.

TACCA, M. C. V. R; GONZÁLEZ-REY, F. L. Produção de Sentido Subjetivo: As Singularidades dos Alunos no Processo de Aprender. In: **Psicologia, Ciência e profissão**, 2008, 28 (1), 138-161.

TEIXEIRA, P. M. M. A educação científica sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica e do Movimento C.T.S. no ensino de ciências. In: **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 177-190, 2003.

TRISTÃO, V. T. V. Educação ambiental não formal: a experiência das organizações do terceiro setor. 2011, p. 241. Tese. Universidade de São Paulo SP. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. Disponível em <<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/14307830>> Acesso em 25 jan. 2017.

UNGER, L. G; SANTOS, C. “Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”: gênero e sexualidade na perspectiva de jovens aracajuanos/as. In: **IV Enlaçando sexualidades**. Salvador. 2015.

VERRANGIA, D. A formação de professores de ciências e biologia e os conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira. In: **Enseñanza de las ciencias y diversidad cultural**. v. 6, n. 12, Edição especial. Bogotá-Colômbia, p. 105-117. 2013.

VILELA, T. M; JUNIOR, A. D. "O cientificamente comprovado": reflexões sobre a autoridade da Ciência na sociedade contemporânea. In: **Revista Faz Ciência**, v. 7, n. 1. p.27- 40. 2005.

VON KROGH, G; ICHIJO, Kazuo; NONAKA, Ikujiro. Facilitando a Criação do Conhecimento: Reinventando a Empresa com o Poder da Inovação Continua. 2001, Rio de Janeiro: Campus.

APÊNDICE A: TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: Inovação inclusiva e singularidades: um estudo com licenciandos e licenciandas de Ciências Biológicas da UFS.

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa acima citado. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará nenhum prejuízo. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado, vinculada ao Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Federal de Sergipe. Garantimos que o nome do entrevistado não aparecerá em nenhuma publicação, será atribuído apenas um código para cada participante.

Entrevistadora

Autorizo que este pesquisador utilize o que eu disser na entrevista e declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas sobre a condução dos trabalhos. Estou ciente de que esta pesquisa apresenta riscos por envolver a situação de exclusão podendo acarretar risco de desconforto ou constrangimento, mas estes riscos serão revertidos pelo sigilo.

Estou ciente ainda de que:

- I) Temos a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejarmos, sem necessidade de qualquer explicação;
- II) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem-estar físico.
- III) Os resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que nossos dados pessoais não sejam mencionados;
- IV) Caso danos de natureza moral ou intelectual sejam causados os participantes tem direito a reparação por parte dos pesquisadores, seja de natureza financeira ou quaisquer outros dispositivos legais estipulados pela lei;
- V) A presente pesquisa já foi analisada e aprovada pelo Conselho de Ética em pesquisa com seres humanos;
- VI) Não receberemos qualquer remuneração para participar da pesquisa, também não teremos nenhum gasto.

Entrevistad@

Contato: Pesquisadora Mestranda Aline Mendonça Santana (alynedsr@gmail.com// Tel: (79) 99909-0392; Prof. Dr. Acácio Alexandre Pagan (orientador)

APÊNDICE B: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Roteiro de Entrevista Individual (História de vida) – Singularidades, Habilidades Socioemocionais (HSE) e Inovação

Objetivo: analisar o desenvolvimento e a evolução de Habilidades Socioemocionais (HSE) e a capacidade de inovação de estudantes de Biologia participantes de um curso de extensão oferecidos por *Practitioners*⁵.

Eixo 1: Singularidades

- a) Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida?
 - i) Quem é Fulano hoje? (Falar nome do entrevistado)
 - ii) De onde você é?
 - iii) Fale um pouco sobre sua infância
 - iv) Fale um pouco sobre sua adolescência
 - v) Fale um pouco sobre sua vida adulta
 - vi) Houve alguma (s) mudança (s) no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?
 - vii) Quando você olha para trás, você consegue lembrar de lacunas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?
 - viii) Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?
- b) Que motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas? (E fora da universidade?)
- c) Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos:
 - i) O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?
 - ii) Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?
 - iii) O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?
- d) O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

⁵ A palavra Practitioners vem do inglês que significa praticantes. São pessoas que fazem o curso de Formação e Programação NeuroLinguística e se tornam aptas a trabalhar como Practitioners. Esse curso de PNL, tem por objetivos mostrar como enxergamos o mundo, como os programas mentais são formados e como a nossa linguagem é expressada ao mundo. Segundo Gilberto Cury, presidente da Sociedade Brasileira de Programação NeuroLinguística (SBPNL), é um curso de como ser mais feliz e mais competente na vida, ainda segundo Cury, nesse curso o indivíduo aprende a negociar, liderar, expressar-se e conhecer-se melhor. Para realização deste curso não é exigido grau de escolaridade.

Eixo 2: Habilidades Socioemocionais

a) Descreva:

- i) *Como você se vê (aberto, fechado) frente a novas experiências? Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida? Em que momento de sua vida essas características surgiram? E na universidade?*
- ii) *(Consciência) como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso? E na universidade?*
- iii) *(Consciência) como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso? E na universidade?*
- iv) *Como é sua relação com as pessoas? (Extrovertido, introvertido)? Fale mais sobre isso? E na universidade?*
- v) *Como você age em grupo? (Cooperativo) fale mais sobre isso, você pode citar um momento em que você trabalhou bem ou mal? E na universidade?*
- vi) *Como você age em situações que fogem do seu controle? (estabilidade emocional) você pode citar algum exemplo? E na universidade?*

b. Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas:

- i. O que lhe faz especial?
- ii. O que lhe deixa inseguro?

c. Quais características definem melhor você?

d. Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal? E acadêmica?

e. Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

2.1 Atitudes frente a planos e projetos futuros

a. Como você se sentiu enquanto participava do minicurso “desenvolvendo competências socioemocionais”?

b. Como você se sente após ter feito/concluído minicurso?

Eixo 3: Inovação

a) Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

b) Considerando quem você é e como você se sente, o que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?

c) De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

d) Quais seriam suas responsabilidades nesse processo?

e) O que tem dentro de você que poderia contribuir para essas mudanças?

- f) Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?
- g) Que tipo de habilidades faz com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?
- h) No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas? Quais?
- i) E sobre as questões de gênero, você vê diferenças no desempenho? Quais?

APÊNDICE C: *CORPUS* DAS ENTREVISTAS

Corpus das entrevistas:

Entrevista 01- Luna

[E: entrevistadora; L: Luna]

E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. Bem, nosso objetivo é descrever e analisar o desenvolvimento e a evolução de Habilidades Socioemocionais e as concepções de inovação de licenciandos em ciências biológicas.

E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.

[Eixo 1: singularidades]

E: Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida? Quem é XXXX hoje?

L: Eu... sou uma pessoa bem extrovertida, dinâmica, gosto de me relacionar com os outros, gosto do curso que faço, das matérias que estudo. Academicamente, me saio bem no curso, e.... não tenho o que reclamar das disciplinas que pego, eu gosto. Na minha vida pessoal, como falei anteriormente, gosto de me relacionar com as pessoas, sou dinâmica e extrovertida.

E: De onde você é? Me fale um pouco sobre sua infância:

L: Eu acho que eu era uma pessoa muito chata, rsrsrs. Na infância sempre fui muito espontânea, eu sempre fui muito de me mostrar, de aparecer. Na escola sempre fui participativa, nunca me considerei tímida.

E: Fale um pouco sobre sua adolescência

L: Na adolescência essas características permaneceram e sempre tive facilidade de me relacionar com as outras pessoas.

E: Fale um pouco sobre sua vida adulta

L: Na vida adulta, inibi um pouco essas características, me tornei mais séria e introvertida em alguns momentos. Acho que eu fiquei com mais receio das pessoas, as vezes eu escondo quem realmente eu sou, sei lá.... Eu tento tratar formalmente as pessoas, mas não tenho mais aquele estímulo de chegar e puxar uma conversa com uma pessoa desconhecida, como era na infância e adolescência, continuo, mas diminuiu de certa forma. Acho que por medo do que as pessoas vão pensar ou até sentir receio.

E: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

L: Atribuo ao medo do que as pessoas poderiam pensar de mim.

E: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

L: Sim o fato de ser uma licenciatura e eu ser espontânea, ser desinibida para falar eu consigo me sair bem no curso.

E: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

L: Exercer uma profissão que eu sempre admirei e gostei, eu acho bonito ser professor.

E: Quais motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas? E fora da universidade?

L: Eu sempre quis buscar o meu melhor e eu vi que entrar na universidade com certeza seria o meu melhor e o melhor para mim, pois eu vim em busca de novos conhecimentos e novas oportunidades. A minha família é o meu suporte emocional; a minha (acho que só ela mesmo) sempre esteve do meu lado e quando preciso resolver algum problema sempre a consulto, ela me ajuda nas atividades acadêmicas. E fora da universidade eu também conto com a minha família e o meu namorado.

E: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos. O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

L: Porque eu gosto de me aparecer, de ser reconhecida, de chamar a atenção das pessoas, então quando eu vejo que eu vou chamar a atenção gosta de mostrar meu potencial. Na academia, por exemplo, gosto de argumentar cientificamente, no trabalho mostro que sou eficiente, comprometida com as atividades que desenvolvo.

E: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

L: Às vezes as outras pessoas me impedem de fazer e mostrar o meu potencial, o meu melhor. Por exemplo, quando elas não se interessam muito pelo que eu tenho a mostrar, quando me distratam por não ter a mesma titulação, principalmente, quando se trata de professor – aluno, porque ainda existem muitos professores que se acham superiores a alunos e que não querem levar a conversa ao mesmo nível, achando que são superiores.

E: O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?

L: Eu falo e tento mostrar que tenho conhecimento sobre aquilo que está sendo debatido e que embora não esteja no mesmo nível, ele deve dar algum crédito que eu também tenho conhecimento.

E: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

L: É.... acho que mais dedicação e também oportunidade, mais dedicação do que oportunidades na verdade.

[Eixo 2: Habilidades Socioemocionais]

E: Como você se vê frente a novas experiências?

Eu sempre estou aberto a novas experiências, gosto de aprender coisas novas, de encarar e vivenciar coisas novas, gosto muito de mudanças.

E: Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida?

Quando eu tive que sair da casa dos meus pais para estudar fora, mudou muito, a gente sai da zona de conforto.

E: Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram?

Ah, e quando eu comecei a viajar sozinha para outros estados, rrsrrs, sempre tive medo, e tenho até hoje, mas já consigo sair, rrsrrs

E: como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

Ah, eu gosto muito de organização, eu sou uma pessoa bem complexada quanto a isso. Organização na minha casa é essencial, gosto de organização com as minhas coisas, de que quando peguem as minhas coisas deixem no mesmo lugar, embora, quando eu pegue dos outros, nem sempre eu não coloco no mesmo lugar, só quando eu era criança e pegava as coisas de minha irmã escondido dela, aí eu tentava colocar no mesmo lugar, mas ela sempre descobria – nunca vi uma coisa assim, rrsrrsrrsrrs.

E: E na universidade?

L: Sou organizada nos trabalhos da faculdade, gosto de deixar tudo planejado, mesmo que eu faça de última hora e sob pressão, mas eu já tenho noção, uma organização do que fazer quando eu tiver que fazer, e eu gosto de agir dessa forma.

E: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

L: Eu tive que ter responsabilidade desde o momento em que tive que sair da casa de meus pais, mesmo assim, eu sempre tive a minha irmã que resolve as coisas e que de certa forma me poupou de algumas responsabilidades, assumindo elas, mas reconheço que chega um momento em que você precisa se responsabilizar pela sua vida.

E: E na universidade?

L: Sempre fui responsável na universidade, sempre busquei obedecer às regras que são impostas no curso, nunca reprovei em nenhuma disciplina, e sempre... e.... é (esqueci, rrsrrsrrs), ah! Eu

sempre busquei ser responsável em tudo, desde que entrei no curso, seguir as regras e até mesmo passar nas disciplinas todos os períodos. No ead eu precisei ser uma pessoa organizada e responsável, até porque lá nós não temos nenhuma aula presencial é tudo em casa, tipo você tem que organizar os seus horários de estudar, para desenvolver as atividades, você também tem que organizar os seus horários para ir atrás de ajuda no polo presencial, além disso, muito responsável organizar uma tabela, um cronograma estabelecendo os momentos de estudar, de lazer e tudo mais.

E: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

L: Sempre amigável. Na vida acadêmica, por exemplo, tenho uma relação boa com alunos e professores, até porque como relatei que estudei no ead, sempre fui dedicada, muito responsável, e.... criei uma relação boa com os professores, sempre me elogiaram pela minha organização e vontade de prosseguir no curso mesmo sem muito estímulo porque você é só e não tem contato físico direto com os professores. Então, eu correr atrás de conhecimento, demonstrar interesse em aprender mais sobre determinados assuntos, fez om que criasse uma relação hoje posso dizer de amizade com alguns professores e que foram importantes para eu levar pra minha vida.

E: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso, você pode citar um momento em que você trabalhou bem ou mal? E na universidade?

L: Em grupo é bem complicado, principalmente se for para trabalhos acadêmicos, eu sou um pouco individualista não sei me relacionar em grupo, até porque quando vamos fazer um trabalho em equipe eu não gosto de deixar a minha responsabilidade nas mãos dos outros nem quero a deles na minha, e também nunca quero deixar a responsabilidade nas mãos de uma pessoa, eu quero sempre estar à frente daquilo, fazer aquilo e acabo me sobrecarregando. Já no trabalho “emprego”, eu consigo ter uma relação boa, porque consigo dividir as tarefas e é muito legal no trabalho, na vida acadêmica não. (...) No emprego você não tem aquela carga de que, ah! Se você não fizer isso você vai prejudicar a sua vida, por exemplo, todos ali vão ser prejudicados de certa forma, vão perder o emprego, receber bronca do chefe, mas na vida acadêmica não é assim, no máximo você vai reprovar na disciplina ou tirar uma nota baixa, porque se o trabalho é em grupo, os professores, geralmente, dão as notas por grupo e não por pessoa. E no trabalho (emprego) quando você faz uma atividade em grupo você, geralmente, fica responsável por uma coisa que é pré-determinada pelo seu chefe e após a realização da tarefa o seu chefe tem o controle de que você realmente cumpriu determinada atividade,

independente dos outros terem ou não feito, mas aí você cumpriu a sua parte. E no trabalho acadêmico, o professor quer ver o todo e não apenas uma parte.

E: Como você age em situações que fogem do seu controle? Você pode citar algum exemplo? E na universidade?

L: Ah, eu fico nervosa. Ah, eu fico ... hum. É tentando de alguma forma controlar aquela situação, mas tem coisas que de fato não está sob nosso domínio. Mas eu sempre quero tá dominando qualquer tipo de situação, e eu acho que é até um erro meu de querer controlar tudo e quando a coisa foge do controle é desesperador. Como eu venho do Ead eu perdi muitas oportunidades de cursar disciplinas do período, não por reprovação, mas por falta de oferta, porque no ead é diferente e bem complicado. Então você depender de outras pessoas, isso lhe causa um desespero, por exemplo, necessitar que um professor oferte uma disciplina para você, ou que o colegiado quebre um pré-requisito para você é bem desesperador, porque você não tem controle sobre aquilo, o máximo que pode fazer é expor e argumentar o eu você pensa e precisa, mas aí você não vai interferir na decisão daquela outra pessoa.

E: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

L: O que me faz especial é porque eu sou única, igual a mim não tem outra pessoa.

E: O que lhe deixa insegura?

L: O futuro. Porque e fico insegura quando eu penso o que vai ser de mim daqui a dez anos, se realmente eu vou conseguir atingir os meus objetivos de ter a minha formação completa, ter um trabalho bom, uma vida social bacana e tudo mais.

E: Quais características que definem melhor você?

L: Sou persistente, determinada, teimosa, amorosa, estável, hum... curiosa e até paciente rrsrrsrs.

E: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal? E acadêmica?

L: As dificuldades acadêmicas que enfrentei foram em relação há pouca oferta de disciplinas quando fazia parte da EAD, no presencial ainda não passei por nenhuma dificuldade, a não ser conciliar o trabalho a vida acadêmica. Na vida pessoal as dificuldades que já passei são aquelas que quase todos passaram ou passarão quando se busca uma melhor qualidade de vida, tendo em vista que as pessoas estão muito ligadas a status elas meio que te excluem de algumas coisas por você não ser do mesmo nível que elas, mas isso não aconteceu com frequência, foram raras às vezes.

E: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

L: Quando sou tentada por algo que não conheço. O que eu não conheço me chama a atenção e eu quero buscar respostas. Por ser um curso que está diretamente ligado ao ser humano, tendo em vista que a Biologia é o estudo da vida, muitas coisas eu não sabia e isso me motivou a querer aprender.

[Eixo 3: Inovação]

E: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

L: Depende de qual contexto nós estejamos falando. Quando se trata de moral e ética eu me sinto muito tradicional, conservadora. Mas se estivermos falando sobre outras possibilidades de ensino, pesquisa, coisas para sua vida que não afetem a sua moral e ética, me considero inovadora, por exemplo, coisas do seu bem-estar, é bom sermos inovadores.

E: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivada?

L: Acho que primeiramente os professores saírem do pedestal de acharem que são superiores aos alunos. Se dedicarem mais ao que fazem, eles instigarem mesmo o aluno a querer se interessar pela ciência, porque existem muitos professores que são desestimulantes. Eu tive professores que foram desestimulantes, eu gostava até de uma determinada área da Biologia, mas por conta de um professor que não demonstrou interesse pela própria área a qual ele atua, eu me desestimelei fortemente, até hoje tenho trauma. É.... eu sempre gostei muito da parte de Botânica e.... da parte vegetal como um todo. Então quando eu entrei na graduação, fiz Morfologia e Anatomia vegetal e Botânica com um professor muito bom que me estimulou bastante e quem sabe fazer um mestrado ou doutorado na área, entretanto, quando cursei a última disciplina: Fisiologia vegetal, o professor que era outro e não demonstrou interesse em atender o aluno ou se fazer presente na disciplina, ele nem se quer respondeu a um e-mail que enviei e olhe que enviei vários.

E: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

L: Das duas partes: do professor e do aluno. O aluno quando se colocar à disposição e procura uma inovação no ensino o professor tem que abraçar e ajudar no que for necessário para que os dois inovem juntos. O papel do professor para possibilitar essas inovações por parte do aluno é que ele deve sempre deixar o aluno reflexivo e crítico, tem que estimular o aluno de alguma forma, porque no momento em que esses alunos se sentir estimulado ele vai procurar saber algo específico e também quando o professor ver que o aluno está procurando ele tem que dar uma ajuda ou um suporte para que o aluno continue. Por exemplo, quando eu fiz Morfologia e

Anatomia vegetal e Botânica, eu sempre indagava muito o meu professor, fazia perguntas e participava dos chats quando eu era do Ead, e ele sempre se fez presente, me aconselhava a buscar novas fontes de conhecimento através de recomendações de literatura, muitas vezes mandava as literaturas pro meu e-mail, enquanto que o outro professor de fisiologia vegetal ele nunca se preocupou em responder uma mensagem, aliás, ele nunca se preocupou nem em se apresentar para a turma.

E: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

L: A minha responsabilidade seria a de correr atrás, de procurar as mudanças, mas a partir do momento em que você procura e não encontra fica bastante difícil e tem que procurar outros meios, porque a mudança não é só de uma pessoa quando se trabalha em conjunto, isso tem que vim das duas partes.

E: O Que tem dentro de você que poderia contribuir para essas mudanças?

L: Eu acho que a minha espontaneidade. Eu sou muito de chegar e dizer o que eu quero e acho que isso é um ponto positivo para o pontapé inicial.

E: Quais limitações você percebe em você que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

L: Receber um não. Eu não sei lidar com uma negação, se uma pessoa fala para mim que aquilo não tá bom ou que não é daquela forma, eu me sinto inibida, eu não consigo buscar uma melhora, acho que o que seria difícil é isso, você não saber expressar o seu “não” para mim.

E: Que tipo de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

L: Eu acho que principalmente ele está realizado, se gosta do que realmente está fazendo, terá sucesso. Tem que ter uma certa espontaneidade, não ser tão tímido para demonstrar seus interesses. Porque se ele é tímido e demonstra seus interesses é complicado para quem está de fora saber o que se passa dentro dele e, por exemplo, chegar para esse aluno e falar: olha eu vou fazer uma pesquisa e gostaria que você participasse, olha vai ter palestra sobre tal coisa e queria que você fizesse, então coisas como essas tem que partir do aluno.

E: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

L: Em alguns casos sim, não pode generalizar, mas tem casos que uma pessoa por ter algum tipo de deficiência ou até mesmo por vim de escola pública, eles apresentam algumas dificuldades, mas isso é bem raro. Eu conheço um caso aqui na universidade, a pessoa é deficiente, ingressou pelo sistema de cotas e sofre preconceito da turma e até mesmo dos próprios professores do departamento, e por sofrer preconceito ela se sente excluída, ela da biologia, ela gostava muito na verdade no primeiro período, mas aí quando ela sentiu esse

preconceito sobre ela por ser cotista por uma deficiência que não visível, mas como ela é cotista transpareceu a deficiência e ela se sente desestimulada e humilhada pelos próprios professores e colegas de curso, já pensou em abandonar, reprova em disciplinas que precisam fazer trabalho em grupo porque os colegas não querem ela, enfim.

E: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

L: Não, eu não acho que tenha diferença. O curso de biologia ele é muito balanceado, equilibrado, onde homens e mulheres eles não tem uma sobreposição de... ah, o homem é mais inteligente que a mulher, não, é tudo equilibrado.

E: Você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

L: Eu gostei da entrevista, as perguntas são bacanas e fáceis de responder, e gostei da parte em que você pergunta sobre o como e o quanto o entrevistado se sente e se vê.

E: Mais uma vez obrigada pela sua colaboração, e é isso.

Entrevista 02: Max

[E: entrevistadora; M: Max]

E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. Bem, nosso objetivo é descrever e analisar o desenvolvimento e a evolução de Habilidades Socioemocionais e as concepções de inovação de licenciandos em ciências biológicas.

E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.

[Eixo 1: singularidades]

E: Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida? Quem é Max hoje?

M: Meu nome é Max, tô no 6º período de ciências biológicas licenciatura, resido aqui mesmo em São Cristóvão, e entrei por cotas. Basicamente toda a minha fase de educação foi em escola pública, tanto ensino fundamental quanto o médio.

E: De onde você é? Fale um pouco sobre sua infância:

M: Era basicamente... era mais voltado a estudar, brincadeiras eram bem escassas.

E: Fale um pouco sobre sua adolescência

M: Evolui um pouco nas aulas de educação física.

E: Fale um pouco sobre sua vida adulta

M: Ainda continua nos estudos, só algumas atividades bem práticas aqui mesmo na UFS. Fora da academia, é uma vida normal, tem algumas atividades de lazer... normal.

E: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

M: Sim, as pessoas contribuindo com que aconteça uma maior liberdade de expressão, opinião.

E: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

M: Alguns seminários na época de escola, o auxílio... é o esclarecimento de algumas dúvidas de colegas da escola. Fora da academia, escolhi pelo gosto.

E: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

M: Uma melhor maneira de se expressar, melhor oportunidade de emprego.

E: Que motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

M: O querer. A partir do oitavo ano do ensino fundamental. A família ajuda tanto fisicamente e financeiramente.

E: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

M: Ah, difícil... assim, basicamente as aulas de educação, assim voltadas para educação mesmo. Nas didáticas, nas formas avaliativas, nas diversas formas de avaliar.

E: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

M: O resultado que você obtém disso, as vezes acaba sendo frustrante e acaba te desmotivacionando.

E: O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?

M: Tentar evitar o máximo olhar para esses empecilhos.

E: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

M: A experiência ao longo do tempo, iria preparando cada vez mais.

[Eixo 2: Habilidades Socioemocionais]

E: Como você se vê frente a novas experiências? Aberto ou fechado?

M: Depende. Elas podem ser agradáveis e a gente pode até utilizar futuramente ou a depender não pode ser utilizada.

E: Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida?

M: Principalmente na vida acadêmica, a discussão de alguns textos, a experiências em determinados eventos como o próprio do socioemocionais, possibilitou essa abertura.

E: Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram?

M: A partir do momento que adentra a UFS.

E: como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso?

M: Normal, sem muito problema. Sim, uns 80%.

E: Você poderia citar um momento que foi organizado?

M: Basicamente na estruturação da monografia, na organização dos temas, nas sequências.

E: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso?

M: Responsável.

E: Porque você se considera responsável?

M: Pelo fato de me cobrar responsável.

E: Você pode citar um momento em que você foi responsável?

M: O cotidiano.

E: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso:

M: Beeem tranquilo. A organização, o planejamento. Principalmente tomo a frente, isso. **E: E isso é bom ou é ruim?**

M: Pode ser bom pelo de que querendo ou não você acaba se tornando mais responsável ou então pelo fato de ser um tanto ruim, talvez por nem todos gostarem ou não, mas eu acabo deixando livre a opinião dos demais.

E: Você teve algum conflito com os colegas?

M: Não, não tive nenhum conflito até agora.

E: Como você age em situações que fogem do seu controle?

M: Procuro sanar da melhor forma possível. Primeiro basicamente pensando nas possíveis alternativas que poderia tomar para resolver.

E: Você pode citar algum exemplo dentro e fora da universidade?

Sim, assim foi uma disciplina que eu acabei deixando passar não tava tendo tempo suficiente para estudá-la, mas já na reta final eu acabei retomando e consegui passar.

E: Você já reprovou em alguma disciplina?

M: Não, só em três disciplinas, mas na segunda vez consegui passar.

E: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

M: Huum... eu não sei.... Assim, basicamente algumas características minhas são compartilháveis por outros, a confiança, a esperança.

E: O que lhe deixa inseguro?

M: Huum.... Acho que quando alguém muda o foco de alguma que não tava planejando, assim aí fica meio insegura se vai ou não dá certo.

E: Você se considera um bom aluno?

M: Olhe eu espere que seja bom, ne, porque presto atenção na medida do possível. Prefiro sentar ao fundo, faço parte de grupos.

E: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal? E acadêmica?

M: A questão de disponibilidade de livros, essas coisas. Fiz pesquisa nos computadores mesmo, já que o livro físico não estava disponível.

[Eixo 3: Inovação]

E: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

M: Inovadora. Assim, basicamente eu procuro trazer não só aquele conceito tradicional, mas trazer algumas coisas que estejam ao redor do cotidiano dos alunos. Através de perguntas pra possibilitar a participação ou então a indagação, podem ser imagens, vídeos, ou até mesmo atividades práticas.

E: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?

M: Assim, eu acho que a reformulação de algumas disciplinas. Assim, algumas disciplinas não atingiram a ementa, talvez pelo fato de os professores não serem da área e tal. Mas foram basicamente as disciplinas de primeiro período.

E: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

M: Primeiro à nível dos estudantes, que possibilite a comunicação com a chefia do departamento que consequentemente vai se reunir com o corpo acadêmico e assim, se dialogar possíveis mudanças.

E: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

M: É fundamental rsrsrsr, de opinar, de questionar.

E: O Que tem dentro de você que poderia contribuir para essas mudanças?

M: Coragem.

E: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

M: Eu acho que o apoio. O apoio dos demais talvez não seria tão satisfatório assim, conseqüentemente acabaria me inibindo. Se realmente seria atendido.

E: Que tipo de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

M: Primeiro a vontade né?!, a força de vontade, o querer, ir buscar também.

E: E o fracasso?

M: Se ao longo do tempo ele visse que não seria aquilo que ele queria, isso querendo ou não o frustraria ou até mesmo desistiria ou mudaria de curso.

E: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

Não, basicamente é bem similar.

E: Os alunos sabem quem é cotista? Há alguma diferença?

M: Sabem, mas não há distinção, divergência.

E: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

M: Também não. Basicamente... independente do gênero, porque é uma questão mais... o... eu ...é.... o subjetivo tipo, é opinião de cada um. Então independentemente cada um tem a capacidade, então o fator psicológico não interfira na questão da aprendizagem, da cognição.

E: Você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

M: Não.

E: Agradeço mais uma vez sua participação.

Entrevista 03: Sophia

[E: entrevistadora; S: Sophia]

E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. Bem, nosso objetivo é descrever e analisar o desenvolvimento e a evolução de Habilidades Socioemocionais e as concepções de inovação de licenciandos em ciências biológicas.

E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.

[Eixo 1: singularidades]

E: Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida?

S: Bom, eu moro no Rosa de Maio, em nossa senhora do socorro, eu fiz o Enem 2 vezes pra poder entrar na universidade, entrei pelo sistema de cotas, o grupo g se não me engano que é

pra brancos e 1 salário e meio. Entrei em 2013, tô cursando o sexto período, até o momento sou bolsista pibid mas já tá encerrando.

E: Quem é Sophia hoje?

S: Bom, é..... Hoje eu to mais madura, minha história de vida foi um pouco complicada, é.... quando eu terminei o ensino médio eu queria trabalhar porem como minhas condições financeiras não é e nem são muito boas aí não tinha curso pra poder conseguir um bom emprego, então uma colega minha disse assim: fulana porque você não faz o Enem pra entrar pra universidade aí eu fiz e foi aí que foi melhorando um pouco as coisas né. Aí consegui entrar no pibid, aí tenho uma bolsa... sou casada tenho dois filhos também, rrsr

E: Fale um pouco sobre sua infância:

S: Na infância era bem-querida pelos meus pais, um pouco sapeca fui mudando com o tempo porque antes eu era mais... assim, tipo não era tão tímida era bem sapeca mesmo. Agora não, agora sou mais tímida calada, um pouco nervosa as vezes... eh... assim que eu me considero.

E: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

S: Sim, eu atribuo acho que a tá... assim... que quando a gente vai crescendo a gente vai percebendo que algumas coisas não é pra ser feitas que... tipo, temos que mudar a atitude de algumas coisas que a gente ...faz no decorrer do tempo assim...

Eu engravidei cedo, aí por isso... aí a responsabilidade influenciou... então, esse fator fez com que eu mudasse totalmente meu jeito de ser, meu modo de pensar, e de agir também, acho que foi mais por isso. Casei também aí também tive que ter outro tipo de postura né? atribuo a isso: casamento filhos aí fui amadurecendo.

E: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

S: Sim, eu gosto muito da biologia, gosto ... assim antes, tipo, quando a gente tá nas series iniciais, que são ciências e aí fala sobre os animais, plantas, são bem vistas. Aí tipo a área da saúde que eu também me interessei muito, e foi isso que foi fazendo com que eu me interessasse mais pela aula da área da ciências e biologia. Brincava muito de ser professora de escolinha também quando era pequena. Meu pai dizia que era pra mim ser médica..., mas eu sempre quis ser professora... então foi o ... tipo... o que eu escolhi pra mim foi essa área porque eu gosto muito... Apesar de nas apresentações de seminários eu ficar um pouco nervosa, mas quando eu to em sala de aula mesmo é.... eu mudo totalmente o jeito de ser.

E: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

S: Conhecimento, tipo, eu tinha uma visão de... de ensino... de professor daquele professor que... só era pra dar aula no quadro, sem essas é tipo dinâmicas em sala, jogos, não... por que eu já... eu terminei meu ensino médio no ano de 2004 né? Porém meus filhos também, que é na rede pública que eles estuda também, é ainda aquele ensino tradicionalista... só de quadro olhe lá quando tem algum passeio pra algum lugar ne que são as aulas em espaços não formais e aí aqui na universidade eu vi que pra um melhor, uma melhor abordagem dos conteúdos, assim chamar mais atenção dos alunos... Seria mais interessante... dinâmicas, com jogos... podendo usar espaços não formais também... então a universidade me proporcionou essa visão mais ampla da ... da educação. Não só ficar naquele método tradicionalista.

E: Que motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

S: Então. Por não conseguir rrsr... emprego. Foi que. Aí eu disse... já que não tô conseguindo emprego... minha colega que... ela sempre fazia é o Enem e antes era vestibular.... Que a gente também concluiu em 2004, só que meu objetivo era... era trabalhar... só que aí ... eu ainda consegui um emprego foi em casa de família... como eu não tinha cursos essas coisas... aí foi quando ela falou em fazer e tal ... aí eu o primeiro e não consegui aí já ia desistir também aí minha irmã disse você não disse que é determinada? Porque quando eu coloco meus currículos eu coloco que sou determinada né realmente aí eu é você tá certa! Porque ela disse: isso não é determinação, no primeiro que você reprova já não quer mais continuar. Aí eu fiz eu fiz o segundo e foi aí que eu consegui entrar na universidade. Então, é a minha vida é cheia de histórias.

Sim, a minha mãe, acho que a minha irmã também. Porque era meu sonho ser professora, mudar de vida rrsr que apesar de muitos dizer: ah professor não ganha muito, mas o meu objetivo mesmo, ganhando pouco ou muito o que importa é que eu estou unindo o útil ao agradável, ensinar e trabalhar.

E: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

S: Alcançar meu objetivo que é me formar... é principalmente isso, me formar ter uma estabilidade financeira dar uma vida melhor aos meus filhos são esses os pontos mais que me motiva. É a necessidade de conseguir alcançar algo...

E: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

S: Então, eu tenho muito medo de errar... aí por isso... eu me acho ... assim... um pouco retraída não gosto de falar muito. Mesmo sabendo alguma coisa ...eu tenho medo assim... de não ... ser

realmente aquilo... tipo, de errar mesmo...esse é o meu ponto fraco... o que acaba fazendo ... me desestruturando um pouco. Acho que é psicológico mesmo, é.... eu não atribuo a nenhuma coisa assim não, acho que deve ser ...as vezes eu vejo acontecendo com outras pessoas e talvez por defesa eu ...ser tipo meu ponto fraco esse... assim não querer passar por isso ... por algumas situações que já vi algumas pessoas passando aí acho que é por isso que eu me retraio.

E: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

S: Eu acho que se eu fosse mais segura, mais hoje... mais segura do que ... do que eu penso e do que eu sou eu acho que ... poderia me ajudar nesse caso...

[Eixo 2: Habilidades Socioemocionais]

E: Como você se vê frente a novas experiências?

S: Então... de início a gente fica um pouco... rsrs Assustado. Mas eu gosto de desafios e procuro enfrentar mesmo que as vezes quebre a cara.

E: Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida?

S: Na minha vida acadêmica... novas experiências tipo, eu não ia me inscrever pra participar da bolsa do pibid por que a minha media não era sete, quando eu entrei aqui aí disseram que a média pra conseguir isso era sete, então eu não ia fazer, só que as minhas colegas insistiram pra eu fazer então eu acabei fazendo, eu acho que ... esse foi o.... um momento assim. Na vida pessoal não

E: Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram?

S: Acho que a partir do momento que eu entrei aqui na universidade que eu... que minha... meu modo de pensar acabou mudando um pouco... e ... foi a partir daí...

E: como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

S: Então, eu me vejo assim, organizada. Porem algumas coisas eu tô ...devido algumas coisas que eu acabei fazendo nesse período eu acabei deixando um pouco ... um pouco assim... pouco tempo pra tá mais assim com meus filhos essas coisas..., mas com a organização... é ...a questão e organização de trabalho essas coisas é o que eu é.... to dando ... assim nesse momento é ... Prioridade mais, por esse motivo acabo tendo menos tempo pra o lado pessoal no caso.

E: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

S: Ai, eu me vejo muito responsável. Tipo, com relação ao pessoal... é ... esse lado de responsabilidade, tipo quando a ... no caso minha filha ou meu filho fica doente eu tenho que

deixar... acabo deixando um pouco de lado aqui ... aí eu me sinto responsável por que eu to dando atenção assim de alguma forma.

E: E na universidade?

S: Aqui na universidade eu procuro sempre tá é ... ajudando meus colegas. No caso de trabalho não sou de tá se escorando nos ouros, então eu me considero assim, uma pessoa responsável, nesse ponto de vista, tipo eu sei a hora que tem que parar um pouco pra dar mais atenção ao lado pessoal e a hora que eu tenho que focar mais no lado da universidade. Por isso que no próximo período eu vou manerar mais.

E: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

S: Eu me considero... é uma relação boa, falo com todo mundo daqui da universidade da... é não ... fora... com pessoas que não conheço também ... eu acho assim... que eu sou uma pessoa... Apesar de ser uma pessoa calada, mas eu me comunico com as pessoas, tenho uma relação boa, não sou de deixar assim... pessoas com intriga, não. Me relaciono bem.

E: Como você age em grupo? Você pode citar um momento em que você trabalhou bem ou mal?

S: Então, agora ando é ... rrsrrs... tipo, eu nunca tive problema com trabalhos em grupo, não é isso? Nunca tive, porem de uns tempos pra cá rrsrrs andou acontecendo algumas coisas com.... é ... eu acho que é com as pessoas por que assim, não tem assim um pouco mais de responsabilidade e acaba acarretando num peso maior pra outras pessoas do grupo né. Mas é.... eu levo ... assim de boa. Não brigo, não....

E: E fora da universidade?

S: Fora da vida acadêmica não. Com a família, bem. Passei por alguns problemas familiares, mas é normal.

E: Como você age em situações que fogem do seu controle?

S: Então eu fico um pouco... rrsrrs é. Como se diz... Angustiada, quando acontecem essas coisas eu fico meia... como eu ajo? Não sei descrever assim... na verdade eu não sei como agir nessas situações.

E: Você pode citar algum exemplo?

S: Já, tipo, situações... perder matéria, tipo eu só foco mais aqui na universidade, entende, meu lado pessoal não é assim não acontecem tantas coisas como aqui dentro. Mas tipo, eu não sei como ... eu fico meio assim, perdida mesmo. É horrível né? Não sei dizer como é ... assim eu saio dessas situações ... eu acho que eu nunca saí.

E: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

S: O que me faz especial? Pronto, falar de mim é uma coisa que eu tenho um pouco ... pouca afinidade assim de falar ... dificuldade na verdade, eu tenho dificuldade de falar de mim. Mas o que me difere, acho que é meu jeito de ser, sei lá.

Uma pessoa que pensa nos outros, que... tem que se colocar no lugar dos outros aí talvez por isso que aí talvez acontecem algumas coisas que não deveriam acontecer. Isso aí é uma característica minha, se colocar no lugar do outro.

E: O que lhe deixa insegura?

S: O que me deixa insegura? Então, realmente é o medo de errar, é o que me deixa mais insegura, de tá fazendo uma coisa errada.

E: Quais características que definem melhor você?

S: Eu sou.... é... um pouco... assim... essas partes que é pra mim... tipo assim me caracterizar também é outra coisa que eu tenho dificuldade em fazer, ...

E: Quais são suas principais características?

S: Também não sei... O que me caracteriza? Talvez seja ser ... é ... ser indecisa, ser um pouco... insegura também. Boas é Algumas características boas são: pensar nos outros, tentar ajudar o máximo que eu posso fazer o que eu posso, porém sou um pouco chata.

E: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal?

S: Já. Tipo, quando minha mãe e minha irmã não tem um relacionamento bom as duas, são algumas dificuldades que ... pessoal assim que eu passo, que acaba me afetando.

E: E na vida acadêmica?

S: Dificuldade na vida acadêmica? Tipo, o tempo mesmo rrsrrrs... o tempo pra tá estudando mais. Conciliar é o estudo, a universidade com o ... a vida ...no caso pessoal ...

Já, tipo, porque logo quando... como eu terminei o ensino médio em 2004... lá agente não estudava esse negócio de evolução essas coisas. Aí logo que eu entrei aqui eu peguei a matéria história e filosofia, apesar de ter passado com boa nota, porém aí foi que eu fui descobrindo que existia um cara chamado Darwin, Lamarck, e sobre essa área de ciência natural... essas coisas todas.

S: Então essas coisas por eu ter terminado cedo ... tipo o ensino médio e ter começado tarde na universidade ... é acabaram interferindo em algumas matérias. Aí acabaram fazendo com que eu tivesse dificuldades... eu senti dificuldades em fisiologia básica, acabei perdendo a matéria, chovê mais... biologia do desenvolvimento.... Física então, física eu era boa no ensino médio

quando cheguei aqui tragédia. (risos) . Então, passei também é ...por dificuldades em disciplinas.

S: Então eu atribuo ao espaço de tempo que eu tive de terminar o ensino médio pra começar na vida acadêmica, tipo, estudei em escola pública que... ela não era tão estruturada como agora, agora ela melhorou mais no modo de ensinar assim, não era muito bom, isso acabou refletindo também. Talvez se eu tivesse exposto a minha dificuldade, qual era o problema talvez eu acho que, mas como eu não expus qual era o problema aí por isso não tiveram como ajudar. Tipo, o negócio é que não foi só eu, tipo, a metade da turma, tipo biologia do desenvolvimento tem um alto índice de reprovação, fisiologia também básica, é física mais ou menos também, então acho que o professor também se ele tivesse mudado um pouco o.... o modo de ensinar talvez tivesse ajudado a gente, também por que não só foi eu, muitas outras pessoas também.

E: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

S: Quando eu consigo realmente algo do... tipo expressar alguma coisa. Tipo, num seminário quando eu acho que eu fiz certo, que tá bom aí ... tirei nota boa, aí é o que me faz sentir mais motivada, mas a continuar. Tipo, ver também, no meu caso como eu sou bolsista, eu vi como os alunos ficam quando a gente aplica é.... oficinas, se envolve também na vida acadêmica tipo fazendo monitoria essas coisas, são tipo ... é isso realmente que eu quero ...e o que me motiva a ficar aqui e....tipo levar meu aprendizado pra escola pública que tipo precisa mais sair desse método tradicionalista de ensino.

[Eixo 3: Inovação]

E: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

S: Então, eu acho que eu sou... talvez inovadora. Por querer levar uma... um tipo de educação assim diferente talvez, sei lá, acho que eu me sinto inovadora, eu acho que é meu estilo.

S: Conservadora... Tipo no meu modo de ser, tipo... por ter assim tipo, não sei explicar como é conservadora. Talvez por eu ter aquela... tipo, conservar a tradição de família algumas coisas que a gente faz ...que já vem dos tempos de quando meu pai era vivo, essas coisas, a gente ainda continua. Por esse lado talvez eu seja conservadora nesse sentido de tradição familiar. E inovadora, talvez por pensar assim, querer mudar um pouco a realidade da... tentar mudar é mudar um pouco o ambiente escolar e fazer um pouco coisas mais dinâmicas. Talvez por isso eu seja mais tipo...não sei.

E: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivada?

S: Eu já me sinto motivada a continuar no... então... O curso precisa oferecer bons professores, a pesar de que a maioria assim são, pelo menos os que eu peguei, a maioria são bons. Talvez alguns professores mudar um pouco seu modo de... de avaliar o aluno, de expor o seu conteúdo, também ajudaria muito e de motivar mais. Acho que é isso. Não ver só o defeito do aluno e nem o aluno ver só o defeito no professor (risos) é acho que é isso.

E: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

S: Acho que de toda a comunidade, tanto a.... dos universitários tipo os alunos mesmo e o centro acadêmico, acho que seria isso, tipo uma conversa, ne, dialogar. Acho que é isso.

E: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

S: A minha responsabilidade? Tipo, seria... é.... talvez... talvez não, seria me dedicar mais ao estudo nesse lado do... E também de... procurar assim. É ... meios ... não sei de ... de que chegasse até... é... aquele professor, aquele centro acadêmico, assim as sugestões para mudanças, acho que nesse ponto assim.

E: O Que tem dentro de você que poderia contribuir para essas mudanças?

S: Não sei responder. Tipo, porque eu sou um pouco mais devagar pra aprender, talvez seja isso. Eu sou um pouco mais... assim... pra compreender assim as coisas eu sou mais devagar né? Aí talvez essa seja uma característica que ... me atrapalha de fazer isso aí...

E: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

S: Talvez o medo de não aceitarem, de não ser ... é de mais pessoas porquê... já que não é só ... não resolverem o problema, acho que talvez mais o medo mesmo.

E: Que tipo de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

S: Tipo, querer muito, estudar, porque não é brincadeira (risos), tem que estudar muito, ser inteligente, no caso, não é isso ?! Assimilar os conteúdos, no caso ser.... é para ter o fracasso é deixar o estudo de lado, o curso de lado. Pessoais também eu acho, tipo, talvez aconteceu algum imprevisto ... que faça com que esse aluno desista do curso, acabe tendo fracasso, não conseguindo... Tipo, ser obrigado a trabalhar, por algum motivo... e não conseguir tempo pra estudar, porque é o que a maioria das pessoas deixam o curso é.... não conseguir é tipo relacionar, associar o tempo de trabalho com o do estudo. Acabaria acarretando no fracasso.

S: Tipo, a vontade de tipo, acho que o sonho de ser aquele professor... acho que isso, a vontade de trabalhar naquela área, de ser... mesmo que passe o que passar, eu acho que isso, assim.

E: Você acha que o emocional interfere no desempenho?

S: Sim, acho que interfere sim, tipo se você não está bem estruturado, se você não tiver é.... fluindo bem, acho que não tem como seguir adiante, tipo se você não, se você não está passando por um período bom você não tem como... não tem como, tipo... estudar não vai produzir muito bem, reproduzir no caso o conteúdo aí levaria a um fracasso. Tipo, problemas. Problemas no... com os familiares, doença... também... eu faria... Tipo, poderia fazer com que a pessoa largasse, desistisse, se desestimulasse.

E: E o emocional poderia influir positivamente também?

S: O emocional, acho que pode ser positivo também, tipo, Não sei como responder essa.

E: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

S: Sim, porque a maioria de não cotistas são de escola particulares enquanto a maioria dos cotistas são de escolas públicas e que mesmo que algumas escolas estejam melhorando seu método de ensino, mas a maioria não. Tipo, eu não sou uma aluna muito boa, mas não sou ruim, médio (risos). Sou cotista! Mas também depende muito da base, tipo, da escola que você estudou ... é.... se tinha é.... tipo, se o ensino de lá era melhor, se os professores se interessavam em passar o conteúdo em que o aluno aprendesse, aí, muda um pouco de história, tipo, um exemplo de uma escola assim que eu achei diferente, a minha não! A minha era uma escola que ...tipo, não tinha muito compromisso que tinha professores que só fazia a gente ler livro não davam aula, por que antes de escolher biologia eu também gostava de história, mas tipo, uma professora de história fez com que eu desistisse totalmente da história só por ter que está lendo ali aquele livro e respondendo questão em sala sem discutir nada, acabei me é.... desestimulando isso. Então ... tipo, o modo que você... a sua educação de base, como ela foi, se ela foi um pouco melhor, seu empenho seu desempenho no caso, na universidade será melhor. Porém como a gente passa por uma dificuldade grande na educação pública, então os cotistas aqui na universidade sim! Passam por esses ... tipo, é tem menor rendimento que os não cotistas.

E: E você acha que esse problema poderia ser resolvido?

S: Se fosse, é ... se esse problema já for resolvido lá na rede básica de ensino eu creio que sim. Depende, eu acho que se o professor, talvez quisesse acho que sim, ajudar o aluno. Porém, fica assim... acho que um pouco difícil de não sei, dependendo do conteúdo não sei se ... depende do interesse também do professor né, não sei ele estaria interessado em tipo, mudar um pouco o jeito do... do ensino dele, não sei.

E: E o aluno, poderia fazer algo para mudar essa situação?

S: O aluno? Poderia, assim, na universidade, às vezes, a gente aprende várias coisas e uma delas foi, não entendeu, as vezes que o professor falou, pergunte. Aí não entendeu de novo, recorre

ao youtube. Rsrtrs. Que tem aulas lá. Então, é uma maneira, tipo de a gente está buscando o aprendizado, e na biblioteca, não entendeu o que o professor explicou de novo, entrar ir na biblioteca. Apesar de que o melhor é no caso ou assistindo as aulas, no caso do youtube, fica melhor modo de aprender do que você só lendo o livro, né? Por que você tem alguma dúvida que vai tirar. Também tem algumas matérias que tem monitores também, aí também já ajuda um pouco, nesse contexto dos cotistas.

E: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

S: Não. Acho que é a mesma coisa, tipo se vinham de escola pública e de escolas particulares são diferentes o rendimento, mas se for por ser menino e menina, não é isso? Acho que não. Assim, eu não conheço assim tipo, nunca fiz uma pesquisa assim pra saber assim, quem tira mais, mas assim, acho que não. Meio a meio. Tipo, sempre tinham mais meninas em sala que meninos. Mas em relação a nota não, era igual.

E: você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

S: não.

E: Mais uma vez agradeço sua participação. Obrigada.

Entrevista 04: Alicia

[E: entrevistadora; A: Alicia]

E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. Bem, nosso objetivo é descrever e analisar o desenvolvimento e a evolução de Habilidades Socioemocionais e as concepções de inovação de licenciandos em ciências biológicas.

E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.

[Eixo 1: singularidades]

E: Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida?

A: Eu sou Alicia, estou no segundo período do curso de licenciatura, embora eu já tinha um vínculo anterior, então eu não vou me formar no período correto, vou formar no 4º período. Porque já tenho disciplinas anteriores. Eu tenho 34 anos, sou solteira tenho uma filha e sou professora da educação básica já tô no decimo primeiro ano, na educação básica, escolas particulares e do estado. Na primeira vez que eu ingressei aqui na universidade foi em 2008, eu gostava muito da disciplina biologia no ensino médio, sempre achei muito bacana aí me

apaixonei pela área e acabei fazendo o vestibular, os três fiz três vestibulares e no 3o consegui passar e entrei no curso, no último período eu desisti larguei o curso e aí retornei agora pra concluir o curso. Foi um desafio né, depois de tantos anos, assim. Foi por vestibular, por Enem né, agora o ingresso aqui é só por Enem, eu fiz o Enem e retornei ao curso, (cotas?) Não eu até poderia por que estudei em escola pública e tudo, mas eu fiz ampla concorrência mesmo.

E: Quem é Alicia hoje?

A: Alicia hoje é uma pessoa com mais experiência de vida, né, do que aquela que entrou em 2002 no curso, meu objetivo agora nesse momento é concursos públicos, não na área de educação, mas outras áreas, se aparecer na educação é.... e se o tempo der até a formatura posso tentar também, mas meu foco agora são áreas administrativas. Eu sou mãe né, então eu tenho uma carga de responsabilidade maior, eu preciso me estabilizar e... Conseguir um futuro, garantir um futuro mais seguro pra minha filha, sou uma pessoa feliz, não tenho problemas de autoestima, minha autoestima é lá em cima, não tenho problema nenhum com isso, e essa sou eu, não tem muita coisa assim demais não, sou comum, simples, do interior, é isso, já batalhei muito na vida,

E: Fale um pouco sobre sua infância:

A: Minha infância não foi muito feliz, mas também não foi das piores, é.... Eu fui criada por meu pai desde os 6 anos, meus pai se separaram e eu fiquei com meu pai, é.... Sempre fui extrovertida, sempre fui muito comunicativa, nunca tive problema de socialização nem nada , minha relação com meu pai foi um pouco tumultuada, mas a gente consegui superar isso, a gente briga as vez mais, mas são diferenças de opinião, e assim com o abandono de minha mãe e tudo teve essa carga né, esse peso de que eu era a única mulher, era eu meu pai e meu irmão, ele era mais novo que eu e eu tinha essa carga de responsabilidade acima de uma pessoa da minha idade mas depois também me tornou a pessoa que sou hoje, eu sou uma pessoa que eu corro atrás que eu vou atrás eu não tenho medo de encarar as coisas então tudo tem um motivo ne tudo tem uma serventia.

E: Fale um pouco sobre sua adolescência:

A: Minha adolescência foi no mesmo ritmo né, eu tinha mais responsabilidade do que deveria, mas sempre estudando, meu pai sempre me deu condições de estudo não me batia nada dessas coisas, não tinha agressão física nem nada. Mas ... Eu era uma criança calma, uma adolescente calma, bem assim apesar de ser extrovertida, mas eu era bem tabaroa mesmo ne, aquela coisa do interior, não tinha esses avanços de hoje dessas meninas mais avançadas, sou das antigas mesmo mais tranquila, mas sempre fui extrovertida, gostava muito de estudar, sempre tive

muita facilidade no aprendizado, e ... Sempre fui muito mesmo de respeitar os mais velhos, isso aprendi com meu pai, respeitar os mais velhos, eu não era desse pessoal rebelde não. Mais calma mais tranquila, morava no interior. Vim morar aqui em Aracaju com 15 anos, até os 15 eu morava no interior da Bahia morei em algumas cidades lá, Paripiranga, e aí eu vim pra cá com 15 anos pra fazer o ensino médio, no colégio ateneu. Fiz o ensino médio todo no colégio ateneu. Sempre fui do ensino público, meu pai não tinha condição de bancar no particular pra gente.

E: Fale um pouco sobre sua vida adulta

A: Essa fase adulta foi na verdade uma adolescência tardia né, eu acho que inverti as coisas, eu fui adulta quando era adolescente e fui adolescente quando era adulta, quando eu entrei na universidade a primeira vez, quando eu vi esse mundo, de pessoas diferentes de , de coisas diferentes do que eu tava acostumada, eu nunca fui muito preconceituosa mas não tinha contato com esses universos tão diversos, tão diferentes, então foram contatos que me engrandeceram muito mas também mostraram os assim, festas que eu não frequentava antes, passei a frequentar festas, é... Bebidas que eu não usava, só não cheguei a usar droga nem nada disso, sempre fui careta até hoje eu sou, mas coisas assim conturbadas em termos psicológicos também né, eu fui amadurecendo psicologicamente com esse contato com esses universos diferentes, né... e tanto que teve um momento que deu uma pane no sistema foi quando eu abandonei o curso e tive um momento de depressão, passei 3 meses em depressão, muito sério. Só vivia calada muito calada e não me preocupei de dizer o que tava sentindo nem nada disso, eu ficava pra mim, e aí até chegar a esse amadurecimento, até ter minha filha e tudo, isso foi assim pra opa, vamos organizar essa bagunça aí né. Até isso acontecer foi um momento conturbado, psicologicamente, né, assim, psicologicamente conturbado, foi uma adolescência tardia.

Eu engravidei quando eu tinha 26 anos, eu abandonei a faculdade um pouco antes disso. A minha filha nasceu eu tinha 27 anos, e foi depois de largar, não larguei por causa dela.

Então, é.... Sei lá eu cheguei num momento que eu olhei pra um lado olhei pro outro e disse o quê que eu tô fazendo aqui? Nada que eu faço agrada, eu sempre tive uma relação muito conturbada com meu pai principalmente, é.... é diferença de opinião né, e quando meus pais se separaram meu pai voltou muito essa frustração dele para mim em relação à separação... e.... a gente tinha muitas discordâncias e aí eu olhei pra um lado olhei pro outro e -meu Deus nada que faço presta e ... O que eu tô fazendo aqui? Eu tô aqui só pra agradar meu pai ou só pra agradar minha família e aí, quer saber? Eu não quero não! E aí larguei, comecei a dar aula e larguei!

Não quero não. Uma hora quando eu quiser eu vou, se eu quiser eu vou. Eu sempre achei que ia voltar, sempre tive isso na cabeça, uma hora eu vou, e aí fiquei naquela frustração tive essa depressão, depois comecei a trabalhar novamente e aí quando você trabalha você não tem tempo muito pra ter dedicação não né rsrsrsr você vê, eu tô ocupada que não tenho tempo. E as coisas foram acontecendo, foi quando depois eu conheci o pai da minha filha, aí minha filha nasceu aí não teve mais espaço pra depressão, com uma criança na sua vida... E aí ela é essa luz essa razão de viver na minha vida, por que eu não tinha tava vivendo pra quê eu não sei, e com ela eu tive uma razão um motivo de vida né?

E: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

A: Muitas. Muitas mudanças desde a maneira de se vestir e até a forma de pensar e encarar a vida, foram muitas mudanças né eu era uma menina do interior que foi criada só com pai e irmão, era uma casa de homens, meu pai não é o cara menos machista do mundo ele tem as suas concepções antigas e ele me criou assim, e de uma certa forma até me ajudou é com muitas coisas, por exemplo, como não namorar muito cedo, não me meter com pessoas assim, é de caráter duvidoso, me ensinou sobre essas coisas sobre tudo isso, ele me ensinou muito e então me ajudou e ele tinha e tem essa visão um pouco é mais machista do que a minha por que eu também não sou a mais feminista das criaturas eu também tenho meus lados machistas, mas eu sou bem mais aberta do que ele.

E principalmente quando eu entrei na universidade a primeira vez que eu vi tanta gente diferente, tinha o pessoal de centro acadêmico, com o cabelo todo cheio de dreds e tinha o pessoal que usava roupa de Black sabbat, e as meninas que andavam tão arrumadinhas então tinham pessoas tão diferentes com coisas tão diferentes isso vai mudando a gente né? A gente vai pegando essa vivencia e depois que eu comecei a dar aula também, fui aquela convivência tão grande com adolescentes de todos os tipos, adultos também eu dei aula pra adultos nos EJAs e nos cursos técnicos então sim eu mudei muitas coisas. Principalmente com a maternidade, você amadurece, você muda muito a sua forma de pensar. Eu abri mais os meus horizontes não que eu não fosse uma pessoa que fosse preconceituosa não, mas eu ampliei mais porque eu vi mais coisas então eu fui ampliando meus horizontes.

E: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

A: Na verdade, eu vejo duas, eu vejo o fato de eu ser extrovertida, não tem dificuldade de socializar com ninguém em lugar nenhum, e também vejo, modéstia à parte, eu sou inteligente eu pego fácil as coisas eu consigo compreender fácil as coisas, então eu tenho facilidade pra

estudar e biologia é uma área muito complicada você tem uma série de nomes, de termos, de espécies, e de coisas diferentes e que tá ligada essas duas coisas.

Pra você dar aula, se você troca um desses termos por outro termo que o aluno entenda, se você for muito tímido, tem muito termos na biologia, tem coisas na biologia que são voltadas pra é, por exemplo, educação sexual, e coisas que geram dúvidas, que geram polêmicas, coisas como evolução. Então se você é extrovertido você vai conseguir expressar essas coisas, e tirar uma dúvida do aluno ou trocar por um termo que ele conheça e se não for você pode ficar encabulado, com vergonha, tipo, será que eu vou errar será que vou fazer alguma coisa errada, e eu não tenho problema, vou e falo até o aluno conseguir chegar lá né?

E: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

A: A licenciatura em biologia especificamente ela me traz além de uma vivência muito grande com outros universos, porque ser professor você vive e convive com pessoas diferentes o tempo todo, também traz uma ampliação de certa forma até pra estudo também, porque pelo fato de tantos textos tantas coisas tantas nuances você acaba como que eu vou dizer, acaba facilitando pra pra pessoa que faz esse curso pra quando ela for pra outros cursos outras coisas se torna mais fáceis porque você já passou por uma coisa que foi mais complicado você acaba ampliando seus horizontes.

E: Que motivos lhe trouxeram para universidade?

A: Meu pai foi o principal. Desde cedo (ele dizia) não, vai fazer faculdade! Tem que ser na federal que eu não sou safado de pagar faculdade, não vou pagar faculdade, nem tenho dinheiro e mesmo que tivesse, poderia pedir empréstimo, mas não vou, se vire, se fizer é na federal. E aí isso é faculdade devo muito a ele. Não que eu não quisesse, mas desde criança que ele colocava -tem que fazer faculdade! Tem que fazer faculdade! Por que ele não teve condições, ele não pode fazer quando ele terminou o ensino médio ele foi ele fez um concurso lá no interior da Bahia e então ele tem essa frustração de não ter feito faculdade e principalmente na federal, ele queria que fosse a federal e aí quando eu larguei foi um inferno, mas hoje eu compreendo por que ele ficou tão frustrado rrsrrrs

E: Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

A: Hoje meu suporte é todo o espiritual, o meu suporte emocional é espiritual, é tudo que eu conheço da espiritualidade é a minha fé, esse é o meu suporte para tudo, eu não sou muito de conversar e ter pessoas pra falar sobre mim e essas coisas assim são raros esses momentos que eu paro para falar da minha vida, eu sou muito fechada nesse sentido de expressar os meus

sentimentos, eu sou muito fechada. Então meu suporte mais.... Por.... Pra tudo é a espiritualidade, é a questão espiritual.

E: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

A: Eu hoje eu sou uma pessoa muito determinada, e eu sou uma pessoa encasquetada, eu boto uma coisa na cabeça e eu tenho que ir até o fim né? Até a faculdade que eu larguei eu voltei, eu sou uma pessoa assim, muito determinada, então é isso.

E: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

A: Hoje em dia, nenhum. Eu vou em frente, eu encaro o que for. Só se for financeiro eu acho, mas dá se um jeito.

E: O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?

A: Na questão financeira é fazer concurso só (risos).

E: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

A: Aprender sempre. Quando eu voltei agora pra universidade, apesar de já ter 11 anos de experiência na educação básica, eu tenho visto coisas, é formas de ensino, formas de se relacionar com o aluno, colegas que trocam experiência, professores que dão novos horizontes, e isso, faz a gente melhorar, e aprender eu acho que aprender um caminho pra você melhorar, principalmente como professor, o professor tem que tá atualizando tem que tá aprendendo, tem que tá inovando, pra ele poder também se adaptar as mudanças dos alunos né?

[Eixo 2: Habilidade Socioemocional]

E: Como você se vê frente a novas experiências?

A: Adoro gosto muito de novas experiências.

E: Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida? Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram?

A: Olhe teve um, um momento agora recente com uma disciplina da profa. XXX que ela colocou como proposta da disciplina a realização de oficinas pedagógicas que é uma coisa que eu nunca tinha feito, em sala de aula, eu nunca tinha trabalhado com oficinas pedagógicas no ensino e aí ela colocou aí eu já chamei logo pra fazer lá na escola que eu ensino e já organizei tudo e nós fizemos e foi uma experiência muito bacana que me deu assim um.... Uma visão diferente de como trabalhar com os alunos, eles adoraram muito e essa experiência foi muito

boa. E até tiveram outras também, mas essa foi bem bacana, eu participei de toda a organização do processo já que foi no colégio que eu trabalho, organizei tudo, toda a logística e tudo.

E: E na vida pessoal?

A: Na vida pessoal, maior experiência do que ser mãe não existe. Tudo mudou com minha filha.

E: Como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

A: Então na... Em casa, nas minhas coisas de casa eu não sou muito organizada não. Sou em bagunceira, mas com questões ligadas ao trabalho a pesquisa ou qualquer outra coisa eu já sou mais organizada, embora eu funcione muito de cobra mesmo, sempre deixo as coisas pro final, eu funciono muito assim de supetão, mais eu sou mais organizada com coisas relacionadas a trabalho e tudo, por que na minha vida pessoal sou bem bagunceira rsrsrsr bem bagunçada.

A: Meu guarda roupa é um exemplo rsrsrsrsrrs é um redemoinho, rsrsrsr eu sou toda desorganizada não organizo nada, quando organizo eu não sei onde tá rsrsrrsr

Na universidade, um momento de organização foi esse das oficinas, onde eu fui muito bem organizada, fiz toda a logística, direitinho. Coloquei nas portas de cada sala onde seria cada minicurso com a s pessoas que estariam ministrando. A professora que estava organizando e tudo direitinho, fiz relação de estudantes que estariam assistindo. E isso tem a ver com a universidade e com meu trabalho.

E: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

A: Olhe, eu acho que as responsabilidades são necessárias pra você crescer, não tenho medo de responsabilidades, eu realmente sou uma pessoa muito corajosa, deixando toda a modéstia de lado, mas eu encaro o que vem e seja qual for a responsabilidade eu encarro, porque se chegou até mim é porque eu tenho condição de fazer então eu vou em frente, eu não tenho problema nenhum não, eu encaro toda a responsabilidade, não gosto que ninguém responda por erros meus se eu fizer alguma coisa assim que foi errado eu vou e assumo eu falo. Também não gosto de responder por ninguém, acho que cada um responde por si, e nunca tive problema não com responsabilidade. Eu até gosto, acho que você fica mais maduro, cresce mais, evolui mais.

E: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

A: Minha relação com as pessoas é.... Simples, eu consigo socializar bem, não tenho problema de... De nenhum tipo de barreira, não costumo encerrar com ninguém, sou uma pessoa tranquila, mas eu sou aquele tipo de pessoa também que eu sou a favor do que é certo então se eu acho que é certo vou brigar por aquilo ali, mas, brigar com argumentos, conversando até chega a um consenso, eu sou uma conciliadora, eu consigo, eu gosto discutir e chegar naquele naquela finalidade, também se impor de mais eu não sou assim por que também eu não gosto

que se imponha a mim, não gosto que ninguém mande em mim, gosto de conversar e argumenta e a gente chegar aquele...

Na vida pessoal mais ligado a meu trabalho, conta o aluno né, eu não sou aquele tipo de professora tão autoritária, mas também não aceito desordem, a gente conversa, a gente vai resolvendo vai conversando e eu consigo conciliar isso com meus alunos. Há momentos que a gente fica mais à vontade tem momentos mais, mais sérios, eu consigo conciliar isso bem com eles. E na vida acadêmica a mesma coisa, eu consigo trabalhar bem com os colegas, com os professores, dentro dessa coisa de argumentação, até que os professores às vezes algo que eu não concorde eu chego pro professor e digo professor assim, e consigo, não gosto também de tá brigando, batendo de frente acho que é desnecessário, acho que a gente pode conversar e resolver tudo com argumentos.

E: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso:

A: Eu gosto de trabalhos de grupo, gosto, trabalho bem em grupo, muito embora prefira trabalhar sozinha, mas eu gosto de trabalhar em grupo, não tenho dificuldade não, consigo trabalhar bem, é.... Não sou aquele tipo encostada, eu gosto de fazer às vezes eu tomo a liderança quando eu vejo que as coisas não tá indo, eu vou e puxo a frente, se eu observo que tá indo ou alguém já se elegeu como líder eu vou e sigo também, não tem problema nenhum, sempre colocando minha opinião, mas respeitando a dos outros, mas eu tenho mais a postura de líder, geralmente eu acabo entrando , colocando a frente né, mas eu não tenho problema de trabalhar em grupo, eu até gosto.

E: Como você age em situações que fogem do seu controle? Você pode citar algum exemplo?

A: Eu geralmente eu... dou aquela pausa, respiro e paro pra pensar. Eu já fui muito ansiosa, não que eu não seja ainda hoje, eu até sou um pouquinho, mas já fui muito mais ansiosa, e por ser mais ansiosa eu fazia as coisas muito no impulso, e acabava fazendo cagada né? Hoje já tenho mais uma maturidade, já tenho... eu já paro um pouco, se eu vejo que a coisa não tá do jeito que eu acho que tem que tá eu paro penso, analiso, será que sou eu que to errada? Será que é isso que não tá dando certo? vamo ver, vamo dar um jeito. Eu já paro mais pra pensar um pouco. Se eu observo que àquela hora não tem o que fazer eu paro e me retiro, depois eu dou um jeito. Mas já fui muito mais ansiosa, já fui de meter as caras e Essas coisas.

E: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

A: O que me faz especial acho que é o meu coração, eu tenho essa cara de gente dura né? Mas eu tenho o coração de manteiga, eu gosto de bicho, eu gosto de gente, eu gosto de menino, eu gosto de velho, eu gosto de tudo, embora eu seja muito impaciente, mas eu me emociono fácil, bem fácil e eu acho que o que diferencia e que me torna especial, é o meu coração. Eu sou uma pessoa do bem, acho que você sendo do bem já um caminho bem grande.

A: Como aluna é... até mesmo o coração, eu acabo vendo as pessoas e observando cada um e tentando amenizar as coisas e... é... Conciliar, eu acho que é ser conciliadora, como aluna é ser conciliadora, eu gosto das coisas bem organizadas nesse sentido de que ande tudo bem pra todo mundo. Eu acho que isso se consegue conversando e trazendo consenso.

E: O que lhe deixa insegura?

A: Insegura hoje, na vida pessoal a minha única insegurança é partir sem deixar minha filha encaminhada. Esse é o meu único receio, a única coisa que me ... então eu fico mais é... eu penso mais antes de agir, eu tomo mais cuidado com as coisas pra preservar minha integridade, a minha vida, porque eu preciso estar presente pra dar suporte a minha filha. A minha única insegurança é essa, é fazer coisas que depois acabe deixando minha filha desprotegida. Pra mim não, eu acho que, eu fiz eu tenho que arcar, mas a questão é minha filha, né? A minha insegurança é essa.

Na vida acadêmica, a meu medo é fazer as coisas sem pensar e acabar fazendo algo que prejudique as pessoas. Eu não gosto de prejudicar ninguém, eu acho que coisas que eu observo que vão prejudicar alguém eu acabo: ih não pera aí! Vamo pensar direitinho, e já fico com o pé atrás, porque eu não gosto disso, eu acho que tem que trabalhar pro bem coletivo. O que você não quer pra você, não quer pro outro.

E: Quais características definem melhor você?

A: Eu sou determinada, eu sou muito sincera, o que é um defeito também, por que eu sou “sincericída”, as vezes eu não penso, hoje eu já tô me policiando mais com isso, mas as vezes eu sou sincera demais e isso também atrapalha. É... eu sou uma pessoa carinhosa, mas também sou muito teimosa, quando eu acho que uma coisa tá errado eu brigo mesmo. Então eu sou muito... é... passional! Eu sou muito passional. Isso é o que me define, eu ajo muito com o coração. Hoje eu tô aprendendo um pouco mais a pensar mas ainda eu sou muito passional.

E: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal?

A: Já enfrentei várias né? O fato de ser criada sem a mãe por perto já é uma grande dificuldade. Meu relacionamento com meu pai foi uma grande dificuldade, eu não sabia como lidar com ele, como entender as razões da forma como ele agia, é... dificuldades na vida profissional eu tive

algumas pelo fato de ser... eu sou muito... eu gosto muito das coisas bem feitas, eu gosto de... eu não gosto daquela aula meia boca, e fingir que tô ensinando e o aluno fingir que tá aprendendo, isso atrapalha por que tem escolas que você tem que se adaptar à essas situações né?. E já perdi até emprego por ser muito Caxias em termos de dar aulas mesmo e trabalhar os conteúdos, eram alunos que não queriam aprender, alunos que achavam que já sabiam, eram alunos de cursos técnicos que já trabalhavam na área só queriam o certificado, então eles não gostavam disso e eu acabei perdendo o emprego por isso. Então na vida profissional é aprender a ser mais maleável também, saber como trabalhar em uma turma e como trabalhar em outra turma. Como trabalhar em um colégio e como trabalhar em outro.

E: E acadêmica?

A: Dificuldades na universidade hoje já não tenho mais, mas tive muito no início, por questão de adaptação, é... de como estudar, de como lidar com esse universo todo diferente, eu sou tipicamente do interior, eu sou uma pessoa que meu mundo era muito pequeno, era muito limitado, de repente eu cheguei num lugar bem grande com um monte de gente diferente, com professores que pensam de um jeito e outros já pensam de outro. E essa dificuldade de adaptação no início, mas eu consegui superar isso aí.

Teve um momento também, do outro vínculo, com uma professora, que era a professora de estágio na época, e aí ela pediu minha opinião sobre estágio, e eu já dava aula e eu achava tudo aquilo que ela falava uma baboseira tão grande sabe? eu vou ser bem sincera, tem muita coisa desses teóricos da educação que não bate com a realidade que você vive nas escolas, e aquele curso que eu fiz no começo era um curso que deixava muita brecha pra isso, não era um curso que trabalhava as diversidades, não era um curso que te preparava pra os alunos que você ia ver no caminho, era um curso muito cheio de blá blá blá de pessoas que não viviam aquela realidade. Tinha coisas que serviam e servem até hoje, mas tinha coisas que era muito utópico. E aí eu acabei falando à professora, ela pediu minha opinião, eu nem queria dar e devia ter ficado calada, aí eu acabei dando minha opinião, falei que achava que muita coisa do que ela falava daqueles teóricos eu achava baboseira pura de gente que não tava dentro da sala de aula vendo a realidade e que aquilo não preparava a gente pra ser professor. E ela não gostou, tanto que ela me marcou bastante, e ainda fiz umas duas vezes a matéria e reprovei, aí foi quando eu resolvi abandonar mesmo e pronto.

A: Muitos professores não aceitam críticas, mas outros aceitam. A gente chega conversa e consegue. Mas tem uns que não tem jeito. É típico do ser humano né? Tem gente que não aceita, não lida bem com isso.

E: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

A: Ai, eu gosto muito de coisas novas, adoro aprender coisas novas. Novas espécies, novas formas de ensino, é.... coisas novas. Novos mecanismos fisiológicos, eu gosto de aprender coisas novas, e é o que me motiva, a cada momento você vê coisas que você acha que já tinha aprendido, mas “não, peraí que falta isso, aí você: ah, agora eu entendi, poxa que legal! ”. Por exemplo, eu já tinha feito a parte de plantas, a parte de botânica eu já tinha feito no outro vínculo, mas como mudou bastante a grade eu tive que fazer de novo, aí agora em fisiologia vegetal, principalmente, eu aprendi coisas que eu não tinha aprendido antes, aí puxa que legal. Porque eu achava um saco, mas não é, é legal. Essa coisa de aprender novidades isso me motiva muito.

[Eixo 3: Inovação]

E: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

A: Eu já fui mais conservadora, hoje eu sou mais inovadora, eu, principalmente no trabalho eu sou aquela professora que toda hora inventa uma moda, antes eu gostava muito mais daquela aula de só escrever, eu adoro, aprendo mais escrevendo, e ainda faço meus quilômetros de quadro copiado, mas agora eu busco trazer novidades, né, pros alunos, como os minicursos e as oficinas, eu faço aula de campo, é... eu... recentemente até eles pediram pra ensinar como montar um cronograma de estudos, eu parei minha aula e fui lá montei um cronograma com eles, expliquei a importância e tudo, fiz um grupinho de whatsapp pra gente trocar informações sobre enem, concursos. Aí coloco uns desafiozinhos matemáticos pra poder ampliar também o raciocínio deles. E hoje eu sou mais inovadora, já fui mais conservadora, mas hoje sou mais inovadora. Eu acho que a gente tem que inovar mais, não dá pra ficar na idade das pedras mais não.

E: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivada?

A: Olha, o curso de biologia em si, ele, da época que eu comecei e parei pra essa época agora, ele inovou muito. Ele trouxe uma vivência que nós não tínhamos antes, ele trouxe disciplinas que colocam a gente pra trabalhar com o aluno, pra trabalhar com pessoas diferentes, pra viver novos mundos, pra entender o seu público que você vai pegar mais adiante. Eu acho que ainda falta, tá bem melhor mais ainda falta principalmente essa coisa cultural, de você como professor entender o aluno com suas diferentes vivências com seus pensamentos diferentes pra você não ter preconceito com aqueles alunos, e também não deixar que ele tenha preconceito com o outro,

pra você conciliar isso de um tem uma realidade outro tem outra e você conseguir manter esses meninos em harmonia dentro de uma sala, eu acho que falta mais um pouquinho ainda dessa vivência fora da universidade, com pessoas diferentes, sei lá, visitar uma tribo indígena, ou pegar um pessoal, uma comunidade de gênero diferente, trans e tal, trazer pra fazer um trabalho ou ir até eles, e enfim, pegar várias pessoas diferentes e colocar a gente em contato com esse universo, eu acho que isso motivaria mais também, e deixaria a gente mais preparado pra o que a gente vai enfrentar.

E: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

A: Essas mudanças elas são de uma responsabilidade comum, tanto dos dirigentes da universidade, quanto dos professores, e também dos próprios alunos, porque também esperar que só os professores façam, que só a universidade faça. Eu acho que o aluno também tem que trazer suas dúvidas, seus problemas, suas dificuldades, e pedir, conversar, Professor vamos fazer isso, ou professora vamos fazer dessa forma, vamos criar um mecanismo. Eu acho que hoje o professor, não todos, mas a maioria já está mais aberta a atividades diferentes do que a gente tinha antes, eu acho que essa é uma responsabilidade comum.

E: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

A: Eu acho que a minha responsabilidade é trazer a minha experiência de fora daqui e trazer ideias, sugestões, de repente sentar com os professores como eu fiz com a professora XXX, eu disse professora vamos trabalhar lá e tal, que eu fiz isso não só porque lá é a escola que eu trabalho, mas é uma realidade que a maioria dos colegas vão ver, que é a escola pública, pequena de bairro, ou particular de bairro pequeno, que é o que a gente acha quando sai daqui. A gente não sai daqui e oba passei no concurso, porque não tem concurso. Não sai daqui pra ir prum Máster, pro Amadeus. A gente sai daqui pra ir pra uma escola pequena, de bairro, que paga pouquinho, que tem alunos com problema, que tem pais que são relaxados, mas que tem outros que também são responsáveis, e tem outros alunos que também são dedicados. Então é essa a diferença. Então o meu papel e de qualquer outro aluno é trazer sugestões, suas realidades, suas dúvidas, e trabalhar junto com os outros colegas e os professores pra dividir essas experiências.

E: O Que tem dentro de você que poderiam contribuir para essas mudanças?

A: O que tem dentro de mim é essa minha vontade de socializar, de trazer, mostrar o que eu vivi e aprender o que os outros viveram. Então isso faz com que eu traga minha experiência e que também esteja aberta pra aceitar as experiências dos outros, eu não sou aquele tipo de pessoa fechada, que: ah eu já dou aula há 11 anos eu não tenho nada a aprender! Muito pelo

contrário, eu sempre quero aprender e tô aberta pra isso. Eu acho que estar aberta pra novas experiências e também pra trazer minha bagagem, eu acho que contribuo mais com esse fator.

E: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

A: Honestamente, nada. Hoje nada.

E: Que tipo de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

A: A biologia é um curso que contempla de várias habilidades, ela serve pra o aluno mais tradicional, que gosta de escrever, de copiar, de fazer aquela provinha tradicional, e de estudar pelo livro didático, mas ela também contempla aquele aluno que gosta de ir a campo, de conhecer novas espécies, novas coisas e como licenciatura também contempla essa questão do cara que consegue se expressar melhor, que vai chegar e vai ter uma oratória bacana, então eu acho que o curso de biologia, de licenciatura em biologia é um curso que contempla várias habilidades. E aí cabe ao aluno, né, o licenciando achar o seu ponto forte e trabalhar em cima disso, porque dá pra você trabalhar em várias áreas, em várias habilidades.

E: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

A: Não! Talvez assim, eu acho que é até preconceito o que eu vou falar, eu acho que os cotistas se esforçam um pouco mais, não pra entrar né, porque tem sua vaga lá e tudo bem, mas aqui dentro, é.... Eu falo porque quando eu entrei, eu vinha de escola pública, não tinha cotas na época, eu fiz... Era ampla concorrência no vestibular tradicional, tinha eu e mais umas duas meninas apenas de escola pública, o resto era tudo de escola particular, então, era obvio que eu tinha uma formação um tanto mais defasada, né? Porque escola pública sempre tem uma greve, sempre tem professor que tá desmotivado, uma série de situações que não te preparam do mesmo jeito que o garoto da escola particular, então eu me esforçava mais pra aprender, do que o pessoal que já vinha com uma outra bagagem. E eu acho que a questão dos cotistas também, por que é cota pra escola pública, e a escola pública infelizmente não tem a mesma qualidade das escolas particulares, pelo menos das grandes escolas particulares que é o pessoal que entra na universidade, então eu acho que o cotista quando chega aqui ele tem que se virar mais nos 30, vamos dizer assim, ele tem que ir mais em busca né? o que é bom porque você acaba aprendendo mais.

A: Eu acho que existe só essa diferença de que o cotista, talvez, por vir de uma formação mais defasada ele tenha que se esforçar um pouco mais, mas assim, em termos de entrar e tudo, acho que não. Acho que inclusive os cotistas têm maior nota porque eles se esforçam mais, mas eu acho que...

E: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

A: Não, não vejo diferença não. Acho que todo mundo tem que ralar muito pra conseguir alguma coisa, acho que não. Não vejo isso não, os meus professores até agora, quanto a isso são maravilhosos, nesse sentido, são professores que não discriminam ninguém por qualquer motivo.

E: você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

S: não.

E: Muito obrigada pela sua participação.

Entrevista 05: Dante

[E: entrevistadora; D: Dante]

E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. Bem, nosso objetivo é descrever e analisar o desenvolvimento e a evolução de Habilidades Socioemocionais e as concepções de inovação de licenciandos em ciências biológicas.

E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.

[Eixo 1: singularidades]

E: Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida? Quem é Dante hoje?

D: Bom, meu nome é Dante eu tô no oitavo período do curso de ciências biológicas é... eu entrei pelo sistema de cotas para alunos de escolas públicas, tenho 21 anos.

D: Uma pessoa que acreditou no sonho, que tá próximo de concretizar uma etapa importante, que encontrou uma área que quer fazer isso pra o resto da vida, acho que é o principal, a principal conquista é isso, uma pessoa que tem várias amizades, e eu acho que basicamente é isso, uma pessoa que tá ... eu não esperava que eu chegasse no ponto que eu tô hoje, pessoalmente e profissionalmente, que eu nunca, sempre tive essa indecisão, pra escolher o curso mas a partir do momento que eu escolhi eu resolvi vestir a camisa da biologia e hoje eu não me vejo fazendo outra coisa.

E: De onde você é? Fale um pouco sobre sua infância:

D: Eu sempre fui muito traquino, mas sempre bem disciplinado em casa, assim, nunca fui preso dentro de casa, sempre podia fazer é jogar bola, brincar, coisa que criança faz. Normal, não teve

nada de mais na minha infância assim, nenhum trauma nem nada que me marcasse mas sempre era bem regrada, olhe você vai brincar mais volta tal hora, você vai brincar mas vice tem que pegar sua irmã tal hora na escola. Então eu acho que esse, essa organização desde cedo me permitiu eu manter isso de certo modo, como minhas obrigações, então é uma coisa que eu preendi em minha vida por causa disso, desde pequeno eu sempre ajudei em casa, sempre tive que fazer meu dever, enxugar os pratos, depois podia brincar de bola, depois pode ir pro vídeo game, então acho que esse sistema meio que no meu... indiretamente ele continua.

E: Fale um pouco sobre sua adolescência:

D: Então, eu sempre fui uma pessoa... na adolescência, no ensino fundamental e médio também continuei do mesmo jeito, assim, deixe eu ver como eu posso analisar, não, eu continuei assim, fui sempre buscando cada vez mais meu objetivo que era entrar na universidade e tal, então sempre fui bem aplicado na escola, sempre fui esforçado, era um pouco traquino mas nem tanto, nada de mais, nada que não se justifique por causa dos hormônios né, mas no geral era isso, sempre eu tava na sala de aula, por mais que no momento é de recreio de alguma coisa, fosse... fizesse alguma coisas normais de adolescentes, namoricos de escola, é bagunças e bagunça de brincadeira mesmo mas sempre no momento da sala de aula era de respeitar, o professor, também sempre tive isso de respeitar quem tá numa hierarquia maior do que eu. E sempre me relacionei bem com as pessoas, eu acho que isso também é relevante, desde o ensino fundamental. Tenho amizades desde o fundamental, desde a segunda série. Então eu acho que eu... nem todo mundo consegue isso.

E: Fale um pouco sobre sua vida adulta:

D: Então, eu... atualmente meu principal problema é em encontrar um rumo profissional, ne empregatício, um vínculo empregatício. Isso é o que tá mais me pegando assim, eu acho que se me perguntar assim, qual seu maior problema? É que eu tô chegando num ponto que a biologia me envolveu de um tanto que eu não me vejo fazendo outra coisa e falta concursos, e falta oportunidades até de emprego e eu não quero perder o foco né assim da graduação e nem me vejo fazendo outra coisa a não ser em sala de aula, ou fazendo alguma pesquisa relacionado a biologia, então o meu principal problema é esse hoje. E continuo... meu problema também é que as vezes eu fico muito sobrecarregado porque sempre tem várias coisas pra tá coordenando, se é o grupo da igreja: tô coordenando alguma coisa; se é na universidade, se é um evento tem que tar na comissão organizadora, se é no pibid, mesmo tendo outros bolsistas mas sempre a responsabilidade recai um pouco pra mim de é... De intermediar alguma coisa, então eu acho que essa questão da liderança né, que tem algumas pessoas que tem isso, espontaneamente é

um dos principais problemas hoje na minha vida adulta, as vezes eu consigo ou... não é que atrapalha é porque as vezes supercarrega demais, fica muita liderança junto. E as vezes eu não sei se isso acaba abafando outra pessoa de desenvolver esse espírito de liderança. O espírito de liderança é bom, mas quando você começa a acumular uma série de funções isso vai atrapalhar por que você não vai conseguir ser o melhor líder ne que você poderia ser.

E: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

D: Não, significativa eu acho que não houve mudança. Eu acredito que eu continuo com a mesma essência, os mesmos valores que eu tinha quando criança até hoje. Claro que a maturidade vai vim e a gente vai percebendo que realmente é valido né a gente tem que se importar mesmo, mas tem essência eu me considero a mesma pessoa, não tem nada que mudou assim, drasticamente. Até eu tento mudar algumas coisas que eu me acho muito besta as vezes, mas é algo que eu já desisti por que já faz parte de mim, de ... não sei.... Dizer um não de cara. Mas eu sempre vou... Eu tenho buscado melhora isso por que isso me atrapalha de certo modo, mas é um não quase sim (risos).

E: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

D: Esse... tinha de investigação, sempre me chamou atenção, é uma característica que eu tenho desde sempre. E de se envolver com a natureza, de botar a mão na massa mesmo, de solo, de ter essa curiosidade, eu acho que essa característica de curiosidade vem desde sempre, é de investigativa, sempre na escola era um experimento simples eu tava tentando, é tentar tirar duvida de tudo. Então acho que essa é uma característica que favoreceu muito. Que a biologia permite muito isso, sabe, é descobrindo novas coisas, basicamente isso.

E: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

D: Então, é... além de ser meu ganha pão né, porque eu não me vejo fazendo outra coisa, a não ser algo relacionado à biologia, no geral de tudo, ne? De envolvimento com as pessoas, de confiança, de desenvolver em alguns momentos essa liderança que as vezes acaba é propondo desafios, eu acho que isso também a universidade proporciona muito. Ate de um seminário o máximo possível você se vê no seu futuro profissional, na sua pratica profissional futura, então são pequenos desafios que somados eles vão é... eu não me lembro, eu se pudesse votar atrás é novembro de 2012 quando eu entrei aqui na universidade eu acho que eu tive uma evolução muito grande mesmo, ne, porque eu sei que quando jovem quando adolescente eu era um pouco mais calado, quando tinha dúvidas eu sempre tirava algumas mais sempre tinha vergonha de

tirar outras, e a universidade meio que é .. Fez isso, fez essa seleção né? Não me vejo, se eu tiver uma dúvida eu tiro, se eu tiver que falar eu falo, então essa vergonha que eu tinha, essa introspecção que eu tinha antes eu não tenho hoje.

E: Que motivos lhe trouxeram para universidade?

D: De aumentar a bagagem de conhecimento de poder se aprofundar em alguma coisa, e é basicamente isso, buscar um meio que a gente tenha uma vida melhor né, mesmo tendo esforço mental agora, psicológico, que a gente as vezes tem em final de período que é algo que sempre vai pesar mais, mas que é uma sementeira hoje pra depois a gente vir a colher os frutos né, espera-se que venha a colher os frutos né.

E: Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas? (E fora da universidade?)

D: Basicamente a minha família mesmo, minha avó e minha mãe são duas psicólogas domesticas assim, porque elas sempre quando vê eu cheio de coisa, algumas vezes eu pensei em desistir do curso, pelo menos duas seriamente, e elas sempre confiando né? Eu acho que essa... ter uma pessoa, saber que tem uma pessoa que acredita no seu potencial e lhe incentiva dentro de casa, isso as vezes é melhor do que um profissional. E nesse período todo, de entrar na universidade, antes de entrar e no decorrer da universidade é uma coisa que eu tenho dentro de mim mesmo de não criar expectativa. De não criar expectativa em nada. Então eu não criei expectativa ao passar no curso, eu não criei expectativa pra um possível mestrado, pra passar em uma disciplina. Eu acho que é melhor a gente se surpreender do que ter uma decepção. Então, é o que eu já tenho bem desenvolvido em mim desde sempre, então eu sabia que eu tava passado mas minha mãe me perguntava e eu dizia: sei não, eu acho que não vai dar não. Pra evitar a decepção de outras pessoas e minha mesmo, frustração. Pra isso não servir de um como é que eu posso dizer, dizer que eu tô passado e eu não tá e isso me prejudicar emocionalmente. Eu acho que eu não tenho muitos traumas emocionais por causa disso, por que eu nunca crio uma expectativa muito grande.

E: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

D: O que mais motiva eu... é mostrar todo o potencial é.... não é querer ser melhor nem pior que ninguém. É mostrar as pessoas que com esforço, com o mínimo de esforço a gente consegue chegar longe, eu costumo usar a frase: se eu cheguei você também consegue chegar. Então acho que é, dentro de casa mesmo eu tenho que ser uma referência pra minha irmã. Olhe se eu consegui chegar no mesmo estado que você vive, nas mesmas condições dentro de casa então

você também consegue chegar, meu primo também consegue chegar. Chegar onde eu cheguei e até mais, então eu acho sempre acho que a gente tem que dar o nosso melhor pra ser uma referência e pra ser é satisfeito né? A gente só tá aqui passando esse período de graduação, posso fazer mais duas ou três mas a primeira é essa então eu tenho que dar meu melhor aqui pra que eu possa absolver o máximo, pra que também eu possa como professor transmitir, retransmitir de certo modo, não sei se essa é a palavra certa transmitir, né que ninguém transmite nada, mas que a gente possa compartilhar esse conhecimento com os alunos, acho que o ciclo continua.

E: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

D: É mais um esforço pessoal mesmo de se reorganizar, de detectar primeiro a falha e encarar isso como uma falha e não como o fim né, se eu tô com esse defeito, com esse... essa coisa que não tá me agradando, esse desanimo então tem que buscar é... mitigar aos poucos também que do mesmo jeito que o problema vem aos poucos a gente tem que buscar a solução aos poucos então, eu tô tendo já uns primeiros resultados né, buscar sempre colocar tudo que eu tenho que fazer e ter disposição pra cumprir todas essas etapas e não ficar passando pra depois, passando pra depois por que aí acumula, vira uma bola de neve e a gente, as vezes não tá equilibrado no momento que essa bola de neve vem e a gente acaba se decepcionando mais e tendo mais problemas. Então pra evitar esse stress é melhor que a gente vá se organizando, eu acho que também não é querer resolver tudo de um dia pro outro, mas nesse um mês e eu já tenho percebido que na última quinzena eu tenho me organizado mais do que na quinzena anterior então eu acho que é gradual.

[Eixo 2: Habilidades Socioemocionais]

E: Como você se vê frente a novas experiências? Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida? Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram? E na universidade?

D: Não, eu acho que é valido a gente ter novas experiências por que é justamente com essas novas experiências que a gente vai poder crescer assim, a gente cresce quando tem algum desafio, uma coisa nova, o desconhecido sempre me atraiu, desde sempre. Então, acho que faz a gente refletir, ter um ponto de vista diferente. eu acho que a universidade foi um desconhecido que eu não tinha contato, antes eu me importava muito com o que as pessoas falavam, e depois da universidade eu percebi que a gente pode ser o autor da nossa história, cada um por si, então

eu acho que é isso, de a gente... se deixar levar pelo novo meio que a gente tá, isso não significa dizer que a gente vai tá fazendo algo anti ético, mas que a gente possa conhecer né, daquele universo de pessoas, cada uma com suas características e a gente possa respeitar todo mundo, independente das diferenças, que as vezes é uma visão que quem tá fora da universidade não têm. A universidade ela ajuda muito, pra melhorar nossa vista em todos os parâmetros né e que é valido, e novas experiências é o que a gente vai crescer né? A gente cresce quando a gente tá fazendo uma coisa que a gente não era... anteriormente a gente não fazia então, acho que são validas a gente tem que sempre buscar inovar.

E: Como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

D: Eu já fui mais organizado, não vou mentir, mas eu me vejo uma pessoa organizada, na minha bagunça eu consigo me localizar, então as vezes dá uma doidiça na cabeça que eu só consigo começar a fazer alguma coisa quando tá com o computador organizado, as pastinhas, os arquivos tudo organizados, porque pra mim aquilo me incomoda mais que o quarto bagunçado, e as vezes também até o ambiente mesmo se eu bagunçar o ambiente eu só consigo começar a trabalhar mesmo a estudar algo com ele organizado. Então eu acho que meio que não é uma obsessão por organização, mas saber onde tá as coisas pelo menos é o mínimo que eu acho que tem que ter.

E: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

D: Quanto a responsabilidade eu me acho muito responsável. Porque eu não consigo, eu falei que eu acumulo muita função, mas sempre que eu assumo uma responsabilidade eu só fico satisfeito quando eu consigo cumprir tudo aquilo no prazo, principalmente prazos, eu gosto sempre de cumprir com antecedência. Por que se tiver algum contratempo ainda tem como corrigir sem stress então... quanto a responsabilidade sou mais responsável que organizado eu acho.

D: Então como eu falei, é... Eu também coordeno um grupo, um ministério, um grupo de jovens, e é bem complicado né, e é... jovens, então tem pessoas que são mais responsáveis, tem pessoas que as vezes vai com outros objetivos e não o que é proposto e as vezes periodicamente a gente tem que realizar cortes. Selecionar pessoas pra determinados serviços e realizar cortes e nisso eu sei dizer não muito bem, então eu ... tem que ser responsável por que pra ser justo na verdade né? essa é uma das funções mais complicadas que tem é a gente se submeter a um julgamento de uma pessoa, se a gente pensar em julgar uma pessoa, se ela ta apta pra uma coisa ou não, mas nesse quesito eu acho que tem que ter uma responsabilidade muito grande pra arcar com as consequências e eu acho que pelas experiências que eu tive de cortar pessoas que eu acho

que é uma coisa que, cortar entre aspas né, algo meio violento, mas eu acho que tem que ter muita responsabilidade pra você dizer que uma pessoa não pode fazer isso, não pode servir, não pode ir pra tal lugar porque ela não cumpriu com a responsabilidade dela. Então você tem que dar o exemplo e você tem que sustentar isso.

E: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

D: Eu sempre busco me relacionar com o máximo de pessoas possíveis, eu acho que a gente tem que tá fazendo pontes né? Por onde a gente anda. Desde a escola até a universidade e buscar amizade com pessoas que as vezes muitas outras pessoas não dão importância, o jardineiro, a menina da cantina que as vezes ninguém fala, então a gente... eu sempre busco amizade com pessoas que não são só alunos, professores, então eu me considero uma pessoa extrovertida assim, nesse sentido, mas o fato de eu respeitar e falar com todo mundo não quer dizer que eu tenha amizade com todo mundo, então na minha cabeça eu sei selecionar uma pessoa que eu possa contar pra qualquer coisa né? Pra desabafar, pra ajudar de certo modo, mais energicamente, algo mais concreto na realidade e vice versa e tem pessoas que é pelo relacionamento, eu acho que a gente tá numa turma com 30, 40 pessoas e tem que buscar tá relacionando bem, eu acho que é nossa obrigação né? A empatia com todo mundo é impossível de ter, mas é bom que a gente busque pelo menos o respeito de todos, fica um ambiente bom. Eu acho que isso é válido.

E: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso:

D: Eu é... eu sempre, entra naquela questão, você tá num grupo, eu sempre tenho que ser a pessoa responsável por enviar, a pessoa responsável por fazer a revisão final, porque não é que eu não confie nas pessoas mas é porque até por bem do grupo rsrsr eu acho melhor, as vezes tem um prazo a ser cumprido e eu sei que todos mundo do grupo não vai ser prejudicado e nem eu. E eu não sei se outra pessoa vai ter essa... não capacidade mas esse pensamento de pensar no coletivo então eu acho que eu gosto de é.. De ser um pouco o líder e então eu me responsabilizo sempre pela coisa que é essencial pra evitar contrariar, pra mim e pro coletivo. Em grupo eu sempre gosto de dividir tarefas, mas que todo mundo faça o trabalho junto, não acho que trabalho em grupo seja feito cada um fazendo sua parte e depois junte como quebra cabeça, por que por algumas experiências isso sempre dá errado. Por que, não é por que por exemplo, você ficou responsável por uma parte e eu peguei outra parte que eu não possa opinar na sua parte e você na minha, eu acho que também é importante, trabalho em grupo ele permite que a gente possa transitar em todos, por que melhora o resultado.

E: Como você age em situações que fogem do seu controle? Você pode citar algum exemplo?

D: Do controle não, por que eu me considero uma pessoa muito equilibrada mesmo, assim, muito. Eu penso 10 vezes antes de falar alguma coisa, mas se tiver uma coisinha, vamos dizer se pisar no meu calo vão ver a fera.

E: E na universidade?

D: Na universidade quando eu vejo que uma pessoa tá querendo se aproveitar eu me finjo de cego e deixo ver até onde ela vai chegar e aí eu pra evitar descontar isso em outra pessoa eu sempre tenho uma conversa séria com essa pessoa e digo: olha pra gente não perder a amizade ou coleguismo né, não é nem amizade, eu a partir de hoje não vou fazer nenhum trabalho com você mais. É meu, minha válvula de escape pra não se estressar é essa, já teve pelo menos umas três pessoas que eu chego e falo: pra evitar é melhor a gente não ter.... não conte comigo assim pra nada não, pra evitar. Não gosto muito de conversa nem de se esbravejar, conversa direta, não nada futrico nem conversinhas.

E: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

D: Eu acho que eu nunca tive esse pensamento de parar e pensar porque eu sou especial, mas eu acho que cada pessoa é especial no seu jeito, né, cada um tem suas características. O que vai me diferir de outras pessoas, acredito que é difícil a pessoa ter um... Tranquilidade, eu diria assim, esforço, sou muito esforçado, tranquilidade e espírito de liderança junto. Eu acho que é um pouco complicado a pessoa ter isso, e geralmente quando se trabalha com pessoas você vive muito estressado, então eu consigo ter uma tranquilidade e ter o espírito de liderança e ser esforçado, que eu acho que a gente tem que dar o exemplo, sempre eu trabalho nessa perspectiva, de a gente dar o exemplo, se é um professor em sala de aula a gente tem que dar o exemplo. Então não ficar é.... esperando dos outros aquilo que nem a gente pode fazer. Então eu acho que é isso. De um modo geral, essa pergunta é a mais difícil até agora por que eu não consigo pensar em nada assim anormal, por que aí vai entrar no julgamento das outras pessoas, não sei o que as outras pessoas, qual o problema que as outras pessoas passam. Nos momentos de dificuldade, pelo menos dois, né, foi quando eu perdi meu tio e um acidente que eu já tive de carro, o carro virou, eu tive uma tranquilidade muito grande que até eu depois fiquei pensando: oxe, como que eu pude ser tão tranquilo então eu acho que já é de mim mesmo, quando o estresse é extremo aí é que eu me tranquilizo mesmo, acho que até é uma coisa muito difícil de ter numa pessoa. O carro virou e depois que o carro virou todo mundo tava saindo do

carro e eu perai, calma. Fui pegar o celular e cadê? E a porta de cabeça pra baixo e tinha até uma menina pequena, eram 4 pessoas, né o casal que era meu ex. patrão e a mulher dele e a filha e eu no carro. E o carro virou e do nada, me dê a menina tenha calma, e parecia que não tinha acontecido nada e eu fiquei depois, que cara de pau essa minha, o cara lá com o prejuízo e eu preocupado com a água da menina e ... as vezes é bom pra gente não se desesperar, por que quando a gente se desespera a gente perde o eixo e é pior.

E: O que lhe deixa inseguro?

D: Ah, me incomoda muito, eu não sei se pode ser a justificativa pra insegurança mas se tiver um grupinho de pessoas ou pelo menos algumas pessoas conversando e olhando muito pra mim eu sempre levo isso pro lado é.... da insegurança "O que é que eu tô fazendo de errado aqui? " o que que eu posso tá incomodando as pessoas aqui? Eu acho que isso vai ser um problema em sala de aula, é isso, de se eu to num determinado meio e eu ver algum comportamento que eu não, que me desagrade desse tipo, eu vou sempre pensar que é comigo, por mais que as vezes não seja. Isso me chega a ... eu fico reflexivo num ponto, será que eu tô incomodando essa pessoa em algum ponto? E só o fato de pensar isso eu já... não me deixa com segurança máxima, eu fico meio: oxente o que que tá acontecendo?

E: Quais características que definem melhor você?

D: Eu acho que é bem isso, a tranquilidade, sou uma pessoa tranquila, um cara tranquilo, esforçado, muito, vou usar o termo humano pra uma pessoa que vê, se coloca muito no lugar das outras pessoas, eu acho que isso eu tenho bem. Se tem um problema no grupo ou algo assim, ou tem uma pessoa mais triste eu sempre procuro conversar com ela antes que ela venha conversar comigo, pra ela desabafar ou que for, mas eu acho que é esforçado, humano, simples também não gosto de muita coisa, pra mim o menos é mais, né, como muita gente fala. Pronto, pra mim é isso.

E: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal? E acadêmica?

D: Não dificuldade pessoal, não. Teve uma situação que foi umas das mais complicadas que eu já lidei, de comunicar a duas pessoas próximas a dois amigos, um primo e um amigo de ensino fundamental, um que o pai tinha falecido e outro que o próprio pai tinha cometido o suicídio, então, foram duas situações que eu me vi realmente sem chão e sem saber por onde começar, mas deu pra levar. Foram duas situações traumáticas, não pra mim, no sentido do acontecido, mas a responsabilidade tava pra eu fosse lá contar, conversar com aquelas pessoas, de comunicar. A do meu primo, eu tive que dormir na casa de minha tia, porque já se esperava o corpo e tinha que ter alguém para dar suporte a ele, então, como ele é praticamente um irmão

para mim, então pra mim também foi dolorido, a perda, mas eu não podia passar pra ele a tristeza, marcou muito, porque é uma situação muito peculiar. E no caso do meu colega pior ainda, que o pai cometeu suicídio próximo de onde eu trabalhava e aí eu fui lá ver, e o fato de ver a mãe dele lá no centro desesperada e no meio de tantas pessoas ela olhou pra mim e disse você, por favor, por amor de Deus, vá lá e tente conversar e eu fui o caminho todo pensando e o que eu vou falar, mas tirando esses dois traumas muito grandes, maior do que o acidente e tudo, não teve nada assim tão grave.

E: E na universidade?

D: Na universidade, não... eu sempre gosto de podar as próprias mágoas, porque eu sempre digo: não to guardando dinheiro também não vou guardar problemas. Então, quando tem alguma coisinha ou alguma queixa eu gosto de sentar e resolver antes que isso se acumule.

E: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

D: Não é tirar dez, mas é você olhar uma prova e você conseguir tirar o máximo que você poderia tirar. Eu tenho notas oito mas com mais gosto de dez do que os próprios dez, então se você chegar e pegar uma prova e olhar que aquilo que você respondeu na prova, mesmo um ano ou dois anos depois e você ainda tem noção daquilo, acho que não tem dinheiro que pague essa sensação, não são em todas as provas nem em todas disciplinas, e também seminários, chegar num seminário, você levar um tema e depois de algum tempo você pegar esses slides dá uma olhada e você se lembrar do assunto, como se você tivesse preparado para dar aula de novo, é umas sensações melhores possíveis.

[Eixo 3: Inovação]

E: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

D: Inovadora. Assim, eu me considero assim, uma característica que eu também tenho é de ser criativo, acho que por causa disso eu me considero inovador. Eu faço parte do pibid e então no pibid a gente tem que ta criando sempre atividades, então, teve uma atividade que foi, porque assim, um bolsista fica responsável por uma atividade, mais a frente, teve uma atividade que depois eu pensei, aí depois eu fiquei pensando que eu fui muito criativo e inovador até, sem sair da escola, porque eu fui lá na quadra, observei se tinham as espécies que eu queria, e aí a gente fez um tabuleiro humano, ao invés de ser um tabuleiro jogado na sala de aula, com dados e com pinos, os próprios alunos eram os pinos, acho que foi uma coisa que me marcou, porque deu muito certo, tudo funcionou como tinha que funcionar, e foi inovador até para os próprios

alunos, porque eles relataram lá nos questionários que todas as aulas poderiam ser daquele jeito, então, é só um caso que me lembre aqui.

E: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?

D: Eu acho que, aqui no nosso caso que é um curso de licenciatura, falta aos professores das disciplinas uma preparação um pouco específica, especial, para preparar professores, eles ensinam os conteúdos, mas a gente sabe que ensinar o conteúdo e ensinar a ensinar o conteúdo é diferente. Então, eu tive que correr atrás e muito em algumas disciplinas pra isso, e as vezes a gente ver naquelas disciplinas de metodologia, didáticas, instrumentação de ensino de ciências e biológicas, que a gente tem a necessidade de inovar, mas o que falta aqui no curso é, por exemplo, não teve nenhuma disciplina na ufs que me permitisse, como eu tenho que ensinar, ministrar uma aula de campo, então, na teoria eu sou obrigado a inovar, mas na prática não tenho uma disciplina, por exemplo, zoologia de campo, botânica de campo, para que me prepare para que futuramente eu possa dar uma aula de campo, sabendo que eu posso o que posso abordar. Então, acho que essa é uma das principais falhas, e aí eu tento ler muito sobre, pra que quando por ventura, eu vim parar dando aula nas escolas eu tenho que não, eu critico tanto quem não inova e acabar sendo mais um que não inova também, então eu busco ler muito sobre isso, pra que quando chegar na sala de aula eu possa levar pra campo, não tem laboratório, então eu posso fazer um experimento mais simples, utilizando materiais reciclados por exemplo, é basicamente isso.

E: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

D: Acho que é uma mudança coletiva, os alunos, eu acho que tem que partir dos alunos o ponta pé inicial, os alunos detectar essas falhas, lacunas, eu não vou dizer falhas, e criar, montar uma espécie de documento algo desse tipo, abaixo assinado, e deve procurar o chefe de departamento para que ele, com os professores veja se existe essa possibilidade de ter essas alterações, que a gente sabe também que do mesmo jeito que a nossa carga horaria é fechada, a dos professores é mais ainda porque eles tem que ter produção científica, extensão, pibid, então, pibic, pibix, “os Pes” da vida e ainda mais as disciplinas, e a vida deles também, ne. Então, eles tem que administrar bem, para ver se existe a possibilidade de nas disciplinas já existentes ter essas alterações.

E: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

D: A minha responsabilidade nesse processo..., eu to saindo gente (risos). Eu acho que é detectar o problema como falei e mobilizar, buscar se mobilizar, porque as vezes a gente espera muito

dos outros, dos professores, do coordenador de curso, mas a gente acaba esquecendo de fazer a nossa parte, muito mais cômodo criticar do que resolver o problema, então, buscar mobilizar os alunos, porque falta muito isso, reunião, discussão e tudo mais com todos os alunos, para que juntos, de diferentes períodos, a gente possa detectar quais os problemas do curso e definir algumas prioridades como as questões que são trabalhadas as disciplinas num curso de licenciatura e levar para o departamento. E aí a minha participação enquanto aluno é mobilizar ou participar da mobilização.

E: O Que tem dentro de você que poderiam contribuir para essas mudanças?

D: Eu acredito que a comunicação né, de comunicar aos alunos, de tentar envolver o máximo de alunos com os problemas que cada um acredita que possa existir, no seu ponto de vista qual é o problema que existe na grade do curso de biologia, buscar congregar, acho que a função seria essa, de envolver e congregar os alunos de diferentes períodos né, porque se for alunos de um só período vai detectar apenas um problema que tenha acontecido com eles, no decorrer da passagem dessa turma pela ufs, outros alunos vão detectar outros problemas, então, quando a gente envolve alunos de períodos diferentes consegue ter um melhor resultado. Me considero comunicativo e acho que essa característica é primordial para esse primeiro momento de envolver os alunos.

E: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

D: Eu tenho um perfil de propor mudanças, acredito que sim, porém, entra na questão de ser mais uma responsabilidade e aí eu corro o risco de me sobrecarregar, talvez essa ideia de não envolver os alunos e de ser mais uma responsabilidade isso vá indiretamente bloquear, mais uma responsabilidade, mais uma coisa que talvez você pensa que vai envolver os alunos e eles até podem se envolver, mas na participação efetiva sobrecarregue a mim, no caso. Isso é o principal bloqueio, o medo de me sobrecarregar.

E: Quais tipos de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

D: Ele tem que ser disciplinado acima de tudo, disciplinado e esforçado, acho que isso é determinante para que o aluno tenha sucesso no curso, entendendo sucesso como o melhor aproveitamento que ele possa ter nas disciplinas. Porque as vezes você atribui muito sucesso a uma boa nota, mas as vezes você tira um seis, mas você só tirava três, então, se você tirou seis, você deu um *up*, um pulo. Então, se você buscar fontes alternativas e realmente se envolver nas aulas, e tem algumas aulas que por si só não são suficientes, então, buscar materiais que podem

auxiliar que é isso, buscar alternativas, ser disciplinado e esforçado, disciplinado principalmente. Ter organização de seus horários de estudo, se é hora de estudar é hora de estudar e não tá assistindo jogo, nem assistindo novela, nem tá no celular, abandona o celular por uma hora e estude. Tem até algumas técnicas que eu já li sobre, antes eu tinha uma dificuldade de me concentrar aí tem umas técnicas que você estuda 20 minutos e fica 5 minutos de intervalo para relaxar, então, você concentra naquela atividade que está fazendo e o que iria lhe distrair, eita tem que mandar mensagem para uma pessoa, eita tem que resolver isso, tomar um café, você concentra isso nos 5 minutos de descanso. Acho que buscar essas técnicas, que tem várias, a que mais se enquadra no perfil da pessoa, acho que tem que buscar alguém que já estudou sobre e, que já existe isso e pra ver qual a que a gente mais se adequa, porque isso ajuda a gente a ser mais disciplinado de caso contrário, é muito complicado a gente começar por si próprio, uma organização do nada, tipo vou estudar duas horas seguidas e também sempre buscar...., acho que o contribui muito pro fracasso de uma pessoa é que as vezes ela pensa que ser disciplinado é somente viver em função do curso, da universidade, então eu acho que é um erro muito grande, porque se você fica um final de semana todo em casa estudando para uma prova e você se dá mal nessa prova, o esforço do final de semana todo foi em vão, porque assim, você tá em casa pensa que tá estudando mas na verdade você tá decorando o assunto e na prova você não consegue colocar no papel nada, então, acho que se isso começar a se repetir muitas vezes, ou você vai ser uma pessoa frustrada no curso ou vai buscar outro curso, dosar, ter um horário para fazer uma caminhada, tem um horário que eu quero tomar um sorvete, sair, assistir um jogo, acho que é válido também, não ficar focado só em uma coisa.

E: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

D: Não, eu acho que aqui até essa questão de colocação e tal e tal. Eu já tive essa curiosidade de ir olhar depois, onde tá o arquivo salvo, onde tá registrado onde e qual colocação eu passei, e eu percebendo que quem passou numa posição anterior ou posterior a mim, as vezes... Isso não vai representar o desempenho da pessoa. Quando a gente entra na universidade independente se por cota qualquer ou não, a gente tem que dá nosso melhor, porque aqui é outro universo, é diferente é outro nível de ensino, é superior, então, todo mundo começa do zero, quem passou em primeiro e quem passou em quinquagésimo, então, acho que, independe se é preto, se é branco, pardo, de escola particular, pública, eu acho que aqui dentro é mais da pessoa buscar fortalecer, buscando alternativas de pesquisa, de ensino de extensão, de se esforçar, de se disciplinar em cada disciplina, ficou redundante, mas tá bom, e construir, o que é que eu quero com a universidade? O que é que eu quero que esse curso represente para mim? Sempre

tá evoluindo, cotista ou não cotista é uma classificação anterior a UFS, depois da UFS é por conta de cada um. Não é à toa que eu nunca vi ninguém falando assim, a não ser no primeiro período, poucas pessoas, basicamente quem se classificou por cotas, sempre tem aquela olha assim um pouco com um olhar pejorativo para quem é de escola pública, por exemplo, “Ah, na minha escola, no colégio que eu estudava já tive aula disso, disso e disso, pra mim isso é fácil.” Fazendo uma comparação do meu desempenho para com o dessas pessoas que falaram isso no início do curso, a questão de aproveitamento de aproveitar a universidade eu acho que quem vem da escola pública consegue aproveitar mais do que quem vem da escola particular. Porque, quem vem de escola particular já tem uma boa base e quem vem da escola pública, aí é quando eu acho muito errado quando a escola pública de ter cotas, porque quando tem cotas a gente tá dizendo que a escola pública é inoperante, ela tem falhas, ela é deficiente e que ela precisa ter cotas para que tenha uma representação dos alunos da escola pública na universidade, acho que isso aí é, melhor do que ter cotas era se a gente buscasse reestruturar a escola pública, o primeiro ponto é esse, mas no geral, a gente tem no primeiro ano, por exemplo, biologia celular, e eu não tive uma aula de biologia celular, a professora chegou no mês de novembro, fez alguns trabalhos e pronto. Então, que dizer que a minha base de citologia e histologia é, era fraca com a escola pública, então eu tive que me esforçar a mais, melhorar meu rendimento dentro da universidade pra ter êxito, acho que por isso, na universidade o rendimento é melhor de quem vem de uma escola pública, porque ele tem muitas lacunas na formação do nível médio, e aqui, ele tem que superar, suprir as lacunas do nível médio e começar a construir né o conhecimento do nível superior, enquanto que o aluno da escola particular, pra ele esse assunto começa a ficar maçante, a aula redundante porque ele já viu esses assuntos nas aulas.

E: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

D: Não, acho que não tem. É bem relativo isso, depende de cada pessoa, independentemente de qualquer coisa, acho que a gente entra no zero. A mulher tende a ser mais organizada, no geral, mulheres são mais organizadas que os homens, talvez isso facilite, mas não é fator determinante principal. Acho que é bem, eu não acredito não que tenha influência de gênero nenhuma, do mesmo jeito que tem homem preguiçoso, tem mulher preguiçosa, no curso de biologia claro que vai ter mais mulheres preguiçosas, mais mulheres esforçadas, porque tem mais mulheres (risos), somente isso, mas no geral, tem, do mesmo jeito que tem um aluno esforçado homem, tem uma mulher, do mesmo jeito que tem um aluno mediando homem, tem a mulher, então acho que, o gênero não vai determinar não.

E: Você gostaria de acrescentar algo à entrevista? Algum comentário?

D: Eu achei bem completo o questionário, bem interessante esse ponto de vista de (...), reflete um pouco do profissional que a gente tá se tornando aqui na universidade, talvez fosse interessante pra eu, ter respondido um questionário desse no meio do curso e um agora, pra eu ter essa noção de como eu, tipo dá um salto, ou pra frente ou pra trás, onde eu avancei, onde eu fui retrogrado, então acho que seria interessante isso. Mas o questionário muito completo, muito válido.

Eu senti dificuldade de responder, principalmente, quando é pra falar de mim, eu não gosto de falar de mim, é algo pessoal assim, não sei falar de mim. Acho que é muito vago quando a gente começa a falar da gente, não me vem à mente o que gosto de falar de mim, porque eu acho que o elogio e a crítica verdadeira ela vem de fora então, só por isso. Eu nunca me vejo olhando no espelho e, ah eu sou o tal, ah isso e isso, não. Sou mais um. Assim, olhe: eu sou capaz de alguma coisa né, eu penso assim, tenho uma responsabilidade muito grande, e por isso, acho que eu não preciso tá, eu sou o tal, por exemplo, fico sempre com os pés no chão já porque cai naquela questão de não criar expectativas nem nas coisas, nem nas pessoas, então, eu posso chegar profissionalmente e dizer que eu sou o melhor, e aí todas as pessoas perceberem que outros são melhores que eu, então é melhor eu chegar na minha e de dizer que sou capaz de fazer isso, mas com ajuda a gente consegue, e sempre surpreender as pessoas, não olhe rapaz você é o melhor.

E: Mais uma vez agradeço sua participação. Muito obrigada.

Entrevista 06: Ian

[E: entrevistadora; I: Ian]

E: Olá, gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. Bem, nosso objetivo é descrever e analisar o desenvolvimento e a evolução de Habilidades Socioemocionais e as concepções de inovação de licenciandos em ciências biológicas.

E: A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.

[Eixo 1: singularidades]

E: Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida? Quem é Fulano hoje?

I: Eu ... não sei, a minha história de vida está muito relacionada ao meu curso, eu relaciono muito a isso. Eu sempre quis fazer biologia e eu sempre quis fazer bacharelado pra ser

pesquisador. E eu sempre vivi minha vida dentro da escola e fora da escola também focando muito pra isso sempre focando pra isso, sempre ... e incluindo sempre minha religião, eu sou evangélico e sempre vivi minha religião dentro disso da minha formação profissional e sempre focando pra isso. Aí cheguei na universidade e não foi bem o que eu esperava. E aí eu entrei em crise perdi umas 20 matérias, perdi dois anos, atrasei dois anos e tal. E aí eu resolvi pegar matérias da licenciatura e eu mudei pra licenciatura. E aí eu vi que isso contemplava mais o que eu queria pra minha vida, por que a profissão não vai ser somente nessa área da profissão, isso interpelar todas as outras áreas da nossa vida. A nossa vida pessoal em casa, nossa vida nos círculos de amizade, dentro da religião da pessoa, isso tudo vai tá incluído. Então hoje eu digo que eu tô muito bem realizado em relação ao curso que eu to fazendo, eu tô numa universidade pública onde o curso de licenciatura em ciências biológicas é muito bom. Se você for comparar com o currículo de outras universidades, eu gosto bastante do currículo daqui ... ah ... Eu to fazendo o curso que eu gosto e que eu quero, que eu quero como profissão, eu sei que eu tenho capacidade de passar em mestrado e tal por causa da formação que eu estou recebendo aqui... ... eu consigo é. atrelar isso a minha religião, eu consigo atrelar isso a minha vivencia dentro da casa e dentro da minha comunidade então eu acho que hoje, nesse momento de minha vida eu tô muito bem realizado.

E: De onde você é?

I: Eu sou daqui de Aracaju.

E: Fale um pouco sobre sua infância.

I: Eu tive uma infância muito boa. Dos seis a oito anos, que é uma parte da infância, que eu acho bem importante, eu morava numa casa de onde vem minhas melhores lembranças da infância. Uma casa enorme, enorme, era muito, muito, muito grande a casa. Tinha muitos pátios e muita arvore muita areia e tal e a gente vivia dentro da minha casa, a gente chamava os coleguinhas e brincava dentro da minha casa. Minha infância foi muito boa, meus pais nunca me privaram de nada, eles nunca me bateram por que eu caí no chão, porque eu me sujei. Eles sempre foram: meu filho vá, viva sua infância, vá faça amizades na rua, brinque na rua. Por causa dessa liberdade que eles deram pra a gente, mas era uma liberdade sempre cuidadosa, uma liberdade muito zelosa, e eu tive uma infância muito boa e ... e eu consegui perceber e viver algumas coisas que alguns amigos meus não puderam por causa da presença muito forte e muito autoritária dos pais. Eu acho que isso influenciou muito pra pessoa que eu sou hoje e eu acho que é isso. e.... eu tenho um irmão mais velho, a gente começou a não se dar bem na adolescência, mas na infância a gente se dava muito bem, a gente fazia tudo junto. A gente

brincava junto, a gente inventava brincadeira junto, eu era muito imaginativo na infância. E a gente se bastava sabe? E eu acho que ... ponto.

E: Fale um pouco sobre sua adolescência:

I: Minha adolescência foi muito chata, não gosto de adolescente e eu me odiava quando era adolescente. Eu me odiava. Porque adolescente tem aquilo, ele quer ser uma coisa que ele não tem capacidade de ser ainda por que ele ainda não tá com todas as faculdades mentais, ele ainda não tem toda a sua personalidade construída, mas ele quer forçar a barra para isso. Não sei se todos são assim, sei que todos os meus amigos que eu convivi durante a minha adolescência eles eram assim. Então isso é muito chato, isso bota um peso em cima dos pais que ... claro que eles escolheram ter filho então eles sabiam que iam enfrentar isso, mas se eu fosse melhor orientado sabe? Na minha adolescência, se meus pais tivessem sentado comigo e dito: olhe, você não pode ser agora por causa disso, disso e disso e daquilo e daquilo, então não dá, se controle, tente reverter essas coisas sabe? Manejar esses sentimentos, essas emoções. Não que eles não tenham feito isso, mas se eles tivessem feito isso de maneira mais incisiva, com autoridade de pais que eu acho que na adolescência é um pouco mais requerida do que na infância, pra poder controlar e pra poder ajudar o filho na sua personalidade. Então eu fui bem chato. Tive crises que eram crises idiotas que eram besteiras. Percebia coisas, tratamentos diferentes comigo e com meu irmão que eram besteira, que era coisa da minha cabeça. Então, mas foi isso, mas eles também nunca me privaram de viver sabe? Eles me explicavam as coisas, eles me orientaram muito bem durante a minha adolescência, mas, eu acho que poderia ter melhorado, ter sido melhor pelo menos em alguns pontos.

E: Fale um pouco sobre sua vida adulta:

I: Ainda não cheguei lá (risos) é uma crise que estou tendo agora, estou tendo uma crise muito grande, de verdade. é.. Eu tô na juventude, eu tô terminando o curso, aí vem, eu tenho pouco dinheiro por que eu não trabalho, ainda são meus pais que me sustentam. E eles não se incomodam de me sustentar e eu também não me incomodo que eles me sustentem, por que tem gente que (diz): aí é um peso! Não! Não é. eles escolheram ter filho, eles fazem questão que eu não trabalhe fora para que eu possa focar nos meus estudos então eles têm que me sustentar e eu não me incomodo com isso. e.. enfim, eu tô tendo essa crise porque eu tenho pouco dinheiro mas tenho muitas responsabilidades, e aí ainda tem a cobrança da sociedade, meus pais não cobram muito porque eles são bem tranquilos em relação a isso, acho que agora é só da sociedade porque eu tenho 22 anos e não tenho namorada nem namorado, não tenho nada disso então fica essa : ah você tem que casar, tem que se formar, tem que trabalhar, tem

tudo isso e tal. e.. bem todas as questões que é uma fase de transição, da vida, da juventude pra vida adulta. Não que quando você de torna adulto você deixa de ser jovem, mas enfim né, e aí tá tendo todas essas cobranças e eu tô tentando entender como é que vai funcionar isso, se eu vou conseguir me adaptar a essa fase adulta, se o que é ser adulto? É você pagar contas, conseguir pagar uma conta de luz dentro de casa, é você ter um trabalho é.... o que é ser adulto? Sabe? Eu não sei se isso, se existe, se isso é taxativo pra todo mundo ou se pra as pessoas funciona de maneira diferente. Eu acho que é assim, eu acho que... não sei. Um problema que eu tenho é que eu consigo gerir dinheiro. Eu não sei. Não sei gerir dinheiro de jeito nenhum, então eu chego e é um problema que eu tô tentando resolver pra que quando eu tenha realmente meu emprego eu não tenha esse problema mais. Mas essa é a minha vida adulta, entre aspas (risos).

E: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

I: Houve, quando eu era adolescente eu era muito centrado em mim mesmo, e até o início da juventude eu era muito assim sabe? Eu era bem orgulhoso, e ainda sou um pouco orgulhoso, mas eu era muito egoísta, era muito orgulhoso e não era nem um pouco sensível ao outro, eu não tinha empatia, no caso não conseguia enxergar o outro, no caso conseguir enxergar você no outro e você nele, enfim. E ... é.... eu acho que isso mudou sabe? Aconteceram alguns processos e eu vi alguns amigos passando por outros processos e isso foi me ajudando a identificar coisas em mim que não eram legais e que eu precisava mudar para que houvesse uma melhor convivência comigo, com minha família, com os meus amigos e pra o eu desenvolvimento também sabe? Personalidade, de caráter, minha... meu desenvolvimento cognitivo, todas essas questões. Hoje eu sou uma pessoa muito mais compassiva e sensível em relação ao outro do que eu era antes, isso é um aspecto positivo, eu acho.

E: Teve mais alguma mudança?

I: Teve, em relação a minha sexualidade. Eu sou bissexual e então eu acho que eu consegui me encontrar nisso tudo também. Foi uma mudança muito grande por que existe aquela pressão que existe na sociedade que é muito chata que é muito mas existe, que é a pressão normativa de que você não ... né, principalmente na adolescência que você tá começando a se desenvolver na adolescência, seus colegas ficam com todo mundo e você se retrai por que você não se entende ainda. Então depois que eu entrei na universidade e eu comecei a ter contato com outras pessoas, que também tiveram essas questões na sua adolescência eu consegui entender melhor e hoje eu tô aprendendo a ... a lidar com a minha bissexualidade e com a minha vivencia

acadêmica e com minha vivência na minha casa e com meus amigos e vivência profissional, então isso foi também uma mudança.

E: A que você atribui essas mudanças?

I: Eu acho que principalmente à convivência com pessoas diferentes, acho que é importante que a gente conviva com pessoas diferentes, com pensamentos políticos diferentes, com pensamentos, não sei, de vida, de organização de vida, de pensamentos profissionais diferentes pra que a gente veja na gente o que incomoda o outro pra que a gente não chegue a incomodar nessa questão de que seja irritante de que seja... sabe? E tal e também a gente ver coisas na gente que são aspectos bons e que a gente melhore eles, então eu acho que a convivência com meus amigos que pensam de maneira diferente e a convivência dentro da universidade com pessoas que pensam diferente me fez mudar essas questões, acho que é isso.

E: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

I: Sim, sim. é.. eu sempre gostei muito de ensinar, então quando os meus amigos eles tinham problemas das matérias da escola eles sempre me procuravam. A gente sentava, fazia um grupo de estudos de matemática e essas matérias que eram mais complicadas pra galera né, matemática, física, química, inglês, então eles sempre vinham me procurar e eu sentava e a gente debatia, pegava o livro e ensinava até... e eles sempre conseguiam compreender. e.... acho que isso, depois que eu fiz o bacharelado, que não contemplava mais o que eu queria pra mim, como... em relação a minha vida profissional, eu peguei as matérias de licenciatura e percebi as discussões que existiam, a maneira de licenciatura olhar pra biologia, que é uma maneira diferente do pesquisador biólogo, né, olhar pra biologia. Acho que isso tudo me fez ver que eu me encaixava muito bem dentro da licenciatura. E depois, eu já tive algumas experiências de sala de aula que confirmaram e vem confirmando isso mais ainda.

E: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

I: Eu acho que... não sei. Uma coisa que me ajuda bastante, que têm me ajudando bastante até agora é uma relação à militância negra. Eu faço parte da militância negra e ... e eu ter acesso a escola e a adolescentes e crianças que estão em formação, né e isso tudo, em formação de pensamento e sensibilização da consciência e todas essas questões ajuda bastante nisso, também as questões ambientais de trabalhar com educação ambiental dentro de sala de aula, trabalhar com a sensibilização pra que o aluno entenda que ele está inserido no ecossistema, que foi ocupado pelo homem e todas essas questões. Acho que principalmente nessas duas questões é

o que eu acho que vão me favorecer futuramente e também a estabilidade financeira querendo ou não, porque o professor agora no momento que estamos politicamente no país não sabemos se vai ter concurso público, né? Mas se você consegue um concurso público você fica nele pra sempre. O professor merece ganhar mais? Merece. E todas as questões envolvidas e tal, mas o professor ganha um dinheirinho que é bacana e que dá pra sobreviver sabe? Então eu acho que essas questões é... eu conseguir ter uma conversa com os alunos sobre questões raciais, sobre questões étnicas, conseguir estar conversando com os alunos sobre questões da educação ambiental e conseguir formar os meus alunos para que eles sejam cidadãos capazes de exercer sua cidadania na plenitude e uma estabilidade financeira bacana que eu consiga sobreviver de boa.

E: Que motivos lhe trouxeram para universidade?

I: Eu estudei em escola particular. Minha mãe ralou bastante. Minha mãe é professora do estado e ela ralou muito, muito, muito, pra que a gente, eu e meu irmão, pudéssemos ter acesso à educação particular. Ah... e na escola particular isso é muito mais forte que na escola pública, querendo ou não, infelizmente né. Mas, o foco do ensino médio é pra que você se forme, pra que você entre na universidade e se forme e trabalhe e tal. É uma... uma... exigência muito pesada em cima do aluno. Poderia ele ser um pouco mais leve, um pouco mais branda, é muito pesada, mas isso incentiva muito os alunos pra que eles estudem bastante e entrem em sala de aula. Então, minha mãe é formada em educação física, aqui pela Universidade Federal de Sergipe, e ela tem essa formação, ela foi a primeira a se formar na família dele e tal. Nessa formação dela também de poder entrar na universidade e poder viver isso também me ajudou bastante. Eu ter primos que entraram na universidade, eu ter amigos que, um pouco mais velhos que eu, que entraram na universidade e tal, então eu acho que isso tudo me influenciou pra que eu enxergasse a universidade como uma coisa boa e que ... não é necessário no. se eu quisesse eu não precisaria me formar, tem outras maneiras de exercer profissões, tem outras profissões que não precisam de universidade, mas a universidade é um lugar bacana, pela questão da vivência, pela questão do que eu já comentei das diferenças, sobre todas essas questões.

E: Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

I: Olhe, o suporte emocional eu não sei se cabe aqui, mas minha família, principalmente minha mãe. Toda vez que eu tenho algum problema com alguma matéria ou com alguma prova, com alguma disciplina que eu tô tendo dificuldade de entender o assunto e tal, eu sempre converso: minha mãe eu tô com dificuldade de entender isso, por causa disso, disso e disso. Ela fala: tente dessa maneira, tente assim. Mas porque você tá assim? Tem alguma coisa por trás disso. Não é

por causa da matéria. Então eu acho que minha mãe principalmente ela me ajuda bastante com isso. Eu queria encontrar esse tipo de acesso com os professores daqui da universidade, mas é muito complicado. A gente entende a vida corrida deles, a gente entende que... muitos professores só disponibilizam 3 horas na semana pra atender os alunos e tal e.... eu acho que eu sinto uma falta disso também aqui na universidade sabe? Não só isso mas de sentar com o professor e falar: olhe professor eu tenho essa dificuldade, eu tô passando por isso, tô passando por esse problema e por isso não to conseguindo compreender isso, isso e isso, como é que você pode me ajudar? Como é que eu posso desenvolver melhor na matéria e tal, então eu sinto falta disso na universidade.

E: Você consegue pensar em alguma ferramenta ou em alguma coisa que você possa fazer para mudar essa realidade?

I: Olhe, eu nunca parei pra pensar nisso não. De verdade agora que você me questionou..., mas não sei, de verdade, eu não sei. Eu não sei se.... não é querendo diminuir os monitores, mas eu não sei se os monitores eles têm uma carga emocional e psicológica muito bem construída muito bem desenvolvida pra atender esse tipo de problemática que os alunos possam lhe trazer. Mas, eu acho que ... não sei. Eu acho que é uma coisa que seria bacana seria colocar os professores do ensino básico, da educação básica em contato com os alunos que estão tendo dificuldades pra que posam estar ajudando e tal, não sei, poderia ser um programa de extensão bacana que poderia ser.

E: Você sente que alguma coisa lhe impede de propor coisas desse tipo?

I: Tenho, sim tenho, o departamento de biologia ele é um pouco fechado nos professores, então é.... a gente só foi descobrir que aluno podia assistir as reuniões do departamento, poderia estar presente nas reuniões do departamento... foi no fim do ano passado, que a gente foi descobrir isso e tipo, é uma coisa que tá no estatuto e que a gente tem acesso que a gente deve estar lá que a gente passe a nossa opinião também. Então, se a gente não tava sabendo disso não é só porque a gente não foi atrás, é porque também não foi divulgado, eu acho que tem que se debater essa problemática, não são todos os professores que são assim, são alguns que são fechados dentro do círculo dos professores e os alunos não tem acesso então acho que isso é bem complicado.

E: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

I: O que me motiva? Sinceramente, eu acho que um pouco de reconhecimento. Eu quero um pouco de reconhecimento sabe? E eu sei que esse reconhecimento não vai ser pra mim, não é

uma questão de meritocracia, é uma questão de compartilhar os as minhas conquistas. Eu acho que uma dessas, uma coisa é isso. Eu acho que também é... não sei eu acho que mostrar que um jovem negro periférico pode chegar aqui e conseguir conquistar essas questões, essas coisas assim como... outras pessoas com acesso a educação melhor e todas essas questões e também por uma questão profissional minha, por que eu vou ser um profissional e eu não posso ser um profissional qualquer eu tenho que ser um profissional bom tenho que me empenhar na faculdade então eu tenho que sim tentar ser o melhor da turma, tenho que tentar ser participativo nas turmas, e sentar pra escrever um trabalho e escrever um trabalho muito bom sebe? Que seja reconhecido pela professora. Isso tudo vai influenciar na minha vida profissional mais tarde. Eu acho que É isso.

E: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

I: Dificuldades?, eu acho que ultimamente... é... o que tem me impedido é que eu procrastino demais as coisas então isso dificulta bastante e outra questão são alguns processos psicológicos que eu tô passando agora em relação à minha sexualidade, sabe de chegar em casa e ter que todo dia arranjar coragem de contar pros meus pais e conversar com eles e depois eu desistir por não saber como eles vão reagir e várias outras questões então eu acho que ... esses dois principalmente são os que tem me dificultado a ... é isso.

E: O que você poderia fazer para mudar essa situação?

I: Bem o que eu queria fazer é.... era... me consultar com um psicólogo (risos) fazer terapia (risos) mas é.... eu acho que só isso não bastava porque o psicólogo não vai dar jeito nas coisas, o terapeuta não vai dar jeito. Ele só vai me ajudar a identificar os processos que ... ele me ajude nesse caminho é pra que eu consiga atingir as soluções e conseguir reverter esse quadro. Então eu acho que é eu sentar de verdade e parar e analisar todo o panorama da situação e.... conseguir ver: será que... eu tenho esse problema, será que se eu fizer isso vai resolver? Parar realmente, sentar e procurar amigos, pessoas que eu sei que já passaram por isso e tentar resolver isso.

E: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

I: Não sei, eu acho que falta um pouco de incentivo do governo. A gente tá vendo que tão cortando bolsas de pibid, tão cortando vários tipos de bolsa, o departamento de biologia não tem nenhum tipo de atividade de extensão com as escolas. Eu sei que tem o emane que é do departamento de ecologia, mas o departamento de biologia ao qual eu faço parte não tem nenhum tipo de atividade de extensão, a gente não recebe incentivo da sociedade pra ser um professor. Eu tava na escola onde eu fiz estágio I agora, estágio de observação, e eu tava deitado no sofá da sala dos professores aí chegou a professora de inglês e eu me apresentei pra ela por

que eu tava num espaço que era dela e eu me apresentei pra ela, disse que era estagiário, que fazia ciências biológicas e queria muito ser professor tal, tal, tal, aí ela disse: você quer ser o que? Desista dessa vida, desista dessa vida. Você não vai conseguir chegar em canto nenhum assim não. Professor não serve pra a nada. A gente é desrespeitado, a gente é não sei o que, se um filho meu resolver ser professor eu vou encher ele de pancada até ele desistir. Eu fiquei assim: nossa, (risos) então a gente vê que dentro da nossa própria classe profissional a gente não tem. Então eu acho que são essas questões. Começando na gente sabe? Eu acho que sou eu que tenho que mostrar pra sociedade tem que mostrar pra o departamento de biologia que eu necessito de melhorias dentro da minha formação é um curso muito bom? é. é.... a grade é muito boa mas tem coisas que poderiam melhorar tem coisas que poderiam ser retiradas da nossa grade, e ser acrescentadas outras.

[Eixo 2: Habilidades Socioemocionais]

Não foram feitas as perguntas desse eixo pois esta entrevista só foi utilizada por uma das pesquisadoras.

[Eixo 3: Inovação]

E: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

I: Acho que eu sou inovador. Se você pensar que conservadorismo no brasil é ser totalmente quadrado, é você olha pra política e ver os reflexos desse conservadorismo dentro da política, eu me considero uma pessoa inovadora. Eu acho que é sempre bom saber? A gente tentar sentar e analisar a situação e ver o que pode ser mudado e ver questões novas que vem aparecendo e ver tudo isso eu acho que....

E: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?

I: Eu acho que dar mais abertura pra os alunos fazerem coisas. Fazer coisas dentro da universidade e dentro do departamento. Eu acho que abrir oportunidade para os alunos darem minicursos darem palestras porque a gente tem sim carga de vivência profissional, a gente tá em laboratório, a gente tá em escola no estágio, tem gente que já trabalha e tem todas essas questões e tal. Eu acho que isso ajudaria bastante a gente, principalmente isso, dar mais abertura pra os alunos participarem e pedir a nossa opinião de verdade sabe? Não ficar fechado só em colegiado, só em departamento nessas questões, mas pô não são eles que tão vivendo isso aqui sabe? Eles tão passando conhecimento e essa troca de ensino aprendizagem e tal, mas os

protagonistas são os alunos, então eu acho que procurar e pedir a participação dos alunos é uma coisa que eu acho bacana.

E: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

I: Eu acho que tem que começar nos alunos, eu acho que tem que começar na gente. Eu acho que conseguir identificar esses problemas e a partir disso é.... disseminar esses pensamentos e essas questões entre os alunos e depois levar isso como um pensamento único dos estudantes pra os professores. Eu acho que é isso. Por que não adianta só eu achar isso e os outros alunos não acharem e eu pedir esse tipo de atividade pra departamento e os alunos acharem ruim que tá tendo esse tipo de atividade sabe? Então tem que ser uma atitude coletiva.

E: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

I: Eu acho que seria parar, pensar melhor, planejar algumas coisas e conversar com os alunos e tentar... e começar a incitar isso no outro sabe? Pra que essas questões sejam levantadas pra saber deles o que precisa ser melhorado pra que a gente seja mais incentivado, seja melhor motivado e eu acho que é isso.

E: O Que tem dentro de você que poderiam contribuir para essas mudanças?

I: O que tem dentro de mim? Eu acho que um pouco de vivência profissional, porque eu já trabalhei dando aula por um tempinho bom, então eu acho que essa vivência profissional que eu tenho, que não é vasta, não é mais é uma vivencia profissional. Foi numa escola periférica pública e tal, então isso tudo vai influenciar mais ainda. Eu acho que isso tudo ajuda sabe eu acho que é uma coisa positiva nisso, nessas questões.

E: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

I: Aí as vezes eu acho que é só eu que acho assim então não tem necessidade de eu compartilhar. Eu acho que isso é uma dificuldade, é uma coisa que me impede muito de me expor.

E: Quais tipos de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

I: Quais tipos de habilidades? Eu acho que... primeiramente, não eu acho que igualmente. Primeiramente não! Igualmente é... o incentivo dos professores e o esforço dos aluno de querer correr atrás e de sabe, e de se esforçar pra que seja um bom profissional futuramente então eu acho que essas coisas, essas duas coisas. pode ser que em casos não aconteça isso por questões de privilégios de ... privilégios de sexo, privilégios de gênero no caso né, privilégios de etnia, de cor, privilégios de QI com o professor de quem indica, tem essas questões e isso tudo vai influenciar mas eu acho que ainda assim, pelos casos que eu vi, pelos casos que eu sei, que eu

vivenciei de perto, eu acho que o que conta mais, pelo menos aqui na minha realidade, no curso de biologia é o aluno entender que ele é capaz e que ele pode chegar lá e ele sabe trabalhar nisso, em cima disso.

E: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

I: Olhe, eu não vejo diferença, de verdade. De verdade mesmo. É notável que alguns alunos cotistas eles não viram alguns assuntos, eles não entendem algumas coisas, eles têm um pouco de dificuldade na escrita e todas essas questões. Não todos são assim, é uma parte que existe, que eu sei por causa que na minha turma tinham cotistas e eles eram meus amigos e eu conheci e eles me falavam isso, mas se você pegar o panorama geral, das pessoas que eu conheço eu não consigo diferenciar o desempenho dentro do curso.

E: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

I: Eu acho que as mulheres, por toda essa questão de que elas precisam, sabe? É uma merda isso, me desculpe a palavra, mas é muito ruim isso, mas, infelizmente as mulheres tem a necessidade de se auto afirmarem na sociedade e mostrar que são capazes e eu acho que elas... isso existir na sociedade faz com que eles se empenhem mais e sejam mais esforçadas que os homens no curso. Existe diferenças de notas, é notável isso, na minha turma só tinham 5 homens é.... eu era um aluno mediano, graças a Deus hoje minhas notas são melhores, mas eu era um aluno mediano, o outro menino tirava notas baixas, os outros mais ou menos e as meninas elas se destacavam mais. Não sei se por causa da diferença de número de homens e mulheres mais era muito notável, muito distintas as notas, sabe?

E: E pessoas com deficiência? Você sabe de alguém no curso que possui deficiência?

I: Sim, tive a oportunidade de conhecer sim, eu tive aula com, acho que até agora eu tive umas 3 aulas com um menino que ele é especial, não sei qual é a questão dele e tem outra menina, eu peguei aula esse período com uma moça que tem um tipo de atrofia dos músculos e que afetou um pouco a fala dela e a cognição dela. E apesar disso eles são alunos muito bons, eles são alunos que têm notas muito boas. Esse menino que eu peguei aula, ele em botânica era impressionante, nas matérias de botânica ele foi muito bem, muito melhor que eu, assim ó de lavada que eu sou uma pessoa comum entre aspas né, que sou visto como comum e normal dentro da sociedade então eu acho que sim.

E: Você já presenciou ou soube de algum tipo de preconceito ou discriminação de qualquer tipo no curso?

I: Em relação a raça, à etnia eu nunca vi, nunca presenciei, dentro do nosso curso né dentro do nosso departamento eu realmente nunca vi, existe, é claro que existe, mas é muito velado e as

peessoas tem medo né falar. Em relação à alunos especiais eu também nunca vi. Eles, pelo que eu vejo, eles são muito bem tratados por todos, eles são tratados igualmente, são muito bem aceitos por todo mundo e tal. Em relação a mulheres eu já vi. Eu já vi professores sendo machistas, professores sendo misóginos e já vi professor dar nota pra aluna por que ela tem peito grande e me dar... e não me dar nota eu tendo acertado a mesma questão, e ele deu a nota pra aluna e pra mim. Então eu acho que todas as questões e eu acho que isso é um tipo de preconceito também né você dar nota pra aluna por que ela tem peito grande e tal. Então eu acho que principalmente com mulheres aqui dentro do nosso curso.

E: Você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

I: Não.

E: Então mais uma vez agradeço sua participação.

ANEXO 01: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Inovação Inclusiva: O protagonismo discente no contexto das políticas afirmativas em Educação Científica

Pesquisador: Aline Mendonça Santana

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 61096316.5.0000.5546

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.877.804

Apresentação do Projeto:

O projeto pretende estudar a Inovação inclusiva, forma de capacitar os alunos, observando suas singularidades, para que eles, emancipados, tornem-se protagonistas do seu conhecimento e busquem formas de se incluir no contexto universitário.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever as singularidades dos alunos do curso de ciências biológicas licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, e e compreender as concepções de inovação deles relacionando-as com suas especificidades e senso de auto representação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta riscos mínimos por envolver a situação de exclusão podendo acarretar desconforto ou constrangimento, mas estes riscos serão revertidos pelo sigilo dos participantes.

Benefícios:

Pesquisa de cunho social que pode gerar debates sobre empoderamento e inclusão de sujeitos no meio acadêmico.

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

CEP: 49.060-110

E-mail: cephu@ufs.br

Continuação do Parecer: 1.877.804

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior, intitulado “Humanização na Formação de Professores de Ciências e Biologia: um projeto inclusivo”, utilizará entrevistas semi estruturadas com os alunos participantes do mini curso de extensão sobre como desenvolver as habilidades sócio emocionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador acrescentar no TCLE o risco e benefício da pesquisa descritos na versão da Plataforma, antes de apresentá-lo aos participantes da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomendamos ao pesquisador acrescentar no TCLE o risco e benefício da pesquisa descritos na versão da Plataforma, antes de apresentá-lo aos participantes da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_748895.pdf	20/12/2016 09:58:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	20/12/2016 09:58:34	Aline Mendonça Santana	Aceito
Outros	comite.pdf	07/12/2016 14:58:31	Aline Mendonça Santana	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	17/10/2016 17:27:50	Aline Mendonça Santana	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_Aline_Santana.docx	28/06/2016 16:21:56	Aline Mendonça Santana	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

CEP: 49.060-110

E-mail: cephu@ufs.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.877.804

ARACAJU, 21 de Dezembro de 2016

Assinado por:
Anita Hermínia Oliveira Souza
(Coordenador)

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

CEP: 49.060-110

Telefone: (79)2105-1805

E-mail: cephu@ufs.br